

Maiara Pereira Cunha

**REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS DO DESASTRE NATURAL:  
O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DO VALE DO ITAJAÍ/SC**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Psicologia.

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cunha, Maiara Pereira Cunha  
Repercussões psicológicas do desastre natural: :  
o que dizem as crianças do Vale do Itajaí/SC / Maiara  
Pereira Cunha Cunha ; orientador, Lucienne Martins  
Borges, 2018.  
193 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. crianças. 3. desastres naturais  
. 4. enchentes. 5. saúde mental. I. Martins Borges,  
Lucienne . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares: mãe, pai, madrinha e namorado. A minha mãe, pela dose diária de bom humor, de fé e afeto que nutre e acalanta. Ao meu pai, por me ensinar o valor do trabalho e da seriedade no que se faz. A minha madrinha, por suas palavras de incentivo ao longo de toda a vida. Ao meu namorado, pelo companheirismo e pelas escutas em meio às angústias do doutoramento. Ao meu pai e ao meu namorado, agradeço pelo apoio logístico durante todo o processo de coleta de dados. Muito obrigada, família!

Aos meus colegas, Adriano V. Azevêdo e Aline Jacinto, pelos momentos compartilhados. Dividir o apartamento com vocês foi muito prazeroso. Agradeço pelos bons momentos ao redor da cozinha onde comíamos e sonhávamos com os percursos das dissertações e teses. Os trabalhos foram concluídos, seguimos em rumos diferentes, mas os laços de amizade permanecem.

Aos amigos “dos sonhos que são possíveis”, João Rodrigo Maciel Portes e Roberta B. Alves, pela parceria desde os bancos da faculdade de Psicologia ao dia a dia nos encontros com o (a) colega de trabalho. Agradeço pelas trocas, o apoio e o encorajamento.

A minha orientadora Professora Lucienne Martins Borges, agradeço pela sua paciência, por possibilitar que ao longo desses seis anos de convívio eu reorganizasse o meu “guarda roupa interno”, por me despir de algumas “roupas” que não cabiam mais e por me apresentar a novas possibilidades de escolhas. “As roupas que visto hoje são confortáveis e me fazem sentir bem”. Obrigada pelas orientações atentas, pelo seu cuidado e modelo exímio de profissional.

Ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Cultura (NEMPsiC), aos membros atuais e aos que já fizeram parte, - bem como à Cecília Braga Bezerra -, agradeço a todos pelas trocas e aprendizagens sensíveis às diferenças culturais. E, em especial, à Ana Sofia Lima Guerra, Laura Cardoni Ruffier e María Gabriela López Peralta, pelo auxílio nas transcrições. Obrigada, gurias!

À professora Dr.<sup>a</sup> Ariane Kuhnen que fez parte da qualificação do projeto por meio de apontamentos que contribuíram para a elaboração da presente tese e por ter aceitado participar da defesa.

À professora Dr.<sup>a</sup> Carina Nunes Bossardi, por sua disponibilidade em ter aceitado participar da defesa e pela leitura atenta a presente tese.

A professora Dr.<sup>a</sup> Marina Menezes, por ter participado ativamente na qualificação do projeto, por suas sugestões metodológicas

e por me propiciar inúmeras aprendizagens. Obrigada por todos os ensinamentos, pelo modelo de competência e ética profissional.

À Karla, Coordenadora da Atenção Básica da cidade de Itajaí, em 2015. Às Agentes Comunitárias de Saúde do bairro Cidade Nova e à Geovana Silveira, responsável pela Instituição onde também ocorreu a coleta de dados. Obrigada pela acolhida e impulso ao longo da coleta de dados.

Aos familiares e às crianças que gentilmente participaram dessa pesquisa, pois me possibilitaram o acesso às suas casas e suas histórias de vida. Em especial, às crianças, por me permitirem poder escutá-las e adentrar em suas formas singulares de compreenderem o mundo. Com vocês, valido a minha escolha de me debruçar ao estudo e ao atendimento clínico de crianças e adolescentes.

Ao Programa de Pós-Graduação pela sua excelência quanto ao ensino e pesquisa e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que me proporcionou o apoio por meio da bolsa de estudo. Muito obrigada!

Cunha, M. P. **Repercussões psicológicas do desastre natural: o que dizem as crianças do Vale do Itajaí/SC.** Florianópolis, 2018. Tese Doutorado em Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucienne Martins Borges

Data da defesa: 06 de abril de 2018.

## RESUMO

Os “desastres naturais” na região Sul do Brasil, especificamente no Vale do Itajaí/ SC, são recorrentes e, em sua grande maioria, ocorrem devido às enchentes e atingem crianças e adultos. No caso das crianças, a experiência de ser exposta ao desastre natural pode culminar em uma situação de vulnerabilidade ou ainda deixar marcas na vida adulta. Sendo assim, por meio da presente tese, pretendeu-se compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural. Para responder ao supracitado objetivo a pesquisa teve caráter exploratório, de abordagem qualitativa, foi realizada com participantes escolhidos intencionalmente, isto é, crianças e familiares que passaram pela enchente de 2011 e embasou-se no referencial psicanalítico. Ao total, 44 pessoas fizeram parte dessa investigação, dentre as quais 22 eram crianças e 22 seus respectivos familiares. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada com o familiar, outra com a criança e, em seguida, a aplicação da técnica desenho-estória com tema. Nessa, solicitou-se que a criança realizasse cinco desenhos com temas específicos: livre, como se sentiu com a enchente, como se sentiu durante a enchente, como se sentiu após a enchente e, por último, o que ou quem a auxiliou no enfrentamento das experiências ligadas ao evento de 2011. Todos os áudios foram gravados, transcritos e sistematizados com o auxílio do Atlas/Ti 7.0. Em seguida, para a análise das entrevistas e da história foi utilizada a análise de conteúdo categorial, proposta por Bardin. Ao compilar os dados obtiveram-se as seguintes categorias de análise: 1. A enchente, 2. A enchente e seus impactos, 3. Fatores de risco, 4. Fatores de proteção e 5. Redes de apoio. Com o primeiro elemento de análise, constatou-se que a enchente de 2008 ficou marcada pelas “*Lembranças*” da destruição e o “*Inesperado*” em 2008. Com a enchente de 2011, reforçou-se a “*Preparação*” da comunidade, as “*Mudanças na rotina familiar*” durante e após o evento, as “*Perdas*”

*materiais*” e a “*Reconstrução*” por parte dos atingidos. Como impactos, destacaram-se: a “*Ambivalência*” e a “*Tristeza*” por parte das crianças; o “*Medo*”, a “*Alegria*”, a “*Hipervigilância*” e o “*Esquecimento*” por parte dos familiares e das crianças frente ao evento de 2011 e a “*Ansiedade*” e os “*Pesadelos*” por parte dos adultos. A “*Vulnerabilidade social*”, os “*Vínculos familiares fragilizados*” e o “*Silenciamento sobre a enchente*” foram os fatores de risco predominantes. Já os fatores de proteção apontados foram: a “*Espiritualidade*”, o “*Acolhimento na escola*”, o “*Fortalecimento dos vínculos*”, o “*Brincar*”, a “*Solidariedade*”, isto é, a importância daquele para a criança e a solidariedade entre vizinhos. O “*Desempenho escolar*” e os “*Cuidados maternos*” também foram apontados como fatores protetivos. E, por fim, para caracterizar as redes de apoio os “*Familiares*” foram assim reconhecidos por meio das palavras de conforto e na preparação das refeições. Portanto, reitera-se o olhar da Psicologia sobre o fenômeno da enchente, uma vez que no Plano Municipal de Contingência deveria ser abordado também acerca da saúde mental ao serem enfatizados os cuidados com as crianças durante e após o período das cheias. Destaca-se a importância de trabalhar a prevenção junto às crianças com a finalidade de que as perdas não sejam reativadas e, mais, que as marcas do evento sejam evitadas.

**Palavras-chave:** crianças; desastres naturais; enchentes; saúde mental.

Cunha, M. P. **Psychological repercussions of the natural disaster: what the children of Vale do Itajaí / SC.** Florianópolis, 2018. Thesis (Doctorate in Psychology) Postgraduate Program in Psychology, Federal University of Santa Catarina.

## ABSTRACT

The "natural disasters" in the southern region of Brazil, specifically in Vale do Itajaí / SC, are recurrent and mostly occur due to floods, affecting children and adults. With regard to children, they are in a stage of life characterized as vulnerable in which, when associated with natural disasters, can have repercussions on the development of the child or even leave marks in adult life. Therefore, the aim of this thesis was to understand the psychological repercussions in children affected by natural disaster. In order to respond to the aforementioned, the research had an exploratory, qualitative approach and was performed with participants chosen intentionally. In total, 44 people were part of the research, of which 22 were children and 22 were their respective relatives. For data collection, a semi-structured interview was used with the relative, another with the child, and then it was applied the drawing and story with theme procedure. The latter consist in asking the child to make five drawings with specific themes: free drawing, how he/she felt with the flood, how he/she felt during the flood, how he/she felt after the flood, and lastly, what or who assisted him/her to cope with the experiences related to the 2011 event. All the audios were recorded, transcribed and systematized with the assistance of the Atlas/Ti 7.0. Then, for analysis of interviews and stories, a categorical content analysis was used, proposed by Bardin. When compiling the data, the following categories of analysis were obtained: 1. The flood, 2. The flood and its impacts, 3. Risk factors, 4. Protection factors and 5. Social support networks. On the first element of analysis, it was verified that the 2008 flood was marked by the "Remembrances" of the destruction and "The Unexpected" in 2008. About the 2011 flood, "Preparation" of the community, "Changes in the family routine" during and after the event, "Material losses" and "Reconstruction" were reinforced by those affected. As impacts, stood out: "ambivalence" and "Sadness" by children; "Fear", "Joy", "Hypervigilance" and "Oblivion" by family members and children whom faced the 2011 event and "Anxiety" and

"Nightmares" by adults. "Social Vulnerability", "Fragile Family Bonds" and "Flood Silencing" were the predominant risk factors. On the other hand, the protection factors pointed out were: "Spirituality", "Welcoming in school", "Strengthening of bonds", "Playing", "Solidarity", that is, the importance of playing for the child and solidarity between neighbors. "School performance" and "Maternal care" were also identified as protective factors. And, finally, to characterize the social support networks, "Relatives" were thus recognized through their words of comfort and in the preparation of meals. Therefore, the Psychology's perspective on the flood phenomenon is reiterated, since in the Municipal Contingency Plan it should also be approached about mental health when it emphasizes child care during and after the flood period. It highlights the importance of prevention work with the children in order that losses are not reactivated and more, so that the marks of the event are prevented.

**Keywords:** children; natural disasters; floods; mental health.

Cunha, M. P. **Repercusiones psicológicas del desastre natural: lo que dicen los niños del Valle del Itajaí / SC.** Florianópolis, 2018. Tesis (Doctorado en Psicología) - Programa de Postgrado en Psicología, Universidad Federal de Santa Catarina.

## RESUMEN

Los "desastres naturales" en la región Sur de Brasil, específicamente en el Valle del Itajaí / SC, son recurrentes y, en su gran mayoría, ocurren debido a las inundaciones y afectan a niños y adultos. En el caso de los niños, la experiencia de ser expuesta al desastre natural puede culminar en una situación de vulnerabilidad o aún dejar huellas en la vida adulta. Siendo así, por medio de la presente tesis, se pretendió comprender las repercusiones psicológicas en niños afectados por desastre natural. Para responder al mencionado objetivo la investigación tuvo carácter exploratorio, de abordaje cualitativo, fue realizada con participantes elegidos intencionalmente, es decir, niños y familiares que pasaron por la inundación de 2011 y se basó en el referencial de orientación psicoanalítica. Al total, 44 personas formaron parte de esa investigación, entre las cuales 22 eran niños y 22 sus respectivos familiares. Para la recolección de datos se utilizó una entrevista semiestructurada con el familiar, otra con el niño y luego la aplicación de la técnica dibujo-historia con tema. En ella, se solicitó que el niño realizara cinco dibujos con temas específicos: libre, como se sintió con la inundación, como se sintió durante la inundación, como se sintió después de la inundación y, por último, qué o quién la ayudó en el enfrentamiento de las experiencias ligadas al evento de 2011. Todos los audios fueron grabados, transcritos y sistematizados con la ayuda del Atlas / Ti 7.0. A continuación, para análisis de las entrevistas y de la historia se utilizó el análisis de contenido categorial, propuesta por Bardin. Cuando se compilar los datos se obtuvieron las siguientes categorías de análisis: 1. La inundación, 2. La inundación y sus impactos, 3. Factores de riesgo, 4. Factores de protección y 5. Redes de apoyo. Con el primer elemento de análisis, se constató que la inundación de 2008 quedó marcada por las "Recuerdos" de la destrucción y el Inesperado "en 2008. Con la inundación de 2011, se reforzó la "Preparación "de la comunidad, los" Cambios en la " "rutina familiar" durante y después del evento, las "Pérdidas materiales" y la "Reconstrucción" por parte de los afectados. Como impactos, se destacaron: la "Ambivalencia" y la "Tristeza" por parte de los niños; el "Miedo", la "Alegría", la "Hipervigilancia" y el

"Olvido" por parte de los familiares y de los niños frente al evento de 2011 y la "Ansiedad" y los "Pesadillas" por parte de los adultos. La "Vulnerabilidad social", los "Vínculos familiares fragilizados" y el "Silenciamiento sobre la inundación" fueron los factores de riesgo predominantes. Los factores de protección apuntados fueron: la "Espiritualidad", el "Acogimiento en la escuela", el "Fortalecimiento de los vínculos", el "Jugar", la "Solidaridad", es decir, la importancia de aquello para el niño y la solidaridad entre vecinos. El "Desempeño escolar" y los "cuidados maternos" también fueron señalados como factores protectores. Y, por fin, para caracterizar las redes de apoyo a los "Familiares" fueron así reconocidos por medio de las palabras de confort y en la preparación de las comidas. Por lo tanto, se reitera la mirada de la Psicología sobre el fenómeno de la inundación, ya que en el Plan Municipal de Contingencia debería abordarse también sobre la salud mental al enfatizar los cuidados con los niños durante y después del período de las inundaciones. Se destaca la importancia de trabajar a la prevención junto a los niños con el fin de que las pérdidas no se reactiven y, más, que las marcas del evento sean evitadas.

**Palabras-claves:** niños; desastres naturales; inundaciones; salud mental.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1.</b> Bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açú.....	47
<b>FIGURA 2.</b> Locais onde ocorreu a coleta de dados da presente pesquisa.....	48
<b>FIGURA 3.</b> Imagens do bairro Cidade Nova.....	49
<b>FIGURA 4.</b> Imagens do bairro Murta.....	49
<b>FIGURA 4.1</b> Imagens do bairro Murta.....	50
<b>FIGURA 5.</b> Fluxograma referente a coleta de dados.....	56
<b>FIGURA 6.</b> Fluxograma referente a coleta de dados.....	57
<b>FIGURA 7.</b> Fluxograma referente a integração dos dados.....	102
<b>FIGURA 8.</b> Categoria: 1. A enchente.....	106
<b>FIGURA 9.</b> Sistematização do objetivo específico com a categoria “A enchente”.....	119
<b>FIGURA 10.</b> Categoria: 2. A enchente e suas repercussões.....	119
<b>FIGURA 11.</b> Sistematização do objetivo específico com a categoria “A enchente e suas repercussões”.....	132
<b>FIGURA 12.</b> Categoria: 3. Fatores de risco.....	133
<b>FIGURA 13.</b> Sistematização do objetivo específico com a categoria “Fatores de risco.....	141
<b>FIGURA 14.</b> Categoria: 4. Fatores de proteção.....	142
<b>FIGURA 15.</b> Sistematização do objetivo específico com a categoria “Fatores de proteção”.....	152
<b>FIGURA 16.</b> Categoria: 5. Redes de apoio.....	153
<b>FIGURA 17.</b> Sistematização dos objetivos relacionados a rede de apoio.....	156



## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Busca por artigos referentes à temática do estudo nas bases de dados.....	20
<b>TABELA 2</b> – Busca por teses e dissertações no portal da CAPES.....	21
<b>TABELA 3</b> – Apontamentos sobre desastres naturais no âmbito internacional.....	26
<b>TABELA 4</b> – Caracterização das crianças.....	60
<b>TABELA 5</b> – Caracterização dos familiares.....	61
<b>TABELA 6</b> – Resumo das categorias, subcategorias e elementos de análise a partir das consignas dos desenhos-estórias com tema.....	91
<b>TABELA 7</b> – Integração das categorias oriundas das entrevistas com as crianças e com os familiares.....	103
<b>TABELA 8</b> – Caracterização das crianças.....	105



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>23</b>
<b>3. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>25</b>
3.1 Desastres naturais: alguns apontamentos históricos e definições.....	25
3.2 Infância na Psicanálise: fatores de risco e proteção.....	30
3.3 O trauma.....	33
3.4 Pesquisas sobre as repercussões psicológicas no desenvolvimento infantil frente ao desastre natural.....	36
3.5 Pesquisas sobre os recursos e as redes de apoio utilizadas pelas crianças para enfrentar o desastre natural.....	39
<b>4. MÉTODO.....</b>	<b>43</b>
4.1 Delineamento da pesquisa.....	43
4.2 Participantes da pesquisa.....	44
4.3 Contexto da pesquisa.....	45
4.4 Instrumentos para coleta de dados.....	50
4.4.1 <i>Roteiro de entrevista com os cuidadores.....</i>	<i>50</i>
4.4.2 <i>Procedimento desenhos-estórias com tema.....</i>	<i>51</i>
4.4.3 <i>Roteiro de entrevista com as crianças.....</i>	<i>51</i>
4.5 Procedimentos de preparação para coleta de dados.....	52
4.6 Procedimento de coleta de dados.....	52
4.7 Análise dos dados.....	57
4.8 Aspectos éticos da pesquisa.....	58
<b>5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>59</b>
<b>5.1 Apresentação dos participantes – crianças e familiares.....</b>	<b>59</b>
<b>5.2 Desenhos com tema: Apresentação, impressões e categorias.....</b>	<b>90</b>

<b>5.3 Apresentação das categorias referente às entrevistas com as crianças e familiares.....</b>	<b>102</b>
<b>5.4 Discussão: Integração das entrevistas com as crianças, com os familiares e impressões do desenho-estória.....</b>	<b>104</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE II - Roteiro de entrevista com o responsável.....</b>	<b>185</b>
<b>APÊNDICE III - Roteiro de aplicação desenho estória com tema.....</b>	<b>187</b>
<b>APÊNDICE IV - Roteiro de entrevista com a criança.....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICE V - Apresentação das categorias referente às entrevistas com os familiares.....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE VI - Apresentação das categorias referente às entrevistas das crianças.....</b>	<b>193</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“Nível dos rios ainda é alto e a situação continua alarmante em Itajaí”, “Defesa Civil não descarta a possibilidade de uma enchente de grandes proporções em Itajaí”, “Cheia em Itajaí já afeta 19 bairros e quase 20 mil pessoas na cidade”, “Itajaí tem 3.347 desabrigados e 30 mil desalojados”, “Cidades do Vale do Itajaí<sup>1</sup> irão receber ajuda de 10 milhões do governo”. Os títulos dessas matérias foram retirados de jornais locais e nacionais e fazem alusão à enchente de 2011 que ocorreu em Itajaí, Santa Catarina.

As enchentes no Vale do Itajaí são fenômenos recorrentes que fazem parte da trajetória de sua população, sendo que a primeira delas ocorreu em 1855, seguida de outras nos anos de 1880, 1911, 1957, 1983, 1984, 2008 e 2011 (Santos, 2010). O relatório técnico realizado pela Defesa Civil, denominado de Avaliação de Danos (AVADAN), aponta que a enchente ocorrida em setembro de 2011 se deu devido à precipitação pluviométrica com intensidade atípica ocorrida no Médio e Baixo Vale do Itajaí-Açú<sup>2</sup>. O número de atingidos foi de mais de 110 mil pessoas, dentre as quais 24.643 eram crianças. Ao total 21 bairros ficaram alagados e os principais prejuízos foram: materiais – residenciais populares, estabelecimentos de saúde, escolas, pavimentação urbana e rural –; ambientais – esgotos sanitários –; econômicos – agricultura, pecuária, indústria e serviços – e sociais – abastecimentos de água e de energia elétrica e transporte – que somados ultrapassaram o valor de 40 milhões de reais e causaram um déficit no orçamento da região de 365 milhões de reais.

No que se refere à realidade mundial, somente no ano de 2011, ocorreram 332 desastres naturais, culminando esses em 30.770 mortes e prejuízos de 366.1 bilhões de dólares. Ainda em 2011, 900 pessoas morreram no Brasil em decorrência de desastres naturais, fato que o classifica, pelo Center for Research on the Epidemiology of Disasters

---

<sup>1</sup>As cidades que compõem a Microrregião do Vale do Itajaí são: Blumenau, Itajaí, Ituporanga e Rio do Sul.

<sup>2</sup>As cidades que fazem parte do Médio Vale do Itajaí são: Apiúna, Ascurra, Benetido Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó. Já as cidades que compõem o Baixo Vale do Itajaí são: Penha, Navegantes, Ilhota, Itajaí, Luiz Alves, Balneário de Piçarras e Camboriú. Informações retiradas do Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Itajaí (2010).

(CRED), como um dos dez países que frequentemente é assolado por desastres de natureza hidrológica, tais como enchentes e alagamentos (Guha-Sapir, Below & Ponserre, 2012). No ano de 2013, Guha-Sapir, Hoyois e Below (2013) realizaram novas investigações e o país se manteve na mesma posição de 2011. Todavia, houve uma queda no número de desastres mundiais passando esses para 330 eventos, 21.610 mortes e gastos de 118,6 bilhões de dólares. No ano de 2015, o Brasil não permaneceu na lista entre os dez países com o maior número de desastres naturais. No entanto, ocorreram seis inundações que contabilizaram mais de 100 mil vítimas (Guha-Sapir, Hoyois & Below, 2016).

De acordo com o Ministério da Integração Nacional (2007), a definição de desastre natural deve compreender os resultados de eventos naturais ou provocados pelo ser humano sobre um ecossistema vulnerável. As consequências dessa inter-relação tendem a culminar em perdas no âmbito material, residencial e psicológico. Esse último, diz respeito aos afetos e memórias ligadas à residência, perda da segurança e o fato do ser humano deparar-se com a sua fragilidade. Por sua vez, as consequências pós-desastre estendem-se ao contexto econômico ao envolver ações como a limpeza e manutenção de ruas, escolas, aquisição de novos terrenos e construção de moradias, até impactos no comércio e na indústria (Alves, Lacerda & Legal, 2012; Kuhnen, 2009; Mattedi, Frank, Sevegnani & Bohn, 2009; Ministério da Integração Nacional, 2010; Minervino & Duarte, 2016; Samagaia & Angioni, 2009; Torlai, 2010; Wagner, 2009).

Além dos impactos supracitados, é premente considerar que as crianças ao serem expostas a fatores de risco, dentre eles uma situação de desastre natural pode repercutir no desenvolvimento infantil ou ainda deixar marcas (Cordero, Repetto & Arbour, 2013; Franks, 2011). Nesse caso, Mercuri e Angeli (2004) investigaram 22 artigos os quais retratavam pesquisas com crianças que passaram por situações de desastres, sendo que os autores ressaltaram a importância de conversar com elas sobre os sentimentos e reações decorrentes do evento. A pesquisa demonstrou que a presença prolongada a situações de desastres e o fato de presenciarem cenas de destruição deixaram as crianças vulneráveis ao desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Sendo assim, no pós-desastre é possível encontrar crianças que apresentem quadro clínico compatível ao TEPT ou de Transtornos de Humor (Carballo, Heal & Horbaty, 2006; Demir et al, 2010; Mercuri & Angeli, 2004; Scheeringa & Zeanah, 2008).

Conforme Cordero et al. (2013), Franks, (2011), Vijayakumar, Kannan e Daniel (2016) as repercussões psicológicas decorrentes dos desastres naturais são fenômenos multifatoriais. Portanto, quando se investiga crianças que passaram por tais situações, deve-se levar em consideração o estado psicológico antes do desastre, os fatores de risco e de proteção presentes em seu desenvolvimento e a natureza do desastre – enchente, tsunami, terremoto, furacão. E também as consequências do evento para a família e para a criança, além das implicações do pós-desastre na saúde mental. Ou seja, é necessário investigar se porventura a criança permaneceu em abrigos e longe dos familiares, bem como quais foram as perdas envolvidas nessa situação – familiares, casa, escola e/ou amigos –.

A autora da presente tese pesquisou, quando no mestrado em psicologia, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em crianças de seis a doze anos expostas à violência familiar, atendidas em um serviço de saúde mental do sul do Brasil. Para tanto, utilizou-se uma entrevista clínica denominada *Affective Disorders and Schizophrenia for School Aged-Children and Lifetime Version (K-SADS-PL)* para investigar o referido transtorno. Na entrevista, foram pesquisados os sintomas de (TEPT) relacionados a diferentes situações, entre elas: assalto, sequestro, violência física, psicológica e desastre natural – enchentes –. Das onze crianças, cinco positivaram para o último evento, ou seja, as crianças ficaram marcadas de alguma maneira, sendo que em seus relatos era frequente o medo de que uma nova enchente pudesse acontecer (Cunha & Martins-Borges, 2016).

Portanto, a partir das informações por ora discorridas, pretende-se por meio desta tese compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural ao se caracterizar o desastre natural ocorrido em 2011, investigar os sintomas decorrentes do desastre natural, assim como identificar fatores de risco pré e pós o desastre. Além de identificar nas crianças fatores de proteção antes e após o desastre, descrever os recursos utilizados pelas crianças para enfrentar a experiência do desastre e, por fim, identificar as redes de apoio utilizadas após o desastre natural. Sendo assim, pretende-se dar voz às crianças e aos seus familiares sobre suas experiências concernentes ao desastre natural, além de poder disponibilizar os referidos dados para a Prefeitura e para a Defesa Civil da cidade em questão.

Tendo em vista a relevância científica e social desse estudo, Cordero et al. (2013) abordaram que apesar das crianças constituírem um grupo vulnerável aos desastres naturais, geralmente encontram-se apenas artigos destinados a investigar os impactos dos desastres em

adultos; logo se reitera, assim, a relevância da presente investigação. Ainda com base na relevância científica, essa pesquisa torna-se importante para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na área 3 – saúde e desenvolvimento psicológico –, na linha 1 – saúde e contextos de desenvolvimento psicológico –, por investigar as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural e por seu caráter inédito no Brasil. Ou seja, por atentar-se ao que ficou de registro do evento seja na fala, no corpo e ou nos afetos.

**Tabela 1**

Busca por artigos referentes à temática do estudo nas bases de dados<sup>3</sup>

Base de dados	Palavras Chave	Artigos localizados	Consultados na íntegra
Capes	“Desastres naturais”	167	3
Capes	“Desastres naturais” + “crianças”	21	1
Capes	“TEPT” + “infância”	6	0
Redalyc	“Desastres naturais”	1488	2
Redalyc	“Desastres naturais” + “crianças”	5436	2
Redalyc	“TEPT” + “infância”	3212	0
Web of science	“Natural disasters”	16	5
Web of science	“Natural disasters” + “child”	18	3
Web of science	“PTSD” + “childhood”	23	0

<sup>3</sup>Site do Portal de Periódicos Capes: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> - Busca realizada no dia 09 de janeiro de 2018.

Site da Rede de Revistas Científicas da América Latina, do Caribe, da Espanha e de Portugal [Redalyc]: <http://www.redalyc.org/home.oa> - Busca realizada no dia 10 de janeiro de 2018.

Site do Web of Science: [http://apps-webofknowledge.ez46.periodicos.capes.gov.br/WOS\\_GeneralSearch\\_input.do?product=WOS&search\\_mode=GeneralSearch&SID=6Cd6DTCttBnMiGdTnBC&preferencesSaved](http://apps-webofknowledge.ez46.periodicos.capes.gov.br/WOS_GeneralSearch_input.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&SID=6Cd6DTCttBnMiGdTnBC&preferencesSaved) - Busca realizada no dia 11 de janeiro de 2018.

Cabe destacar que a pesquisadora utilizou as bases e as palavras chaves supracitadas, sendo que atentou-se para a leitura do título e dos resumos, já quando encontrava pesquisas de acordo com a presente investigação, era feita a leitura integral do texto.

Nota: Elaborada pela autora dessa pesquisa.

A seguir, por meio da Tabela 1, aponta-se a relevância científica, em que se visualiza como ocorreu a busca por artigos nacionais e internacionais nos últimos 10 anos – de 2008 a 2018 –, as palavras chave utilizadas, os periódicos localizados e os consultados na íntegra, os quais efetivamente fizeram alusão à temática investigada. Destaca-se que na busca por periódicos internacionais, os idiomas investigados foram espanhol e inglês, bem como se priorizou os estudos na área da Psicologia.

Além da busca supracitada, pesquisou-se nos últimos dez anos, no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), teses e dissertações que refletissem a realidade estudada. A Tabela 2 apresenta os descritores utilizados nessa investigação:

**Tabela 2**

Busca por teses e dissertações no portal da CAPES<sup>4</sup>

Palavras chaves	Dissertações e teses localizadas	Dissertações e teses consultadas na íntegra
“Desastre natural” + “psicologia clínica”	1467	4
“Infância” + “desastres naturais”	493	3
“Desastre natural” + “enchente”	128	0
“Desastres naturais” + “crianças”	1349	0
“TEPT” + “infância”	437	0

Nota: Elaborada pela autora desta pesquisa.

A temática a ser investigada também é estudada nas áreas da Geografia, Sociologia, Antropologia e Serviço Social. Entretanto, a pesquisadora refinou a busca por dissertações e teses pela grande área da

<sup>4</sup> Site do Catálogo de Tese e Dissertações: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> - Busca realizada em 12 de janeiro de 2018.

Psicologia, com intuito de localizar pesquisas atuais. De maneira geral, tais estudos pautavam-se na perspectiva da Psicologia Clínica, com predileções na abordagem qualitativa ao utilizarem, predominantemente, entrevistas semi-estruturadas com adultos. Dessa maneira, justifica-se a presente pesquisa a fim de trazer novas contribuições ao campo de investigação, bem como ao setor da Saúde e da Defesa Civil. Sendo assim, pretendeu-se nessa tese investigar: “Quais foram às repercussões psicológicas em crianças atingidas pelo desastre natural na região do Vale do Itajaí?”

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural.

### **2.2 Objetivos Específicos**

1. Caracterizar a enchente ocorrida em 2011;
2. Identificar em crianças sintomas decorrentes do desastre natural;
3. Identificar fatores de risco pré e pós o desastre natural;
4. Identificar nas crianças fatores de proteção antes e após o desastre natural;
5. Identificar as redes de apoio das crianças após o desastre natural;
6. Descrever recursos utilizados pelas crianças para enfrentarem a experiência do desastre natural.



### **3. REVISÃO DA LITERATURA**

Com o objetivo de expor reflexões, resultados, informações a respeito dos fenômenos aqui estudados, este capítulo trata de uma revisão da literatura cuja apresentação foi estruturada pelos seguintes tópicos: 3.1 Desastres naturais: alguns apontamentos históricos e definições; 3.2 Infância na Psicanálise: fatores de risco e proteção; 3.3 O trauma; 3.4 Pesquisas sobre as repercussões psicológicas no desenvolvimento infantil frente ao desastre natural e, por fim, 3.5 Pesquisas sobre os recursos e as redes de apoio utilizadas pelas crianças para enfrentarem o desastre natural.

#### **3.1 Desastres naturais: alguns apontamentos históricos e definições**

*“Os desastres são, pois, como um “bumerangue” da relação entre a sociedade e a natureza” (Mattedi et al, 2009, p. 16).*

Com intuito de resgatar alguns dados históricos acerca dos desastres naturais se apresentará alguns eventos ocorridos no âmbito internacional, mas sem a pretensão de ordená-los cronologicamente e nem esgotar a temática. Na página a seguir, encontra-se a Tabela 3 e por meio dessa evidencia-se que os desastres naturais fazem parte da história. Com essa breve apresentação de alguns desastres no âmbito internacional e suas respectivas informações, pode-se compreender que os desastres naturais são frequentes. No entanto, o que tende a mudar é a natureza – tipo de evento –, as formas de preparação ante a situação – quando existem –, maneiras de gerir os eventos e o pós-desastre. Ou seja, como cada comunidade enfrenta tais situações e de que maneira utiliza os recursos, pessoais e financeiros, para lidarem com tais experiências.

**Tabela 3**

Apontamentos sobre desastres naturais no âmbito internacional

Marco histórico	Tipos	Principais informações
24 de agosto de 79 d.C em Pompéia, Itália	Vulcão Vesúvio	O Monte Vesúvio voltou a entrar em erupção ao exalar fumaça, seguido de uma chuva de pedras que durou aproximadamente 12 horas. A cidade ficou completamente soterrada (Spignesi, 2002).
23 de janeiro de 1556, China	Terremoto	830 mil mortes aconteceram nas províncias de Shensi, Honan e Shansi. Mantém o título de pior tremor de terra em número de vítimas, tendo atingido 8,3 na escala Richter <sup>5</sup> (Spignesi, 2002).
1991, Filipinas	Vulcão no Pinatubo	700 pessoas morreram e 200 mil ficaram desabrigadas (Leoni, Radford & Schulman, 2012).
2005, Estados Unidos	Furacão Katrina	1800 mortes, 215 mil casas atingidas, custos de 130 bilhões de dólares.
2005, Paquistão	Terremoto da Caxemira	Alcançou 7,6 de Richter; mortes de mais de 73 mil pessoas; com danos de 5,2 bilhões de dólares.
26 de dezembro de 2004, Oceano Índico	Terremoto, seguido de tsunami	Mais de 127 mil pessoas foram atingidas; Sri Lanka, a Índia, a Somália, a Malásia, as Ilhas Maldivas e Bangladesh também foram atingidos. (Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2005; Roldán & Farbiarz, 2005).
12 de janeiro de 2010, Haiti	Terremoto	Com 7 graus de Richter, foi um dos mais fortes na história do país nos últimos 200 anos, com 222 mil mortes.

<sup>5</sup>A escala Richter foi criada pelo sismólogo Charles F. Richter e é responsável por mensurar a energia liberada por um terremoto (Derbli, 2010).

---

		Atingiu o centro administrativo e áreas adjacentes e ocasionou um atraso no desenvolvimento econômico do país por dez anos (Freitas, Carvalho, Ximenes, Arraes & Gomes, 2013; Pan American Health Organization, 2011).
25 de abril de 2015, Nepal	Terremoto	Magnitude de 7,8, com mais de 8 mil mortes (Agência Brasil, 2015; G1, 2015).
Setembro de 2016, Caribe	Furacão Matthew	Atingiu a Jamaica, Cuba, República Dominicana, Bahamas, EUA e Haiti. Contabilizou 900 mortes; algumas regiões foram quase dizimadas, com até 90% de áreas atingidas (BBC, 2016; FG, 2016).
Agosto de 2017	Furacão Irma	Maior furacão registrado no Atlântico (Castillo, 2017) e acometeu as Ilhas Virgens Americanas (EUA), Barbados, Cuba, Porto Rico, República Dominicana, Haiti e parte da Flórida.

---

Nota: Elaborada pela autora desta pesquisa.

Com o intuito de também caracterizar os eventos da mesma natureza ocorridos no Brasil, alguns deles serão apresentados. Dentre eles, cabe destacar o evento na Região Serrana do Rio de Janeiro que ficou conhecido na história brasileira como o maior desastre em número de vítimas fatais. No dia 12 de janeiro de 2011, devido à chuva intensa, ocorreram deslizamentos nos municípios de Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis e Sumidouro, ocasionando 912 óbitos, 45 mil desabrigados e desalojados e prejuízos na economia, perfazendo 469 milhões de reais (Agência Brasil, 2011; Ministério da Integração Nacional, 2011; Carmo e Anazawa, 2014).

No Sul do país, em Santa Catarina, especificamente no Vale do Itajaí, as chuvas fortes e os deslizamentos são frequentes (Borghelotti, 2012). A região foi assolada enchente de julho de 1983 (Schiestl, 2013), na qual culminou com desabrigados e mortos. Nos anos de 2008 e 2011 o Vale foi novamente invadido pelas águas. Na enchente de 2011, de acordo com o jornal Estadão (2011), os índices de chuva que eram

esperados para todo o mês, isto é, 160 milímetros de acúmulo de água, ultrapassaram o previsto e foram registrados números ainda maiores: 187 milímetros, em apenas 72 horas. Além disso, destaca-se que com o alagamento de 2013, as aulas foram suspensas e a população e a Defesa Civil estavam atentas ao rio. Abrigos foram abertos para acolher as famílias que tivessem suas casas atingidas e os pavilhões da Marejada<sup>6</sup> foram disponibilizados para receber donativos (O Sol Diário, 2013).

Tendo em conta o número de desastres naturais no Brasil, o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (2012) aponta que na década de 90 o número de vítimas foi de 8.671 e na década de 2000 os dados passaram para 23.238, sendo que as inundações atingiram o maior número de mortos. Portanto, esses eventos colocam em cheque o senso de segurança e a dignidade dos envolvidos, irrompem com a organização e com a sensação de pertencimento presente em uma sociedade (Cogo et al, 2015). Observa-se que os supracitados eventos, embora remotos, têm ocorrido na atualidade com maior frequência e intensidade. Além disso, nenhum país está imune aos desastres, tendo em vista o aquecimento global, as mudanças ambientais e as formas de ocupação do espaço por parte do homem.

Cabe ressaltar que uma definição única de desastre natural não é compartilhada por todos os atores próximos a esse tipo de fenômeno. De acordo com o Ministério da Integração Nacional (2010, p. 30), a definição de desastre “é o resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pela ação humana, sobre um ecossistema vulnerável, podendo causar danos às pessoas ou provocar estragos materiais e/ou ambientais, com os consequentes prejuízos econômicos e de ordem social”. Por ambiente vulnerável compreende-se, por exemplo, casas construídas nas encostas de morros, próximas às margens de rios ou sobre pedras, o que facilita a ocorrência de algum desastre.

Carmo e Anazawa (2014), Freitas et al (2013), Mattedi et al (2009), Silva e Menezes (2016) mencionam que os desastres naturais não devem ser compreendidos apenas por sua ocorrência natural, ou seja, é na interação entre homem e ambiente que se constitui o desastre socioambiental. Os desastres são uma fotografia da organização da sociedade e caracterizam-se por ser um processo social dinâmico e complexo (Marchezini, 2009).

---

<sup>6</sup> Local em que ocorre uma festa tradicional da cidade de Itajaí, a qual retoma os costumes e tradições dos colonizadores portugueses.

No que concerne à Psicologia, Fávero, Sarriera e Trindade (2014) afirmam que há uma carência na conceituação do termo e demonstram a importância de estudos nessa área. Contudo, enfatizam também que os desastres estão circunscritos a um contexto macro – político, social ou econômico – sendo que essas variáveis devem ser levadas em consideração. Perry (2007) complementa que não há consenso sobre o conceito de desastre natural, o que tende a dificultar, inclusive, o avanço da produção científica.

Para a Secretaria da Defesa Civil (1999) os desastres podem ser classificados por sua intensidade: nível I (pequena intensidade), nível II (média intensidade), nível III (grande intensidade) e nível IV (muito grande a intensidade). O grau de intensidade será compreendido com base nos recursos afetados, sendo que no nível IV os prejuízos são vultosos e dificilmente suportáveis pela comunidade. Nesse caso, é imprescindível o auxílio financeiro do Estado e da Federação, devido aos prejuízos econômicos e sociais.

Com relação ao agente causador, os desastres podem ser classificados em: naturais, humanos e mistos. Os de origem natural acontecem devido a desequilíbrios da natureza que podem ser evidenciados por meio de vendavais, secas, inundações, terremotos, tsunamis, escorregamentos do solo, pragas vegetais e animais. Por sua vez, os desastres humanos resultam da ação exclusiva e intensiva do homem, tais como: transporte de produtos perigosos, desemprego, fome, queda na qualidade do atendimento público, pandemias, dengue e tuberculose. Por fim, temos os desastres mistos que são compreendidos como naturais e humanos. De maneira geral, os desastres classificados como naturais e humanos, deveriam ser considerados como mistos, pois é a partir da relação entre atividades humanas e fenômenos da natureza que eles ocorrem (Secretaria da Defesa Civil, 1999).

Para ilustrar a problemática no contexto brasileiro, o Ministério da Integração Nacional (2010) realizou um mapeamento dos desastres naturais mais frequentes. Na região Sul é comum ocorrerem inundações, granizos, deslizamentos e vendavais do tipo tornado. Na região Sudeste, inundações e deslizamentos; na região Centro-oeste é comum a ocorrência de incêndios florestais. Já na região Nordeste há inundações e secas; na região Norte, incêndios florestais e inundações. O Ministério da Integração Nacional (2011) aponta para as diferenças geológicas e geomorfológicas no Brasil e atribui a ocupação irregular somada a situações climatológicas como potencializadoras de danos.

De acordo com Anderson (1994), Freitas et al (2013), Kobiyama et al (2006) e a Organização Pan-Americana da Saúde (2014), os países

menos desenvolvidos possuem uma relação estreita com os desastres. Isso porque, embora países desenvolvidos sejam mais atingidos economicamente pelo valor de suas propriedades, quando um país em desenvolvimento é atingido, as chances de reerguer-se e dar conta da situação se tornam bastante dificultosas. Para esclarecer esse apontamento é importante que se reflita sobre o contingente de pessoas que procuram oportunidade de trabalho nos centros urbanos e, desse modo, excedem a capacidade de escolas, serviços de saúde e infraestrutura. No caso de moradias subnormais – terminologia utilizada pelo senso para se referir a favelas – não há um estudo das condições ambientais do local; as pessoas ocuparam esse território em decorrência de uma série de exclusões (Anderson, 1994; Organização Pan-Americana da Saúde, 2014). Nesse contexto, é provável a carência de serviços como coleta de lixo, esgoto e água. Portanto, devido à falta de planejamento, os exemplos mencionados tendem a impactar e aumentar as chances de novos desastres, isto é, o efeito bumerangue cunhado por Mattedi et al (2009) ao fazer alusão a um ir e retornar, integrando um ciclo vicioso.

O Ministério da Integração Nacional (2011) e Cogo et al (2015) mencionam a prevenção enquanto fator estratégico para o país, no sentido de prevenir e pensar no gerenciamento das situações. Entretanto, para que isso se efetue, é necessário um sistema informatizado e padronizado, o qual deve ser alimentado, para que se obtenham dados sobre as ocorrências de desastres naturais do Brasil com precisão, a fim de visibilizar prevenção e estratégias de manejo para impedir e mediar às ocorrências de desastres. Nesta investigação, a terminologia utilizada é desastre natural, mas a compreensão do conceito está baseada em que fatores naturais, contextuais e históricos interligam-se ao culminar em “eventos naturais”.

### **3.2 Infância na Psicanálise: fatores de risco e proteção**

*Não é tanto a criança que é vulnerável, mas o próprio processo de desenvolvimento (Freud, 1951).*

Com relação ao posicionamento da Psicanálise sobre a criança e, ao considerar que este trabalho se pautará nessa perspectiva, observa-se que Sigmund Freud compreendeu a criança e sua realidade psíquica por meio da teoria da sexualidade. Ou seja, a criança antes entendida como

assexuada passa a ter um corpo sexual, o qual é marcado por uma sexualidade denominada de autoerótica, destinada, portanto, para si própria. Dentre as etapas do desenvolvimento psicossocial, encontram-se os estágios: oral, anal, fálico e a latência. Cabe ressaltar que esses estágios não são exclusivistas e determinados cronologicamente, podendo, inclusive, haver uma interpenetração deles (Fenichel, 2005; Kusnetzoff, 1982).

Todavia, com objetivo de esclarecê-las se descreverá cada uma das fases sequencialmente, a começar pelo estágio denominado de fase oral, pois a primeira fonte predominante de prazer da criança encontra-se na zona da boca. Já a fase anal acontece por volta do segundo e terceiro ano; a criança quando comparada ao primeiro ano encontra-se bastante desenvolvida. Nesse período, tem-se o desenvolvimento das seguintes funções: engatinhar e andar, desenvolvimento da linguagem, a criança passa a se alimentar sozinha e a controlar seus esfíncteres. Sendo assim, esse período é denominado de estágio anal haja vista a importância do controle dos esfíncteres. O estágio fálico, por sua vez, é caracterizado pela concentração da excitação nos órgãos genitais, o que acontece em geral por volta dos quatro a cinco anos (Bassols, Dieder, Czekster & Pereira, 2013; Kusnetzoff, 1982).

Já o estágio da latência, estágio que caracteriza os participantes da atual pesquisa, Sarnoff (1995) esclarece que esta possui duas definições, sendo que a primeira delas está ligada à faixa etária, delimitando-a como um período que se inicia aos seis anos e finaliza aos 12. Já a segunda, descreve-a como: “um estado psicológico [...] durante o qual a criança experimenta uma complexa reorganização da estrutura defensiva do ego [...]” (p. 25). A partir das defesas disponíveis, tal estágio é caracterizado pela educação e gentileza por parte da criança. Há necessariamente um acordar para os aspectos exteriores e interiores a vida. De maneira geral, os vínculos com os familiares deixam de ser primordiais para darem espaço as relações de amizade. Além disso, há um progressivo desenvolvimento cognitivo abrindo portas para a abstração. Cabe ressaltar que tal fase está intimamente ligada à cultura na qual o sujeito se constituiu e se encontra inserido (Ferreira & Araújo, 2013).

Nessa mesma vertente, Anna Freud (1987) faz importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento infantil em consonância aos apontamentos feitos por Freud. Para a autora, a diferença entre a criança e o adulto está devidamente marcada por quatro áreas distintas, a saber: 1) avaliação do egocentrismo infantil, 2) imaturidade do aparelho sexual infantil, 3) aumento na força dos

impulsos da fantasia e queda no pensamento e 4) avaliação de temporalidade. Posteriormente, também é considerada a noção de variações da normalidade, no que diz respeito aos desequilíbrios que podem ocorrer ao longo do desenvolvimento. Como exemplos de variações da normalidade têm-se os momentos de regressões, os quais não são, necessariamente, indicações de psicopatologias.

Kusnetzoff (1982) afirma que quando se pensa em Psicanálise se deve entender que as causas para os sintomas psíquicos estão diretamente ligadas à hereditariedade, à constituição dos bebês, à vida intrauterina e às experiências infantis. Desse modo, a causa é compreendida como multideterminada, pois é na inter-relação dos fatores mencionados, somados às vivências atuais de cada sujeito, que se dará a manifestação do sintoma.

Assim sendo, o desenvolvimento infantil pode ser acometido por intercorrências denominadas de fatores de risco. Por fatores de risco compreende-se “todas as condições existenciais na criança ou em seu ambiente, que implicam um risco de morbidade mental com base nas pesquisas epidemiológicas” (Marcelli & Cohen, 2010, p. 401). Já Halpern e Figueiras (2004), Molinari, Silva e Crepaldi (2005), Sapienza e Pedromônico (2005) definem os fatores de risco como uma variável que tende a aumentar a probabilidade do sujeito manifestar determinada doença ao ser exposto a certas condições.

Dentre os principais fatores de risco presentes na vida da criança encontram-se a prematuridade, o sofrimento de bebês recém-nascidos, a desnutrição, as separações precoces e a doença crônica. No quesito família, têm-se fatores como desemprego, pais separados, alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas por parte dos pais, família monoparental, doença crônica ou ainda o falecimento de um dos genitores. No que se refere à sociedade estão as migrações e as condições socioeconômicas precárias. Geralmente, o desenvolvimento infantil será posto em risco quando esses fatores forem acumulados e sobrepostos (Figueiras & Halpern, 2004; Marcelli & Cohen, 2010; Sapienza & Pedromônico, 2005). Tufnell (2009) complementa que traumas sofridos na infância e a duração da experiência traumática também podem influenciar o desenvolvimento da criança.

Bassols et al (2013) destacam os fatores que comprometem e os que promovem o desenvolvimento infantil. Com relação aos que comprometem, têm-se: ambiente com poucos estímulos, deficiências tais como cegueira ou surdez e hipotonia, deficiência intelectual, a mãe retornar ao trabalho precocemente, renda familiar instável, dificuldade por parte de quem exerce a função materna em reconhecer o seu próprio

filho. Em compensação, os fatores que o promovem são: o estímulo à brincadeira, desenvolvimento físico dentro do esperado, inteligência, retorno da mãe ao trabalho após o segundo ano da criança, renda familiar estável, a mãe aceitar a criança, reconhecimento do ambiente enquanto potencializador do desenvolvimento infantil.

Poletto e Koller (2008) apontam importantes reflexões ao problematizar o que são fatores de risco e para quem. As autoras esclarecem que os fatores de risco quando pensados de maneira descontextualizada podem enviesar a compreensão do conceito. No caso do contexto brasileiro, por se tratar de um país em desenvolvimento, é comum encontrarmos famílias vivendo em condições socioeconômicas precárias. Porém, esse fator, por si só, não deve ser entendido enquanto risco para o desenvolvimento das crianças. Logo, é premente considerar o contexto, o momento do desenvolvimento no qual a criança se encontra e seus fatores internos, para então, pensar nos possíveis fatores de risco para o seu desenvolvimento.

Os fatores de proteção são caracterizados por meio dos recursos do indivíduo para se proteger de situações de risco. Resiliência, por sua vez, é um conceito retirado da física, em que um material absorve a energia sem sofrer deformações estruturais. Na Psicologia tal terminologia tem sido utilizada de maneira mais abrangente do que fator de proteção, isso partindo do pressuposto de que é possível passar por momentos difíceis na vida e aprender com eles, utilizando-os, portanto, como fonte de desenvolvimento (Sapienza & Pedromônico, 2005; Poletto & Koller, 2008).

### **3.3 O trauma**

A seguir será abordada uma breve contextualização a partir dos escritos de Freud (1911; 1915-1916; 1919; 1920; 1932; 1985 [2010]) e colaboradores – Borges (2012), Cardoso (2011), Garcia-Roza (2009a), Garcia-Roza (2009b), Maldonado e Cardoso (2009), Rodrigues (2009), Silveira e Barros (2018) – acerca do traumático. Pensou-se em abordar tal tema, pois o fenômeno da enchente está em consonância com as questões do traumático, ou seja, algo que não é esperado, mas que pode irromper. Cabe ressaltar que o presente texto não apresenta uma linearidade; ele foi construído a partir dos entrelaçamentos dos textos mais contundentes de Freud sobre o trauma e autores contemporâneos.

Destaca-se, assim, o texto de 1985 intitulado Projeto de uma Psicologia Científica, em que Freud parte dos pressupostos da Física e da Filosofia para esclarecer a constituição do aparelho psíquico (Garcia-

Roza, 2009b). Rodrigues (2009) aponta que, naquele momento, pairavam questionamentos sobre o funcionamento da memória. De forma mais específica, buscava-se entender possíveis danos que poderiam ser causados à memória, dúvidas quanto aos registros, ou ainda, quanto ao que ficava, ou não, passível de recordação. Por meio do sistema elaborado por Freud – Omega, Phi e Psi – a memória era definida enquanto um contínuo de energia estabelecido por meio das ligações entre os neurônios.

Apoiando-se em Freud, Garcia-Roza (2009b) ao se aproximar do campo das psicopatologias verificou que, no caso do trauma, haveria uma quantidade expressiva de energia circundante no aparelho psíquico. A neurose traumática, como o trauma, também está relacionada com a ideia da quantidade de energia psíquica ao se encontrar fixada e atualizada por meio de sonhos ou reexperienciações. Com a Conferência XVIII intitulada Fixação em traumas – o inconsciente, Freud (1915 – 1916 [2010]) aborda que há distinções entre as neuroses clássicas e as neuroses traumáticas. A primeira responderia à constituição do ser humano e ao funcionamento psíquico, tendo como etiologia clássica o conflito infantil (Garcia-Roza, 2009b; Silveira & Barros, 2018). Já a neurose traumática não está submetida à etiologia do conflito infantil; ela tende a ser desencadeada diante de eventos difíceis como, por exemplo, guerras, desastres naturais ou situações em que há risco fatal.

Tendo em vista a guerra enquanto pano de fundo, Freud (1919 [2010]) constata que após a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) os ex-combatentes apresentavam reações psíquicas denominadas por ele neuroses de guerra; e eram compreendidas de maneira distinta das neuroses apresentadas em tempos de paz. Freud (1919 [2010])) complementa que a neurose traumática pode irromper mesmo quando não há guerra, ao surgir após um acidente grave ou, ainda, após algum choque que tende a colocar a vida em cheque.

Freud 1915 (2010) retoma em seus escritos os efeitos da guerra, sendo que a desilusão é um deles. Na desilusão a lógica de viver e de se respeitar o ser humano esfacela-se. Nos momentos de guerra, por exemplo, há uma mudança na forma das pessoas se colocarem no mundo e a morte assume novas concepções. Deixa-se de bani-la para praticá-la e há um retorno ao homem primitivo, com o registro de matar o inimigo ou morrer. Assim, os laços com a cultura se afrouxam e o leva a viabilizar e concretizar o desejo de que o outro morra como forma de preservação do eu. Em 1915 (2010), Freud discorreu ainda sobre a morte como parte da vida e seu discurso vai de encontro à sociedade

ocidental, ou seja, a qual tende afastá-las – vida e morte – e muitas vezes, compreendendo-as como opostas.

Por fim, em 1932 (2010), Freud responde a uma carta de Einstein, o qual lhe havia questionado sobre “Por que a guerra?” e discorre sobre os conflitos de interesse, sobre a violência e traz a tona à inversão das lógicas, já reiterada nos parágrafos acima. Portanto, há uma satisfação quando o adversário é torturado, ou ainda, quando ele é utilizado para outros fins. Nos que vivenciam a guerra, há a presença de dois extintos, sendo um deles o erótico – direcionado à conservação – e o outro de agressão – direcionado aos combatentes e a sua destruição, sendo que ambos buscam a satisfação.

Tendo em vista as formas de satisfação Freud (1920, p. 192 [2010]), em Além do princípio do prazer, aborda que essa está relacionada com a manutenção da energia psíquica do organismo em seu nível mais baixo e complementa a definição de neurose traumática. Além disso, esclarece que na neurose traumática não se apresenta uma relação com conflitos oriundos do Eu, mas sim em relação a algo externo. Borges (2012, p. 27) acrescenta que a definição da neurose traumática está intimamente ligada a algum acontecimento tido como limite, ou seja, “uma excitação demasiada na qual pode haver modificações psicopatológicas as quais podem ser definitivas ou ainda transitórias”.

Dessa forma, o aparelho psíquico transbordado apresenta uma impossibilidade de elaboração psíquica o que dificulta, inclusive, a recordação do fenômeno. O ocorrido tenderá a se repetir no registro corporal, isto é, uma memória corporal própria ao tempo traumático (Cardoso, 2011, p. 75). Além disso, Jaques (2012), Maldonado e Cardoso (2009) discorrem que é como se houvesse um sujeito anterior ao trauma e outro após; os tempos são trocados, pois o passado torna-se presente e os registros estão ligados aos marcos e não aos significados. Nesse ínterim, aquele que passou por tal experiência, tende a apresentar o humor do melancólico, a quem a autoestima passa a ser afetada. O melancólico pode distinguir sobre quem perdeu, mas tem dificuldades em discernir o que naquele objeto foi perdido (Freud, 1915 – 1917, [2010]).

Dessa forma, com base em Silveira e Barros (2018) evidencia-se a importância do reconhecimento de quem, por ventura, passa por alguma das situações supramencionadas. E a enchente pode ser uma delas. Assim, no caso de pessoas que vivenciaram as enchentes, o primeiro passo seria o reconhecimento e, posteriormente, a escuta; estar com e se disponibilizar para ouvir o que muitas vezes pode ser

intraduzível quando se está isolado diante de uma situação potencialmente traumática.

### **3.4 Pesquisas sobre as repercussões psicológicas no desenvolvimento infantil frente ao desastre natural**

Nas situações de desastres, principalmente os considerados naturais, há uma ruptura repentina e uma perda da previsibilidade sobre os eventos da vida. Essa quebra gera instabilidade e medo frente aos acontecimentos e deixa marcas singulares para cada sujeito (Gregio et al, 2015). Mitsopoulou e Derivois (2014), ao entrevistarem crianças que haviam passado pelo terremoto no Haiti, as indagaram sobre a definição de trauma. De acordo com as crianças, o trauma “é quando alguém acaba experimentando algo difícil e quando fica perto da morte” (p. 345).

As perdas envolvidas no contexto de desastre dão-se no âmbito material – casa, roupas, brinquedos, trabalho, sustento – e no âmbito simbólico – perda da segurança, da identidade, de pertencimento ao local onde se residia (Gomes & Cavalcante, 2012; Gregio et al, 2015). Destaca-se que os acontecimentos decorrentes dos desastres naturais tendem a permanecer na lembrança da comunidade que os experienciou, seja no dia a dia ao visualizar a reconstrução da cidade, seja na memória das pessoas (Carballo, Heal, Horbaty, 2006). Desse modo, ao se considerar as informações supramencionadas, cabe também destacar que nesta tese a definição de repercussão psicológica está atrelada ao registro do que ficou do desastre natural para a criança, podendo essa, por exemplo, ser caracterizada por sintomas advindos da experiência.

Sendo assim, no que concerne aos sintomas de TEPT, Scheeringa e Zeanah (2008) investigaram 70 crianças entre três e seis anos vítimas diretas ou indiretas do furacão Katrina, ocorrido em 2005, na cidade de New Orleans, nos Estados Unidos da América. Devido à força do vento, os diques que protegiam a cidade romperam, alagando-a. Alguns moradores conseguiram deixar a cidade a tempo, mas outros não. Com relação ao grupo de crianças que permaneceu na cidade, 62,5% (n=24) apresentaram o quadro clínico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). As que saíram de suas casas também desenvolveram TEPT em 43,5% (n= 46) dos casos. Na tentativa de compreender a alta frequência de TEPT nas crianças que deixaram suas casas, os autores mencionaram que ao regressarem aos seus lares, as crianças se deparavam com a vizinhança devastada, suas casas e seus brinquedos destruídos.

Ainda com relação às crianças, Fairbank e Fairbank (2009) mencionaram que os impactos na infância acontecem de maneira mais frequente do que se espera, haja vista os efeitos acumulativos de eventos traumáticos que podem ocorrer ao longo da vida. Bokszczanin (2007) e Zhang et al (2010) complementam que a combinação entre infância e desastre natural tende a ser caracterizada pela vulnerabilidade psíquica e física dos envolvidos, sendo que as meninas diretamente expostas aos desastres tendem a apresentar mais chances de desenvolverem TEPT do que os meninos.

Tendo em vista a prevalência de transtornos psiquiátricos em crianças, Piyavhatkul, Pairojkul e Suphakunpinyo (2008) investigaram 94 participantes que foram afetados pelo tsunami no sul da Tailândia, após dez meses desse evento. Sendo assim, 47 meninos e 47 meninas entre um e 18 anos de idade fizeram parte da amostra. Das 94 crianças, 49 receberam os seguintes diagnósticos: 31 com Transtorno de Estresse Pós-Traumático, nove com Transtorno Depressivo Maior e nove com Transtorno de Ajustamento. Observa-se, portanto, a importância de intervenções precoces e acompanhamentos, haja vista as altas taxas de transtornos mesmo após dez meses do desastre.

Nessa vertente, encontram-se também Vijayakumar, Kannan, Kumar e Devarajan (2006) os quais pesquisaram os impactos psicológicos de crianças um ano após o tsunami ocorrido na Ásia. A amostra ficou composta por 230 crianças entre 11 e 14 anos, sendo essas 113 meninos e 117 meninas. Verificou-se que a exposição ao tsunami influenciou no surgimento de ansiedade quando a criança se defrontou com morte de parentes ou quando se machucou gravemente. Além disso, 45 pais e 31 mães mudaram de emprego após o tsunami e 39 pais deixaram de trabalhar, pois o sustento era proveniente da pesca. Houve um aumento no abuso de álcool, 40 membros das famílias das crianças investigadas cometeram suicídio, 30 tentaram o suicídio e 25 apresentaram transtornos mentais. A severidade da exposição ao tsunami esteve associada à ansiedade e sintomas somáticos. Do mesmo modo, a história pregressa de psicopatologia na família esteve correlacionada a sintomas somáticos e afetivos. O estresse dos pais foi associado à permanência da aflição nas crianças. Assim sendo, para os autores, as crianças expostas ao tsunami e a família com história pregressa de psicopatologia devem ser encaminhadas para a realização de tratamentos.

Focando no tema dessa tese, Quezadas-Barahona e Pérez-Castro (2012) realizaram intervenções com crianças que passaram por enchente. Ao total, nove crianças, sendo cinco meninas e quatro

meninos, participaram da pesquisa. No pré-teste verificou-se que os desastres estavam ligados a pensamentos tristes ( $n= 7$ ) e medo ( $n= 3$ ). Quando indagados sobre de que maneira a enchente havia mudado a vida das crianças, essas responderam que a vida se tornou triste. Demonstraram medo de que a enchente pudesse se repetir e também se sentiram pouco orientadas sobre o que fazer após o evento.

Quanto aos sentimentos, as crianças relataram que houve uma maior união familiar, solidariedade por parte dos vizinhos e ajuda aos mais necessitados. Quando questionados sobre as possibilidades de prevenção, sete responderam que buscariam locais livres de enchente e as outras três mencionaram que buscariam auxílio em albergues. Ao serem solicitadas a desenharem como foi ter passado pela enchente, as crianças fizeram alusão a seus familiares e às decisões que tomaram, ou seja, aos locais que buscaram auxílio e como foram recebidos. Por sua vez, no pós-teste, quando questionadas sobre seus sentimentos, tristeza e medo apareceram novamente. No entanto, oito crianças mencionaram que estavam motivadas a fazer algo, como por exemplo, plantar árvores, não jogar lixo em locais impróprios e economizar água.

No tocante aos impactos trazidos pela enchente, apontaram ( $n= 5$ ) a reforma que os pais fizeram, porém dois mencionaram que não tiveram quaisquer alterações. Por meio do desenho, expressaram preocupações com o meio ambiente e com os bichos que morreram por causa da enchente. Verificou-se com esse estudo que os participantes passaram a reconhecer as medidas de prevenção e compreenderam a definição de desastres naturais.

Com base nas pesquisas abordadas, observa-se que as repercussões psicológicas tendem a ser mensuradas por instrumentos de medidas geralmente padronizados, a fim de checar o comprometimento psicológico decorrente do desastre natural. Do mesmo modo, os fatores de risco anteriores aos desastres devem ser levados em consideração; eles, no pós-desastre podem ser potencializados ou culminarem em sofrimento psíquico. O sofrimento psíquico observado pode ser manifesto por meio de um quadro clínico, ou ainda, pela presença de sintomas, mas que não fecharam todos os critérios diagnósticos (Proctor et al 2007; Demir et al, 2010). As crianças se caracterizam como um grupo vulnerável, sobretudo as meninas; por esse motivo destaca-se o papel da família enquanto mediadora do evento com o intuito de evitar a cronificação de transtornos mentais.

### **3.5 Pesquisas sobre os recursos e as redes de apoio utilizadas pelas crianças para enfrentar o desastre natural**

Mattedi (2008) afirmou que as comunidades que convivem cotidianamente com o risco desenvolvem estratégias mais rápidas e sistematizadas para lidar com os desastres naturais. Em frente a ele, os membros da comunidade tendem a se tornar mais solidários uns com os outros e apresentam diferentes maneiras de enfrentá-lo. Fávero e Sarriera (2014) apontam que não necessariamente a magnitude do desastre definirá a gravidade dos impactos na população e essa deve ser compreendida, também, com base nos recursos pessoais de enfrentamento dos envolvidos.

No caso específico das crianças, torna-se premente o diálogo, a escuta qualificada e o apoio, seja por parte dos familiares ou de pessoas consideradas de referência. Nikapota (2006) trabalhou com crianças que foram afetadas pelo tsunami no Sri Lanka, sendo que inicialmente foi escolhida uma data para fazer alusão ao evento. Com relação às atividades desenvolvidas nesse cenário, a autora deteve-se em auxiliar os membros de famílias extensas (tios, tias, avós) para que esses explicassem para as crianças sobre o que de fato havia acontecido com seus pais. Desse modo, foi realizado um trabalho intenso para que se falasse sobre as mortes dos entes queridos e esclareceu-se a importância da elaboração dos lutos. Já com as crianças que foram residir temporariamente em abrigos a intervenção ocorreu por meio do estabelecimento de rotinas e horários, a fim de possibilitar a retomada de um sentimento de segurança.

Nesse mesmo sentido, Becker (2007), juntamente com uma equipe de profissionais da saúde, dirigiu-se em 2005 à Índia com o intuito de implementar um programa de intervenção aos adultos e às crianças afetadas. Antes de realizarem as intervenções, os profissionais orientaram 1.200 pessoas-chaves da comunidade. As orientações foram sobre os impactos psicológicos e as reações esperadas, bem como o local em que poderiam buscar auxílio caso houvesse necessidade. As intervenções direcionadas às crianças focalizaram a escuta qualificada, bem como a utilização de recursos lúdicos, tais como: brincadeiras, jogos e pinturas. Estabeleceu-se rotinas diárias, as escolas voltaram a funcionar e foram feitas tentativas de localizar os familiares mais próximos.

Mitsopoulou e Derivois (2014) realizaram grupos terapêuticos com as crianças haitianas após o terremoto de 2010 com o objetivo de promover um espaço de acolhimento e reflexão. No grande grupo, os autores abordaram com as crianças os seguintes temas: família, eventos que marcaram a vida das crianças, as mudanças que esses eventos causaram, os mecanismos que elas utilizaram para lidar com o terremoto e, por último, as perspectivas futuras. No que tange às formas de enfrentamento, as crianças tiveram apoio dos familiares, da escola e da igreja. Verificou-se a ambivalência com relação a Deus, sendo Esse considerado um tirano ou Aquele que trará a salvação. Após a realização dos grupos terapêuticos, os autores supracitados, com base em casos, retrataram diferentes formas de enfrentamento por parte das crianças, entre elas: escrever poemas, ir à igreja e à escola. Os autores apontam para a importância de as crianças poderem se expressar – por diferentes vias – com a finalidade de reparar as vivências.

Assim, como na pesquisa mencionada, a equipe escolar que recebeu os alunos após a situação de desastre percebeu a necessidade de propor espaços para a discussão e o acolhimento dos alunos impactados. Entretanto, a própria equipe sentiu-se intimidada e despreparada para abordar o referido tema com os alunos ou até mesmo para desenvolver programas que abordassem desde a prevenção até o pós-desastre em longo prazo (Jaycox et al, 2007).

Diferentemente, Commers, Morival e Devries (2012) implantaram um projeto para minimizar nas crianças os impactos decorrentes do tsunami na Índia. Esse consistia em deixar urnas dispostas nas escolas da região e os alunos que tivessem interesse poderiam escrever uma carta com suas vivências sobre o desastre. O objetivo da atividade era propiciar uma oportunidade para que as crianças escrevessem sobre suas vivências, seja em cartas anônimas ou identificadas. A maioria das cartas estava identificada. Assim, as crianças foram chamadas para dialogar com os orientadores pedagógicos a respeito dos conteúdos. No entanto, os resultados em longo prazo da proposta realizada são desconhecidos.

Dessa forma nas investigações realizadas no pós-desastre, Garfin et al (2014) aplicaram um programa de prevenção após o terremoto no Chile e verificaram que as crianças que passaram pelo projeto tiveram menos preocupações decorrentes do desastre. Portanto, observou-se que as atividades direcionadas à prevenção nas escolas, além de terem um baixo custo, possibilitaram trabalhar a prevenção de traumas provenientes da experiência do terremoto.

Sendo assim, constatou-se que nas pesquisas analisadas, os recursos para lidar com as situações vivenciadas ocorreram principalmente pela via da fala e da escrita. Observou-se que as formas de mediar tais situações estão relacionadas com as questões culturais, com os recursos individuais e, também, como a rede de apoio irá manejar os cuidados com as crianças.



## **4. MÉTODO**

Com o objetivo de elucidar as etapas que compuseram o método será apresentado, no presente capítulo: o delineamento da pesquisa, assim como os participantes, o contexto em que foi realizada a coleta de dados, os instrumentos utilizados, os procedimentos de preparação para a coleta de dados, os procedimentos de coleta, o roteiro de entrevista elaborado para a coleta com os cuidadores, o procedimento desenho-estória com tema e, por fim, a análise de dados e os aspectos éticos envolvidos ao longo dessa investigação.

### **4.1 Delineamento da pesquisa**

O objetivo geral da presente pesquisa foi o norteador das etapas realizadas no decorrer dessa. Assim, buscou-se compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural. Dentre os objetivos específicos, têm-se: a) Caracterizar a enchente ocorrida em 2011, b) Identificar em crianças sintomas decorrentes do desastre natural, c) Identificar fatores de risco e proteção pré e pós-desastre natural, d) Identificar as redes de apoio das crianças após o evento e f) Descrever os recursos utilizados pelas crianças para enfrentar a experiência do desastre natural. Sendo assim, constatou-se que se trata de um estudo de natureza aplicada, exploratória, transversal com abordagem qualitativa.

A pesquisa aplicada se caracterizou pela investigação de temáticas que na prática possam contribuir com novos conhecimentos (Moresi, 2003); nesse caso, compreender as repercussões psicológicas da enchente de 2011 em crianças do Vale do Itajaí. Quanto aos demais objetivos, Gil (2008) menciona que a pesquisa exploratória busca explicitar e conhecer determinados fenômenos em que há pouco conhecimento sistematizado. Consequentemente, pretendeu-se atingir os referidos objetivos ao transformá-los em perguntas pertinentes a serem utilizadas nas entrevistas, sendo que uma delas foi realizada com o familiar questionando-o sobre a experiência da criança e a outra, na sequência, com a criança, a fim de se conhecer como foi para ela ter passado pelo desastre natural. Como estudo transversal pautou-se em investigar um recorte temporal, ou seja, um período específico caracterizado pela enchente de 2011 (Gil, 2002, 2008).

A abordagem qualitativa encontra-se em consonância com essa investigação, pois como indicado por Bauer, Gaskell e Allum (2017), Brandão, Ribeiro e Costa (2018), González-Rey (2011), Minayo (2012; 2017a), foi por meio das compreensões das relações e dos fenômenos que se tentou explicitar os sentimentos, pensamentos e emoções advindas do desastre natural. Além disso, buscou-se explorar as vivências das crianças, ao considerá-las em seus contextos. Posteriormente, os dados obtidos foram interpretados e discutidos a partir da literatura consultada e do referencial epistemológico que norteou as reflexões da pesquisadora (Creswell, 2007; Minayo, 2012).

## **4.2 Participantes da pesquisa**

Com o objetivo de aprofundar os temas de investigação, a presente pesquisa contou com participantes escolhidos, intencionalmente, com base em critérios de inclusão (Gray, 2012). González-Rey (2005) e Minayo (2017b) mencionam que a pesquisa de cunho qualitativo se pauta em conhecer uma realidade específica, por preocupar-se com o processo dinâmico do desenvolvimento do estudo e com o caráter construtivo das informações. Desse modo, González-Rey (2005) complementa ao afirmar que o adequado é pensar no conceito de amostra propositiva, sendo essa determinada pela temática que se quer investigar, ao “integrar em um mesmo espaço de significação elementos que antes não tinham relação entre si em termos de conhecimento” (p. 164). Logo, o número de participantes não deve ser fixado a priori, mas deve-se considerar a investigação dos fenômenos e o transcorrer da pesquisa.

Compatível com a ideia anteriormente mencionada encontram-se Fontanella et al (2011), os quais apontam que na pesquisa qualitativa é possível pensar em saturação teórica, sendo essa utilizada para estabelecer o número total de participantes, haja visto que as informações obtidas na coleta de dados tendem a se repetir e pouco pode ser agregado aos dados já obtidos se realizadas investigações com novos participantes. Fontanella, Ricas e Turato (2008) constataram em suas investigações que a saturação das informações ocorreu com doze participantes; sendo assim, nesse estudo, optou-se por no mínimo doze participantes. De fato, nessa pesquisa a coleta foi considerada encerrada após terem sido entrevistados 44 participantes, dentre os quais 22 eram crianças e 22 seus respectivos familiares. Para a realização da entrevista elaborou-se os seguintes critérios de inclusão: 1) Crianças cujas famílias

foram atingidas pela enchente de 2011, 2) crianças que no período da enchente de 2011 tinham no mínimo cinco e sete anos de idade completos, 3) O (a) familiar esteve presente com a criança na situação da enchente e 4) O (a) familiar e a criança residirem na cidade de Itajaí, Santa Catarina. A escolha pela enchente de 2011 se deu por ser uma das mais recentes ocorridas na cidade e também por ter apresentado impacto na comunidade. Já em relação ao critério de idade das crianças, definiu-se em decorrência da idade delas no momento da enchente e no momento da coleta. Reitera-se assim, que as crianças dessa pesquisa encontravam-se no estágio da latência, momento este caracterizado por uma reorganização defensiva do ego, bem como, há uma abertura da criança para aspectos cognitivos e um desejo maior de ter contato com pessoas para além do círculo familiar (Sarnoff, 1995).

### **4.3 Contexto da pesquisa**

Na pesquisa de cunho qualitativo, o contexto, ou seja, o local onde aconteceu a pesquisa deve ser descrito de maneira detalhada, pois é o lugar em que os participantes estão inter-relacionados com a realidade social (Creswell, 2007; Minayo, 2017a; Turato, 2005). Nesse estudo, o contexto foi a cidade de Itajaí, no Estado de Santa Catarina, na qual historicamente é marcada por enchentes e movimentos de massa, popularmente conhecidos como deslizamentos.

Com a finalidade de compreender os aspectos hídricos, Schettini, (2002, p. 124) discorreu que a bacia hidrográfica do Rio Itajaí possui uma área de 15.500 km<sup>2</sup>, sendo a principal bacia da Vertente Atlântica. Essa é assim denominada, pois contempla as bacias hidrográficas que se encontram no litoral e nas encostas do Estado de Santa Catarina e, há também, a bacia do rio Itapocú e a bacia do rio Tijucas ao sul.

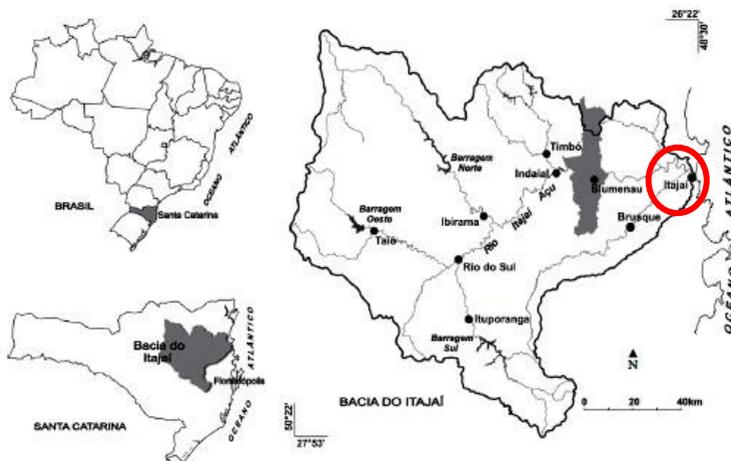
De acordo com Aumond (2009), Santos, Tornquist e Marimon (2014) há um conjunto de aspectos físicos na cidade de Itajaí que propiciam a recorrência das enchentes. Dentre eles encontram-se: a declividade do curso das águas, o relevo modelado plano localizado em 33% da bacia e a favorável localização geográfica que possibilita uma maior ocorrência de chuvas devido à condição climática bastante quente e úmida.

Com relação ao histórico da cidade, os primeiros moradores foram os índios, sendo que os registros referentes à colonização fazem alusão aos portugueses no século XVIII e, posteriormente, aos alemães no século XIX. O primeiro núcleo urbano possui dois fundadores, sendo

eles: Antônio Menezes de Vasconcelos Drummond e Agostinho Alves Ramos. Drummond iniciou a plantação de feijão e milho, estabeleceu um engenho para serrar madeira e criou um pequeno estaleiro, porém foi chamado para retornar a Portugal. Assim, Ramos passou a sistematizar o povoamento da região e construiu uma capela. Ressalta-se que com a criação do povoado, às margens do rio Itajaí, também se estabeleceram locais para construção e reparos de embarcações. A madeira extraída era oriunda da cidade e considerada de qualidade para a construção das mesmas (D'Ávila, 1982).

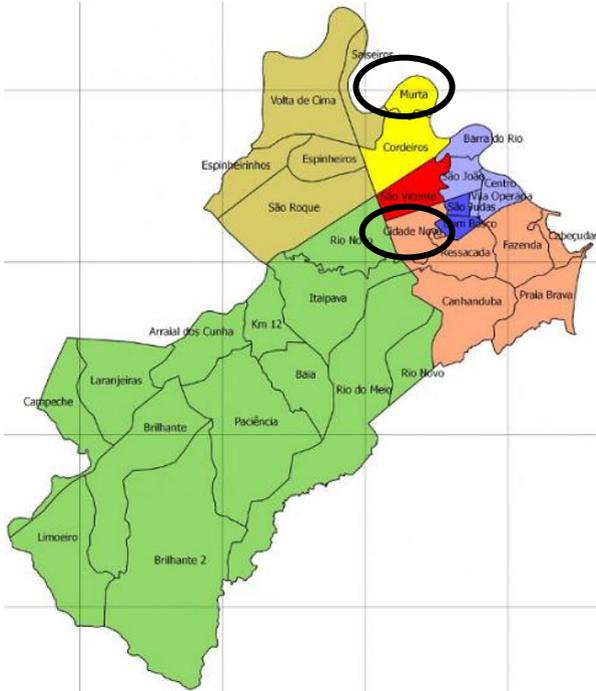
Itajaí, colonizada na sua grande maioria por pessoas luso-açorianas, é uma palavra de origem indígena e carrega no seu nome o registro das águas, ou seja, significa “rio que corre sobre as pedras”. Até os dias de hoje possui uma posição geográfica privilegiada para a presença de uma estrutura portuária, a qual lhe promove o sustento (Sistema de Informações sobre Recursos Hídricos do Estado de Santa Catarina, s/d). A cidade possui uma população estimada em 201 557 habitantes, uma área territorial de 288,286 km<sup>2</sup> composta por 33 bairros e possui Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,795. Além disso, 94,6% (n= 173 452) da população encontra-se no perímetro urbano e 50, 9% (n= 93 262) são mulheres (Instituto Brasileiro de Estatística, 2010).

A seguir, serão apresentadas imagens com a finalidade de ilustrar e possibilitar a visualização do contexto da pesquisa. E, também, mapas que sinalizam a bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açú (Figura 1), os bairros da cidade - sendo destacados os locais onde ocorreu a coleta de dados da presente pesquisa (Figura 2) - e imagens, realizadas pela autora dessa tese, do bairro Cidade Nova e, na sequência, do bairro Murta (Figuras 3, 4 e 4.1). Destaca-se que os referidos bairros foram escolhidos por terem sido bastante atingidos em 2011, bem como, pela viabilidade do local para realização da coleta de dados.



FONTE IPA/FURB.

**Figura 1.** Bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açu. Mapa de Schettini (2002), adaptado para ilustrar a bacia hidrográfica do rio Itajaí-açu.



**Figura 2.** Locais onde ocorreu a coleta de dados da presente pesquisa. Levantamento dos bairros da cidade de Itajaí, em que os sinalizados por um círculo em cor preta foram os locais onde ocorreram com mais frequência a presente coleta de dados (imagem retirada do site da Defesa Civil de Itajaí, s/d).



**Figura 3.** Imagens do bairro Cidade Nova. As três imagens superiores retratam o bairro Cidade Nova onde se vê, da esquerda para direita, respectivamente, uma Pracinha, a Igreja Católica e ao lado dessa, ou seja, na mesma imagem, encontra-se a Unidade Básica de Saúde. Na imagem seguinte, tem-se a Escola Estadual da região com Ensino Fundamental. As três imagens inferiores ilustram da esquerda para direita uma rua sem saída e depósitos de lixo, bem como uma casa do bairro. Fotografias realizadas em: 05 de janeiro de 2018.



**Figura 4.** Imagens do bairro Murta. As três imagens superiores retratam o bairro Murta. Tem-se, respectivamente, uma Pracinha, a Igreja Católica do bairro e as margens rio Itajai-Açú onde há o coreto. As três imagens inferiores ilustram as margens do rio Itajai-Açú. Fotografias realizadas em: 05 de janeiro de 2018.



**Figura 4.1** Imagens do bairro Murta. As três imagens superiores, da esquerda para direita, retratam as ruas do bairro da Murta. As duas imagens inferiores ilustram o local em que ocorreu a coleta de dados e a escola do município que possui Educação Infantil. Fotografias realizadas em: 05 de janeiro de 2018.

#### **4.4 Instrumentos para coleta de dados**

Tendo em vista os objetivos, pretendeu-se atingi-los por meio dos roteiros de entrevista para os cuidadores (Apêndice II), o procedimento desenhos-estórias (Apêndice III) e o roteiro de entrevista semiestruturada para as crianças (Apêndice IV).

##### ***4.4.1 Roteiro de entrevista com os cuidadores***

De acordo com Minayo (2010), por meio de um roteiro de entrevista pode-se provocar as narrativas dos entrevistados. Sendo assim, os (as) familiares foram questionados quanto à enchente de 2011, no Vale do Itajaí. Tais questionamentos eram condizentes com as repercussões psicológicas nas crianças, seus sintomas, fatores de risco e proteção, bem como possíveis recursos utilizados pelas crianças para enfrentar a experiência do desastre natural e suas redes de apoio. De acordo com Gregio et al (2015), dialogar com os familiares das crianças torna-se fundamental, pois a maneira como os mesmos vivenciaram a situação tende, inclusive, a influenciar a compreensão da criança sobre os fenômenos vividos.

#### ***4.4.2 Procedimento desenhos-estórias com tema***

Nesta pesquisa pretendeu-se utilizar o desenho infantil como mediador, ao possibilitar que a criança exteriorizasse aspectos do seu mundo interno (Fávero & Salim, 1995; Greig, 2004). A técnica desenhos-estórias tende a ser utilizada em contextos clínicos e não clínicos, sendo descrita pelos participantes como motivadora, de baixo custo, fácil acesso e disponível a crianças e adultos (Trinca & Tardivo, 2000; Trinca & Martão, 2013). Menezes, Moré e Cruz (2008) complementam que o desenho tem sido utilizado em pesquisas a fim de compreender os sentimentos e pensamentos das crianças. Sendo assim, foi utilizado o procedimento de desenhos-estórias com tema, de acordo com Trinca (2013), devidamente adaptado para esse estudo.

Com relação a presente pesquisa, inicialmente os participantes foram convidados a realizar um desenho livre e, em seguida, solicitou-se que eles dessem um título e relatassem livremente histórias condizentes ao desenho executado. Posteriormente, realizou-se o inquérito, momento no qual a pesquisadora pode esclarecer suas dúvidas quanto à história e ao desenho. Ressalta-se que ao iniciar a aplicação, a criança encontrava a sua disposição uma folha A4, em branco e na horizontal, um lápis e uma caixa de lápis de cor com 12 cores. Cada criança poderia escolher como procederia quanto ao uso do lápis e da caixa de lápis colorido.

Nessa pesquisa a técnica utilizada foi desenhos-estórias com tema, sendo esse a enchente de 2011. Em seguida, foi solicitado que a criança contasse uma história e na sequência, realizou-se o inquérito. Primeiramente, foi solicitado um desenho livre para que a criança se sentisse à vontade para, posteriormente, realizar o 2º desenho, esse referente às recordações da enchente de 2011. Já o 3º e o 4º desenhos buscavam retratar como a criança se sentiu durante e logo após o período da enchente e, por fim, o 5º desenho se referia a que ou a quem a auxiliou no enfrentamento das experiências ligadas à enchente.

#### ***4.4.3 Roteiro de entrevista com as crianças***

O roteiro de entrevista foi elaborado para ser utilizado com a criança após a realização do desenho-estória com tema. Ou seja, por meio da entrevista era possível escutar a criança pela segunda vez, ou ainda, averiguar novas informações relevantes para os objetivos desse estudo. Ressalta-se que o roteiro de entrevista pode ser considerado um instrumento que colaborou para ampliar a compreensão acerca da realidade da criança entrevistada.

#### **4.5 Procedimentos de preparação para coleta de dados**

Com relação aos procedimentos de preparação para a coleta de dados, realizou-se inicialmente como piloto duas entrevistas semiestruturadas com o(a) familiar, duas aplicações de desenhos-estórias e, conseqüentemente, duas entrevistas com crianças que se adequavam aos critérios da pesquisa. Por meio desses instrumentos, verificou-se a necessidade de pequenos reajustes nas entrevistas para os familiares e para as crianças. Foram incluídas novas perguntas para abarcar os objetivos de investigação; no entanto, manteve-se a aplicação do desenho e seus respectivos inquéritos. Destaca-se que a coleta realizada como piloto também foi inserida nas análises, uma vez que as adequações feitas com as entrevistas não comprometeram o compilado dos dados.

De acordo com Minayo (2012; 2017a), o pesquisador inicialmente deve ir a campo com seus instrumentos, mas flexível no sentido de readequá-los a fim de possibilitar uma sintonia entre os pressupostos epistemológicos, objetivos e instrumentos, tal como se pretendeu nesse estudo.

#### **4.6 Procedimento de coleta de dados**

A pesquisadora entrou em contato com a Defesa Civil da cidade de Itajaí e, em maio de 2015, realizou um diálogo com o Coordenador a fim de viabilizar a coleta de dados. Ressalta-se que a Defesa Civil possuía os registros dos bairros que foram mais atingidos na enchente de 2011 e, também, das áreas que recorrentemente passam por alagamentos.

Após a qualificação do projeto de tese, em agosto de 2015, a pesquisadora retornou ao serviço e obteve uma lista com os bairros mais atingidos na enchente de 2011. Dentre eles encontram-se: Cidade Nova, Canhanduba, Murta e Imaruí. Em seguida, dialogou com o responsável pela Defesa Civil sobre a viabilidade de indicação de um servidor para acompanhar a pesquisadora a campo, haja vista seu desconhecimento sobre os referidos territórios. Sendo assim, verificou-se a impossibilidade de obter auxílio dos colaboradores, pois a equipe encontrava-se com um o número reduzido de profissionais.

Tendo em vista a impossibilidade da coleta de dados junto à Defesa Civil, a pesquisadora dialogou, em dezembro de 2015, com uma das Enfermeiras responsáveis pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS),

da cidade de Itajaí. A partir da apresentação do projeto de pesquisa, a Enfermeira se disponibilizou em intermediar o contato da pesquisadora com as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) pertencentes às unidades dos bairros Promorar e Cidade Nova.

Em janeiro de 2016, a pesquisadora retornou o contato com a Enfermeira e foi informada que no mês corrente seriam realizadas reuniões junto às agentes de saúde, sendo ela convidada a participar. Após as reuniões, a Enfermeira gentilmente sugeria que a pesquisadora dialogasse com as agentes a respeito da pesquisa em questão. Desse modo, após o aceite das agentes em mediar o contato entre pesquisadora e comunidade, foram providenciadas oitenta cartas-convite para que as agentes as entregassem em suas respectivas áreas de abrangência.

Em meados de janeiro de 2016, a pesquisadora fez contato com as unidades e constatou que as agentes tinham sido realocadas em outra função, ou seja, deixaram de realizar o acompanhamento das famílias para realizarem um mutirão com a finalidade de combater o mosquito *Aedes aegypti*. Com a nova configuração do serviço, mesmo que de maneira temporária, as cartas-convite acabaram não sendo entregues. A pesquisadora retornou às unidades e, por meio de indicações de parentes e conhecidos das agentes, deu início à coleta de dados.

A partir dos contatos telefônicos obtidos, a pesquisadora ligou para os familiares e no diálogo sempre mencionava a indicação, apresentava-se e elucidava os objetivos da pesquisa. Se por ventura o(a) familiar demonstrasse interesse em participar, ela agendava um encontro com os envolvidos em suas residências. Conforme Dewes (2013), essa técnica em que os participantes se indicam sucessivamente é denominada de bola-de-neve (snowball).

O contato se dava, prioritariamente, com estabelecimento do rapport com intuito de criar um clima favorável e reiterar os esclarecimentos pertinentes à pesquisa. Em caso de autorização, solicitava-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I) dando-se início à entrevista.

A coleta de dados ocorria, em primeiro lugar, com o(a) responsável e, em seguida, com a criança. Quando em contato com a criança, a pesquisadora se apresentava e a questionava sobre o seu interesse em participar da pesquisa. Cabe destacar que nenhuma criança se opôs à participação. A coleta de dados com as crianças ocorreu com a realização do procedimento desenho-estória e, em seguida, a entrevista. Ao total, nessa etapa, contabilizaram-se sete entrevistas com os familiares e sete com as crianças, todas realizadas no bairro Cidade

Nova7. Destaca-se que essas coletas ocorreram ao longo do mês de janeiro de 2016 e o tempo que a pesquisadora permaneceu na casa dos participantes foi em média de três horas e meia. Ao longo de toda a coleta de dados, a pesquisadora fez uso de um diário de campo em que relatou sobre como transcorreu a coleta com os participantes, sentimentos e reflexões que surgiram a partir desses encontros.

Segundo González Rey (2005), ao se tratar de uma pesquisa apoiada em um delineamento qualitativo, cabe ao pesquisador manter ao longo da coleta de dados uma postura comprometida, aberta e flexível para com os investigados. Corroborando tal afirmação, a trajetória dessa pesquisa passou por algumas intercorrências. Sendo assim, tentou-se refletir sobre possíveis saídas ao replanejar, por exemplo, os locais para o estabelecimento de novos contatos de participantes.

Nesse ínterim, uma vez que as indicações cessaram, a pesquisadora soube da existência de uma instituição para crianças e adolescentes, sem fins lucrativos, localizada no bairro da Murta, em Itajaí. A Instituição foi inaugurada em março de 2012 e conta com a parceria de empresas da região que queiram investir no desenvolvimento educacional e cultural de jovens.

A sede foi construída em parceria com a Prefeitura Municipal de Itajaí e possui uma sala para recepcionar a população que dispõe de um acervo de livros, uma sala para realização de consultas, quatro salas de aula, uma sala de dança, um laboratório de informática, uma cozinha, dois banheiros, horta e estacionamento. A Instituição possui apenas dois funcionários efetivos, dentre eles uma coordenadora e um recepcionista; os demais são voluntários. Com relação ao corpo de voluntários têm-se: um Pediatra, um Nutricionista, um Advogado, um Professor de Música, dois Professores de Informática, um Professor de Dança, dois Professores de Artes Plásticas, dois Professores de Artes Marciais e duas mães de crianças que frequentam o Instituto e são as responsáveis pela preparação do lanche, limpeza e manutenção do estabelecimento. O

---

<sup>7</sup>Recente bairro da cidade de Itajaí constituído em 1996 e conhecido por ser acolhedor com os novos moradores. Destaca-se que o povoamento nesse bairro também se deu devido à cessão de terrenos, por parte da Prefeitura, para a Companhia de Habitação – COAB de Santa Catarina, a qual construiu conjuntos habitacionais. Um dos percalços do bairro encontra-se na sua localização geográfica. Ele é banhado pelo Rio Itajaí-Mirim que tende, com frequência, a transbordar devido às águas vindas da cidade de Brusque (Anjos & Barros, s/d; Diário, 2013).

espaço possui parceria com uma faculdade da região e realiza também atendimentos odontológicos à população.

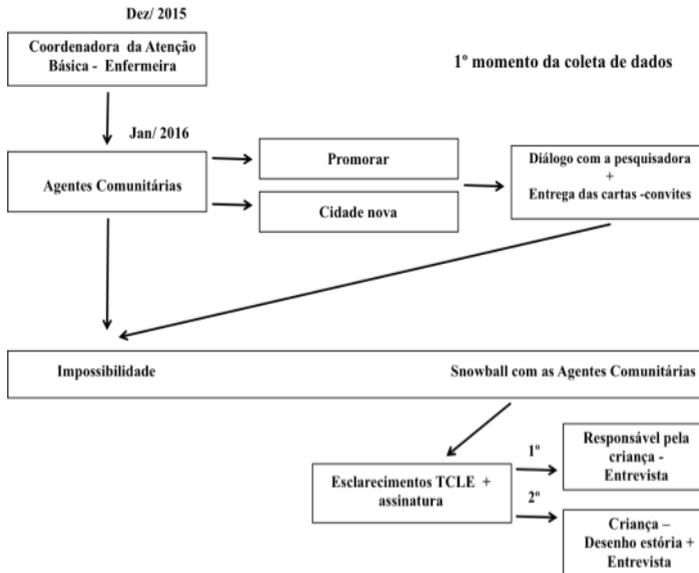
Na tentativa de obter novos participantes, em fevereiro de 2016, a pesquisadora agendou um primeiro encontro com a responsável da Instituição. Nesse contato a pesquisadora se apresentou e esclareceu os objetivos da pesquisa, assim como os critérios de inclusão referentes aos participantes. A responsável se prontificou em auxiliar ao se propor a mediar o diálogo entre comunidade e pesquisadora.

No segundo encontro, a responsável fez um levantamento de todas as crianças que estavam matriculadas na instituição e a partir desses registros selecionou aquelas que possuíam a idade condizente aos critérios de inclusão da pesquisa em questão. Com base nessas informações, a responsável inseriu todos esses dados em uma planilha contendo nome, idade e o contato dos familiares, assim, contabilizando vinte e cinco possíveis participantes. Ainda no mesmo encontro, a responsável fez contato com alguns familiares e sempre os questionava se tinham passado pela enchente de 2011. Em caso afirmativo, ela agendava um encontro com a pesquisadora na própria instituição. De maneira geral os encontros foram mediados pela responsável por contato telefônico ou pessoalmente, pois as crianças e os pais frequentam a instituição com certa frequência.

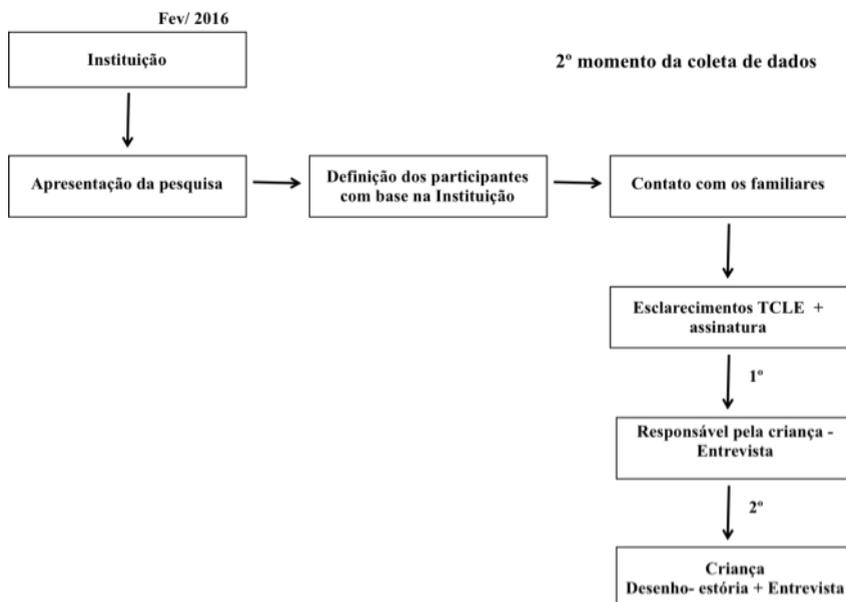
Com relação aos agendamentos para a realização da entrevista, geralmente, esses ocorriam com base na disponibilidade dos participantes. Cabe ressaltar que as entrevistas inicialmente ocorreram com o(a) responsável e, posteriormente, com a criança. O que diferiu das entrevistas realizadas no começo da coleta de dados obtidas na instituição foi o local da coleta, pois na instituição foi possível a utilização das salas disponíveis.

Ao total foram realizadas quinze entrevistas com os familiares e com as crianças no mês de fevereiro de 2016, contabilizando vinte e dois familiares e suas respectivas crianças. Ressalta-se que a coleta de dados de uma mesma situação, criança/cuidador, ocorria no mesmo dia e durou em média duas horas. Porém, apenas uma participante (P 17) não finalizou a primeira parte – realização dos desenhos –, porque a instituição fechava às 18h, o que impossibilitou a continuidade da aplicação da técnica do desenho com tema. Embora a coleta de dados tenha sido facilitada na instituição pela utilização de seu espaço, pois os participantes iam até o local previamente agendado, aponto que o mais interessante tenha sido ir até a casa dos familiares. De acordo com Minayo (2012), quando o pesquisador vai a campo seus sentidos devem estar apurados para manter uma postura ativa com intuito de ouvir, ver e

questionar sobre o contexto que se tem permitido explorar. Com a finalidade de esclarecer essa etapa da pesquisa, serão apresentados, por meio de fluxogramas (Figuras 5 e 6), os dois momentos da coleta de dados.



**Figura 5.** Fluxograma referente a coleta de dados, referente ao primeiro momento da coleta de dados – Dezembro de 2015.



**Figura 6.** Fluxograma referente a coleta de dados, referente ao segundo momento da coleta de dados – Fevereiro/2016

#### 4.7 Análise dos dados

As entrevistas dos familiares e das crianças contabilizaram 23h30min de gravação – 15h6min mais 8h24min –, atrelados à aplicação do desenho-estória, o qual demandou 21h10min. Ao total foram 44h39min e 34s de gravações. Com relação ao desenho livre, a aplicação total durou 6h31min e 29s, o desenho 1 foi de 4h e 22 min e 56s; o desenho 2 foi 4h4m e 25s; o desenho 3 levou aproximadamente 3h28min e 28s; e o desenho 4 foi de 2h43min e 11s. Portanto, ao longo da coleta de dados a pesquisadora realizou a transcrição na íntegra das gravações e, por meio da utilização do Atlas/Ti 7.0, percebeu que os dados da pesquisa estavam saturados, isto é, os dados tendiam a repetição e não apresentavam novos elementos para a investigação. Com relação ao programa ele é um software utilizado para analisar dados qualitativos e que organiza grandes quantidades de texto, informações

em áudio ou em vídeo (Frieze, 2013). Em seguida, para análise das entrevistas e da história foi utilizada a análise de conteúdo categorial, proposta por Bardin (2011). Essa se organiza em três etapas, a saber: a primeira delas é denominada de pré-análise e é nela que o pesquisador faz, sucessivamente, leituras dos materiais. A segunda é caracterizada pela exploração do material no sentido de codificar e criar categorias a partir dos dados. Na terceira e última etapa tem-se o tratamento dos resultados, sendo que o pesquisador pode interpretar e inferir sobre os dados, levando em consideração os conteúdos manifestos e latentes dos participantes.

#### **4.8 Aspectos éticos da pesquisa**

O presente estudo esteve pautado na resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, a qual se refere aos cuidados éticos necessários na realização de pesquisas com seres humanos. Dessa maneira, após a qualificação do projeto e de acordo com as considerações da banca e adequações, o estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina e obteve parecer favorável em novembro de 2015, mediante o número 1.322.800, CAAE: 49282215.8.0000.0121.

Com relação aos participantes da pesquisa, todos foram devidamente orientados sobre o caráter voluntário, os objetivos e a metodologia empregada. Destacou-se, ainda, o anonimato e sigilo por meio da utilização do TCLE (Apêndice I). Após ciência dos participantes, foi solicitada a assinatura em duas vias do termo e a coleta de dados foi iniciada.

Após a defesa da tese e as correções sugeridas pela banca, pretende-se realizar a devolutiva com o responsável da Defesa Civil, com a responsável da Atenção Básica e com os participantes que foram indicados para a coleta pelas Agentes Comunitárias. Quanto aos dados coletados na Instituição, pretende-se realizar encontros com os familiares e com as crianças para suas respectivas devolutivas.

## **5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A apresentação dos resultados e discussão será realizada por meio de dois grandes blocos. Na primeira parte serão apresentadas, em 5.1: A caracterização das crianças com uma breve vinheta com aspectos relevantes de suas histórias de vida, seus desenhos e, ainda, uma descrição do processo de coleta de dados. Também no primeiro bloco, na parte 5.2 – Apresentação dos desenhos com tema –, será apresentada uma única história de cada tema, com o intuito de ilustrar o observado no grupo de crianças que participaram da pesquisa. Dentre os temas dos desenhos encontram-se: desenho livre, recordações sobre a enchente de 2011, sentimentos durante e após a enchente e fonte de apoio, ou seja, o que ou quem apoiou o(a) participante. Portanto, serão apresentadas, com relação a cada temática, as histórias, os desenhos, as categorias elaboradas para esse estudo e a Tabela 6 (pp.83) que resume as categorias, subcategorias e elementos de análise obtidos a partir das consignas dos desenhos-estórias com tema.

Já no segundo bloco, será apresentada a Tabela 7 (pp.95) integrada de análise com base nas entrevistas realizadas com as crianças (Apêndice IV) e com os familiares (Apêndice III).

### **5.1 Apresentação dos participantes – crianças e familiares**

Destaca-se que a coleta de dados foi realizada inicialmente com os familiares. No entanto, com a finalidade de priorizar as informações obtidas com as crianças optou-se por, primeiramente, apresentá-las aqui. Portanto, na Tabela 4 (pp.54) se encontra a caracterização das crianças, a Tabela 5 (pp.54), a caracterização dos familiares e, na sequência, têm-se pequenas vinhetas sobre os participantes, ou seja, informações e observações extraídas do processo de coleta de dados obtidos com cada criança. A maioria dessas informações foi retirada do diário de campo realizado ao longo da coleta de dados.

**Tabela 4.** Caracterização das crianças

CRIANÇA	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
P 1	12	Masculino	8°
P 2	11	Feminino	6°
P 3	11	Feminino	5°
P 4	11	Masculino	6°
P 5	11	Feminino	6°
P 6	11	Masculino	6°
P 7	11	Masculino	6°
P 8	11	Masculino	5°
P 9	12	Feminino	7°
P 10	12	Feminino	6°
P 11	10	Feminino	6°
P 12	10	Masculino	5°
P 13	12	Feminino	6°
P 14	11	Feminino	5°
P 15	12	Feminino	6°
P 16	11	Masculino	5°
P 17	11	Feminino	5°
P 18	11	Feminino	5°
P 19	12	Feminino	8°
P 20	10	Feminino	4°
P 21	11	Masculino	6°
P 22	12	Feminino	7°

Nota. Elaborada pela autora da tese.

A seguir, a caracterização dos familiares:

**Tabela 5.** Caracterização dos familiares

CATEGORIA		N
Sexo	Feminino	21
	Masculino	01
Idade	De 25 a 35 anos	10
	De 36 a 46 anos	09
	Acima de 47 anos	03
Estado Civil	Solteira	03
	União Estável	06
	Casada	11
	Separada	01
	Viúvo	01
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	06
	Ensino Fundamental Completo	01
	Ensino Médio Incompleto	04
	Ensino Médio Completo	10
	Ensino Superior Incompleto	01
	Área de Serviços	09
	Área de Comércio	09
	Área de Segurança	02
	Área da Saúde	02

Nota. Elaborado pela autora da tese.

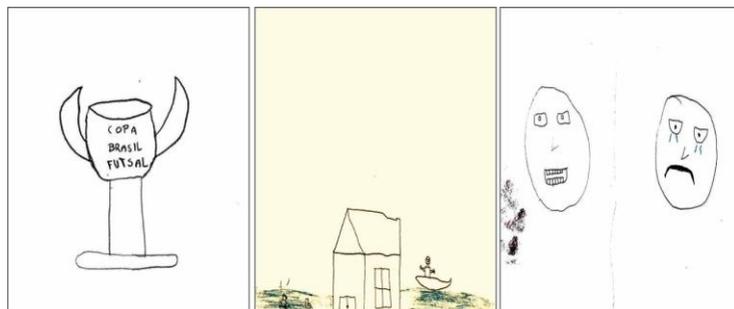
Na sequência, serão apresentadas as vinhetas dos encontros obtidos com as crianças, informações que fazem menção ao processo de coleta de dados e seus respectivos desenhos devidamente sinalizados. Os dados se referem ao momento da coleta de dados:

### **Participante 01 – (P 1)**

P 1, do sexo masculino, 12 anos completos – 7 anos no momento da enchente –, cursava o oitavo ano e residia no bairro dos Cordeiros. Inicialmente, a pesquisadora obteve o contato de P 1, pois havia trabalhado com a sua irmã em uma Clínica. A pesquisadora foi à residência da família e realizou a entrevista com a mãe do adolescente e,

posteriormente, com P 1, sendo que ambas ocorreram na cozinha da residência. A família de P 1 é composta por ele, pai, mãe e sua irmã de 20 anos. Com o adolescente, iniciou-se pelo desenho-estória com tema e em seguida, foi feita a entrevista. Sendo que essa ocorreu em dezembro de 2015, momento em que as pessoas começavam a ser dispensadas dos seus trabalhos para se organizarem para as festividades de final de ano. Havia um clima festivo no ar e uma disponibilidade por parte da mãe de P 1 em participar da pesquisa.

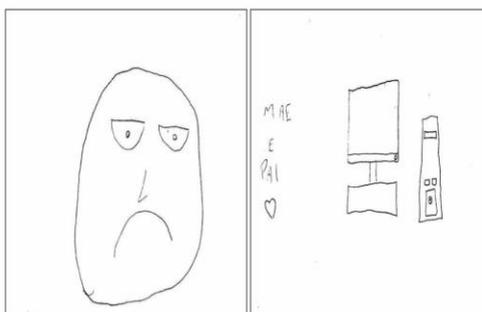
De acordo com os relatos de P 1, a enchente de 2011 parece “não ser sido um problema” (sic), pois na sua casa a água não veio com tanta força. P 1 passou os dias da enchente na casa de uma tia, na companhia de seu primo de 16 anos e segundo seu relato: “passaram os dias jogando vídeo-game” (sic). Quando indagado quantos dias ficou na casa da tia, P 1 não sabia retomar. Ao longo do procedimento desenho-estória, a pesquisadora o percebeu bastante rápido na execução dos desenhos e utilizou pouquíssimas cores para ilustrar o acontecido. Em alguns momentos, o adolescente ficou com os olhos cheios de água e a voz embargada. Ao longo da aplicação do desenho-estória e da entrevista, P 1 mencionou sobre o medo da enchente e o desejo de morar em um apartamento, ou seja, associando a altura do prédio com o fato de estar protegido da enchente. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 1:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



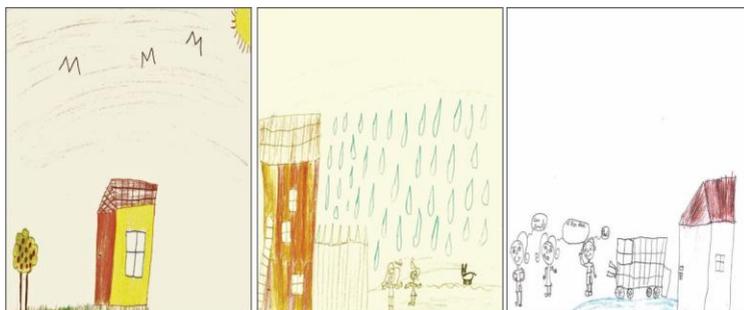
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

## Participante 02 – (P 2)

A participante P 2, do sexo feminino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente –, cursava o sexto ano. P 2 residia no mesmo terreno que o participante P 1 e foi indicada pela irmã dele para participar da pesquisa. Na casa de P 2 morava a criança, sua mãe e seu pai. P 2 era filha única e sua mãe era natural do Rio de Janeiro e o pai de P 2 era irmão da mãe de P 1. A coleta ocorreu na cozinha conjugada com a sala, onde havia um pinheiro de Natal com uma carta endereçada ao Papai Noel escrita por P 2. Com relação à aplicação dos desenhos-estórias com tema, ao realizá-los P 2 permaneceu calada, falando apenas quando solicitada. Inicialmente, os desenhos demonstraram cuidados e cores; no entanto, ao longo da aplicação, as cores esvaneceram. Embora a pesquisadora tenha solicitado que P 2 abordasse os desenhos do ano de 2011, ao longo do relato e da entrevista percebeu-se que o registro emocional ficou retido em 2008. Agrega-se a essa informação o fato de

que, em 2008, a família buscou abrigar-se na residência de familiares; todavia a água também invadiu a casa em que estavam. P 2 e sua mãe tiveram que realizar uma saída emergencial que contou com auxílio de transeuntes. Se não fossem ajudadas por desconhecidos, as duas poderiam ter morrido afogadas. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 2:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



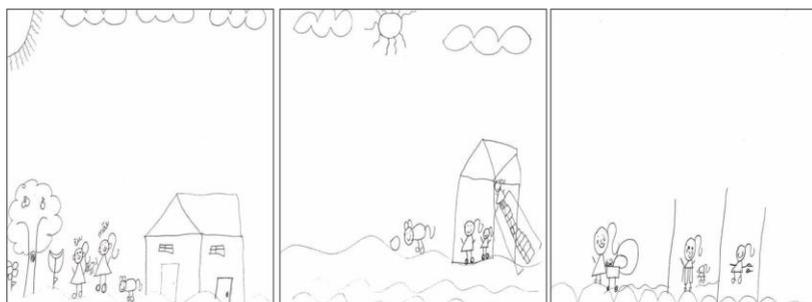
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 03 – (P 3)

A participante P 3, do sexo feminino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente –, cursava o quinto ano e residia com a sua mãe, avó materna, um tio e seus animais de estimação – uma gata, um cachorro e uma tartaruga – no bairro Cidade Nova. Sua mãe tomou conhecimento da pesquisa, pois atuava como Agente Comunitária de Saúde. Essa coleta ocorreu inicialmente na casa de um primo de P 3 e,

na sequência, na casa de dois andares onde P 3 residia. Os registros da menina sobre a enchente estavam diretamente relacionados ao ano de 2011. Os cinco desenhos de P 3 não possuem cores e quando indagada sobre as perdas com a enchente, P 3 se emocionou e abordou suas perdas materiais. Atrélada ao registro de perdas, P 3 mencionou que só foi reconhecida por seu pai aos quatro anos de idade por meio de um teste de DNA, mas que atualmente frequenta a casa dele, quinzenalmente. P 3 apresentou histórias criativas e uma capacidade de elaborar e ressignificar as vivências de 2011. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 3:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



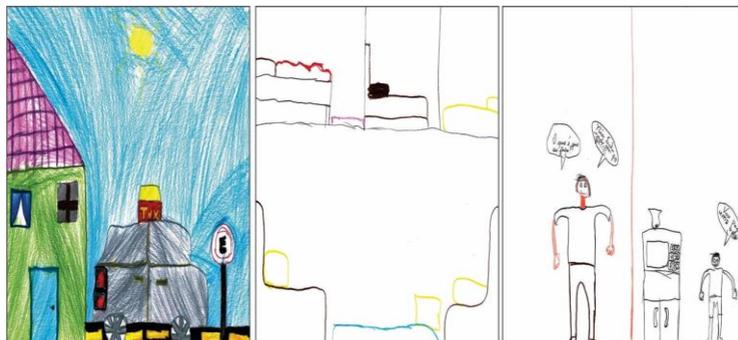
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

#### Participante 04 – (P 4)

P 4, sexo masculino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e frequentava o sexto ano. P 4 foi indicado por sua mãe, que também é ACS. A realização da coleta de dados ocorreu na casa da criança, mais especificamente na cozinha. Às vezes, a irmã de seis anos

e a mãe da criança compareciam ao recinto demonstrando curiosidade com a situação. A pesquisadora orientou sobre a importância de manter um ambiente sem distrações e foi respeitada. Na casa de dois pisos, localizada no bairro Cidade Nova, moravam a criança, a irmã menor – com a qual P 4 demonstrou cuidados e responsabilidade – e o pai. P 4 demonstrou esmero e certo perfeccionismo ao realizar o desenho livre e abordou uma história rebuscada relacionada ao desenho realizado. No entanto, nas outras quatro produções as cores e a qualidade do desenho não se mantiveram, sendo que em alguns momentos o menino indagava se poderia escrever suas experiências ao invés de desenhá-las. P 4 demonstrou uma boa capacidade intelectual ao contar suas histórias. Quando indagado sobre a enchente de 2011, P 4 abordou que acolheram os vizinhos e, além disso, contou sobre o tédio e a inatividade durante o período das cheias. A criança apontou uma lembrança de natureza positiva – uma barra de chocolate que o vizinho lhe deu –. P 4 lembrou de tê-la compartilhado com as outras crianças que estavam abrigadas na sua casa. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 4:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

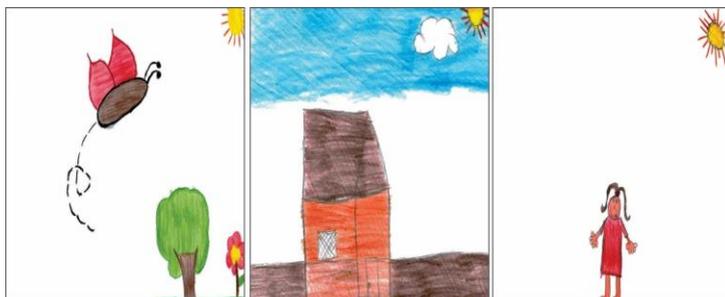
Fonte de apoio

### Participante 05 – (P 5)

A participante P 5, do sexo feminino, tinha na época da coleta 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e frequentava o sexto ano. Uma ACS indicou a família da menina e a pesquisadora entrou em contato via telefone. Após o aceite da responsável, a pesquisadora compareceu à casa dos familiares em uma rua no bairro Cidade Nova. Nessa rua, boa parte das residências possuía o segundo piso. P 5 residia com a mãe, o pai e o irmão de oito meses, sendo que no mesmo terreno havia a residência dos avôs maternos e da tia materna. Todas as mulheres da família trabalhavam juntas na confecção de roupas.

P 5 foi entrevistada na cozinha conjugada à sala e a mãe retirou-se do cômodo deixando a pesquisadora e a criança bastante à vontade. A criança, durante a aplicação do desenho, demonstrou resistência

alegando que não sabia desenhar. Quando era solicitada a contar a história, P 5 demorava a elaborar o seu relato. P 5, diferentemente das outras crianças participantes, relatava o que ia desenhar e, na sequência, desenhava. Era como se buscasse aprovação para a tarefa que estava realizando. Então, em vários momentos a pesquisadora interveio e a motivou para a execução. Com relação à entrevista, a criança parecia ter poucos registros sobre 2011, mas quando indagada sobre a enchente de 2008 ficou bastante emocionada. Relatou que, em 2008, seus pais foram para um retiro e ela ficou aos cuidados dos avós. Devido à enchente, sua alimentação que na época era à base de Mucilon quase ficou comprometida. Desse modo, os vizinhos se uniram e doaram algumas latas de leite para que a criança pudesse se alimentar na ausência de mercados abertos. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 5:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente

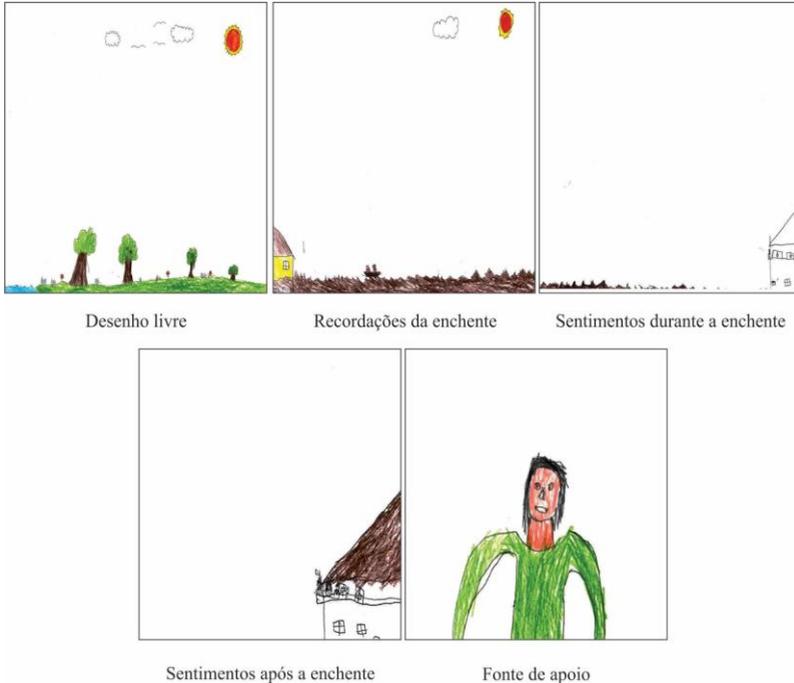


Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### **Participante 06 – (P 6)**

P 6, sexo masculino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e estudava no sexto ano em uma escola privada. Foi por meio de indicação que a pesquisadora conseguiu entrar em contato com essa família. P 6 residia no bairro São Vicente com a mãe, o pai e um irmão de seis anos de idade. Todos moravam no segundo piso e a coleta ocorreu na cozinha da casa. Ao longo da aplicação dos cinco desenhos, P 6 sempre colocava a mão em cima da folha e segurava um brinquedo. Em alguns momentos, P 6 verbalizou que não sabia desenhar e foi encorajado. Observou-se que os desenhos da criança eram pequenos quando comparados ao tamanho da folha. Além disso, quando retratou a si mesmo e seus familiares – na sacada de casa visualizando a enchente de 2011 –, ficou bastante difícil discernir quais eram os membros que constituíam essa família. Embora a solicitação tenha sido para que desenhasse sobre o acontecimento de 2011, as histórias de P 6 e os desenhos misturavam-se com a enchente de 2008. A criança só conseguiu soltar o brinquedo quando a pesquisadora começou a entrevistá-lo, ou seja, no segundo momento da coleta de dados. P 6 relatou sobre a enchente de 2008 e mencionou o episódio em que foi de barco para a casa da sua madrinha com a sua mãe. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 6:



### Participante 07 – (P 7)

P 7, sexo masculino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e cursava o sexto ano como bolsista em uma escola da região. A ACS da unidade Cidade Nova fez a indicação e a pesquisadora agendou com os familiares. Desde o início do agendamento não estava claro qual o grau de parentesco da criança com a responsável. Ao chegar à casa a pesquisadora deparou-se com três crianças e uma avó-mãe bastante exaurida. Na casa, no bairro Cidade Nova, no térreo residia a avó-mãe, o avô-pai e o irmão, por parte de mãe, de 13 anos. No piso superior da casa residiam o primo e a tia da criança. Quanto ao grau de parentesco da criança com a cuidadora, sabe-se que o filho da mesma relacionou-se com uma mulher e tiveram o primeiro filho, J. Quando a cuidadora adotou J., o Juiz a questionou se não desejaria adotar o irmão da criança, P 7. Portanto, J. e P 7 são irmãos por parte de mãe, ambos adotados pela avó paterna de J., sendo ela a responsável pela criança. P 7 fazia uso de risperidona, mas já havia tido alta do Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi).

Ao iniciar a aplicação do instrumento, foi necessário acalmar as demais crianças e solicitar que não interrompessem a realização da coleta com P 7. Ao perguntar para P7 a sua data de nascimento, a criança não soube responder e indagou a avó-mãe. Com relação à produção dos desenhos, a criança demonstrou dificuldade para se manter sentada e concentrada ao longo dos cinco desenhos. Foi necessário fazer breves intervalos entre as aplicações. Embora houvesse algumas regras na aplicação dos desenhos, P 7 queria inverter a folha, solicitou borracha, não gostou do segundo desenho e o refez. Desse modo, a pesquisadora realizou alguns combinados com P 7 para que fosse possível prosseguir com a coleta. Dentre os combinados, a criança solicitou que gostaria de ouvir a sua gravação, o que foi permitido após a coleta.

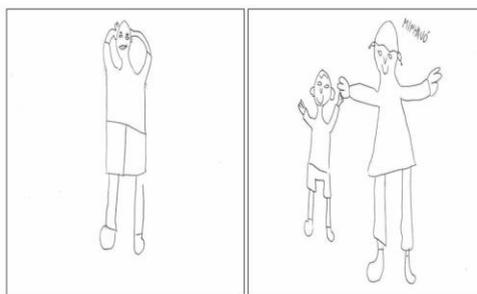
De maneira geral os desenhos eram grandes, ocupavam o espaço da folha e as histórias relatadas demonstraram um pensamento concreto, pouca abstração e respostas generalistas. P 7 mencionou as enchentes como eventos rotineiros em que, necessariamente, o caminhão passará para resgatar a família e levá-los ao abrigo. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 7:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 08 – (P 8)

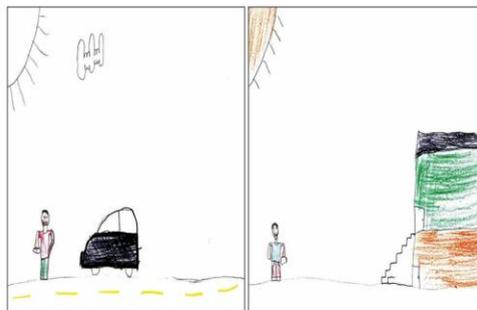
P 8, sexo masculino e com 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente –, cursava o quinto ano no momento em aconteceu a coleta de dados. P 8 residia no bairro Murta há nove anos, sendo que sua família era composta por mãe, pai e dois irmãos, de 15 e 9 anos de idade. A família era natural do Oeste Catarinense e migraram para Itajaí em busca de novas oportunidades. A criança foi indicada por intermédio da Coordenadora do Instituto para participar da pesquisa. P 8 demonstrou desenhos coloridos e forte apego à profissão do pai que é caminhoneiro. A família já pôde desfrutar do caminhão de diferentes formas: para fazer viagens, como forma de proteção, pois uma vez, em 2008, abrigaram-se no mesmo e também, em 2011, puderam guardar os móveis da casa no baú do caminhão. P 8 mencionou ter sentido medo e nervosismo, esses despertados pelo evento de 2011, mas reiterou a continuação da vida. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 8:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



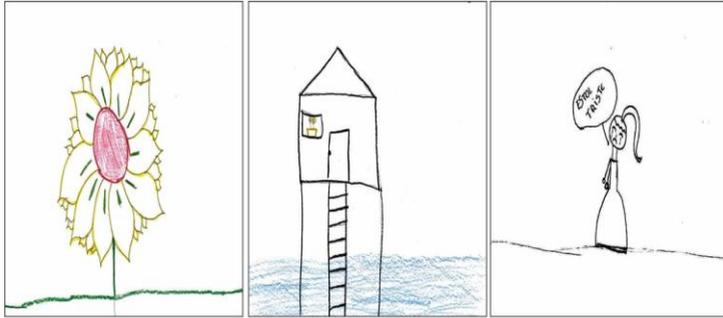
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### **Participante 09 – (P 9)**

P 9, sexo feminino, 12 anos de idade, – 7 anos no momento da enchente – frequentava o sétimo ano. Esse participante também foi indicado pela Coordenadora do Instituto. P 9 residia no Murta com a mãe e três irmãs menores com 10, 6 e 4 anos de idade. A família era natural do Rio Grande do Sul e ao chegarem a Itajaí foram recepcionadas pela enchente.

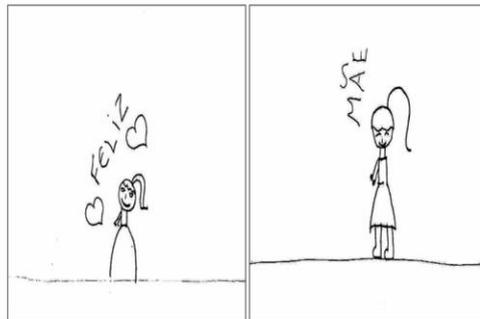
P 9 demonstrou nervosismo na aplicação do instrumento e alegou vergonha. A criança foi acalmada e encorajada a participar da pesquisa. P 9 alternou nas cores dos desenhos, sendo alguns coloridos e outros não, inclusive pintou a água da enchente de cor azul e mencionou que não era daquela forma, mas que preferiria fazer o desenho daquele jeito. Quanto às histórias, mencionou que ficou “trancada em casa” (sic), mas que teve a possibilidade de ficar mais tempo na companhia de sua mãe e ser acalentada durante os dias do ocorrido. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 9:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

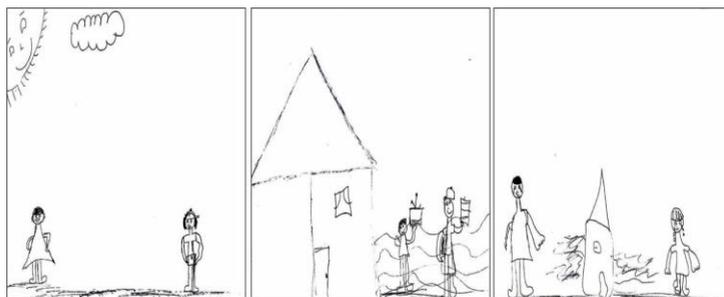
Fonte de apoio

### Participante 10 – (P 10)

P 10, sexo feminino, 12 anos de idade – 7 anos no momento da enchente –, frequentava o sexto ano. Foi indicada pela Coordenadora do Instituto para realização da coleta de dados. P 10 reside no bairro da instituição com sua mãe, uma irmã de 22 anos, uma irmã de 19, um irmão de 14 e outras duas irmãs, sendo uma com 9 e outra com 5 anos de idade. P 10 e o irmão de 14 anos são filhos do mesmo pai; as demais, de pais distintos. P 10 não é reconhecida legalmente por seu pai e mencionou que nunca o viu. Ao realizar as produções dos desenhos, sobretudo no livre, P 10 refletiu o conflito de desconhecer o pai e o desejo de encontrá-lo. P 10 questionou a pesquisadora sobre quem iria escutar os áudios e após ser esclarecida pareceu tranquilizar-se.

Os desenhos de P 10 são todos sem cores. Ao abordar as perdas decorrentes da enchente, a garota relatou que perdeu uma correntinha que o pai havia lhe dado ao nascer. Mencionou sobre as enchentes de

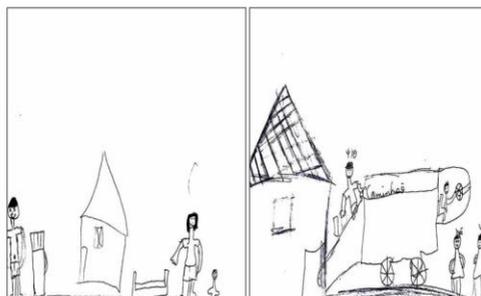
2008 e 2011, sendo que nos períodos de chuva a família ficou acompanhando o nível do rio com apreensão e medo. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 10:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

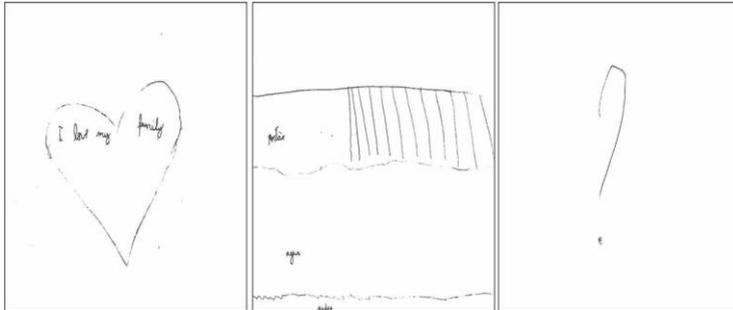
Fonte de apoio

### Participante 11 – (P 11)

A participante P 11, do sexo feminino, 10 anos – 5 anos no momento da enchente –, frequentava o sexto ano e também foi indicada pela Coordenadora do Instituto. P 11 residia no bairro Murta juntamente com seus pais e um irmão, por parte de pai, de 24 anos. De acordo com o relato da mãe, a criança frequentou o CAPSi e, atualmente, faz uso de fluoxetina.

P 11 apresentava excesso de peso, introversão, mas muito ágil na elaboração dos desenhos e nos relatos das histórias. Sua fala era embargada e P 11 solicitava à pesquisadora, ao iniciar cada desenho, autorização para que pudesse desenhar o que estava pensando. Após concluí-los, a menina os entregava para a pesquisadora. Seus desenhos

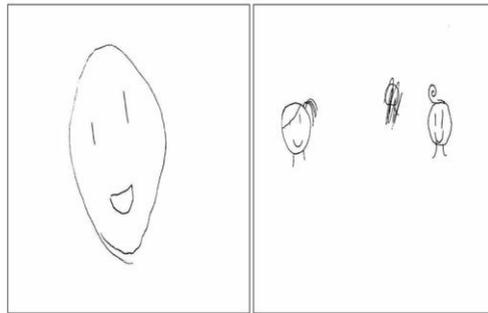
possuem poucos elementos, não apresentam cores e as histórias denotam dados escassos. Em geral, a criança menciona não se lembrar da enchente de 2011, recordando apenas dos momentos em que ficou na sua avó devido ao ocorrido. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 11:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



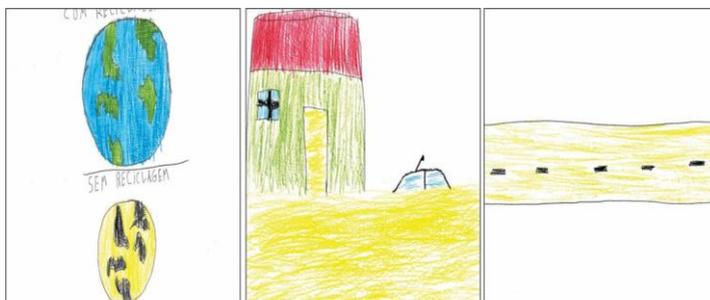
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 12 – (P 12)

P 12, do sexo masculino, 10 anos no momento da coleta de dados – 5 anos durante a enchente – e frequentava o quinto ano. Foi indicado pela Coordenadora e a coleta ocorreu na sala do Instituto. Na casa de P 12 moram seus pais e duas irmãs, com 16 e 7 anos. Com relação à aplicação do instrumento, P 12 demonstrou entusiasmo e se envolveu na atividade. Todos os seus desenhos possuem cores e ocupam uma superfície importante da folha A4. Ao relatar suas histórias, P 12 ficava estalando os dedos e quando questionado o porquê de tal ação, a criança

respondeu que estava com a mão cansada. Confrontando os relatos da mãe de P 12 com as informações apontadas pela criança, percebe-se que há uma mistura dos conteúdos referentes às enchentes de 2008 e 2011. De qualquer forma, P 12 mencionou que o rio “tomou o seu lugar” (sic) e que no futuro deseja ser Biólogo. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 12:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



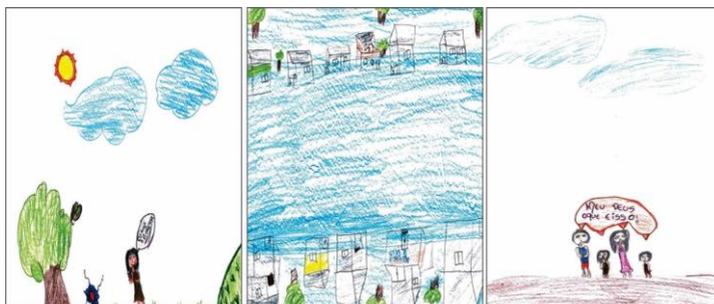
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 13 – (P 13)

P 13, sexo feminino, 12 anos – 7 anos no momento da enchente – cursava o sexto ano e foi indicada pela Coordenadora para participar da pesquisa. A família de P 13 residia no bairro onde fica a Instituição e era composta por mãe, pai e um irmão de 8 anos de idade. A adolescente, enquanto produzia o desenho, não enunciou nenhuma palavra; em contrapartida, suas produções foram todas coloridas e ocuparam todo o espaço da folha. Embora a consigna fosse que se realizassem desenhos sobre a enchente de 2011, a pesquisadora observou que os relatos das

histórias de P 13 estavam condizentes com 2008. No contato com a mãe da adolescente, foi possível perceber que a família foi bastante atingida em 2008, quando tiveram que buscar apoio nos abrigos e, posteriormente, reconstruíram a casa em que moram, tornando-a de dois andares. Desse modo, a enchente de 2011 adentrou ao primeiro piso da casa, mas não provocou tantos estragos quanto a que ocorreu de 2008. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 13:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

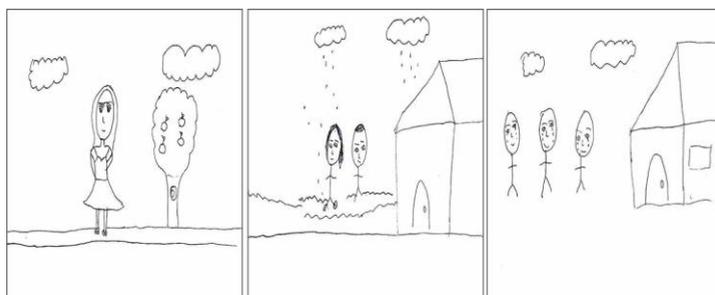
Fonte de apoio

### Participante 14 – (P 14)

P 14, sexo feminino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e estava cursando o quinto ano. A menina também foi indicada pela Coordenadora da Instituição. Quanto a sua família, sua mãe e seu ex-padrasto saíram de Pernambuco em busca de novas oportunidades e foram residir em Itajaí, no bairro Murta. Atualmente, a família estava configurada da seguinte maneira: mãe, duas irmãs por parte de mãe, dentre as quais, uma tinha 16 e P 15, também participante

da pesquisa, com 12 anos. A irmã mais velha teve, recentemente, um bebê. De acordo com os relatos da mãe, P 14 é “seca” (sic), caracterizando-a com poucas habilidades para comunicar-se e por não evidenciar carinho – abraços e beijos – para com os membros da família.

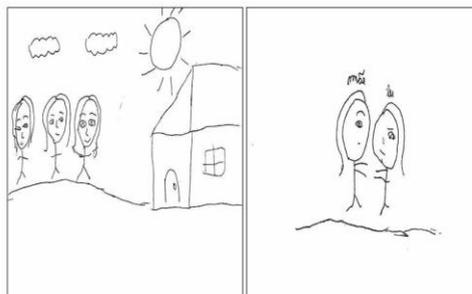
E ao se aplicar o instrumento foi possível observar uma criança calma e pouco falante. P 14 fez todas as produções sem cores e suas histórias eram breves. A garota passou por duas enchentes e, nos dois momentos, abrigou-se em escolas. P 14 apresentou dificuldades em resgatar as informações sobre o trajeto até o abrigo e o retorno do mesmo para sua casa. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P14:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



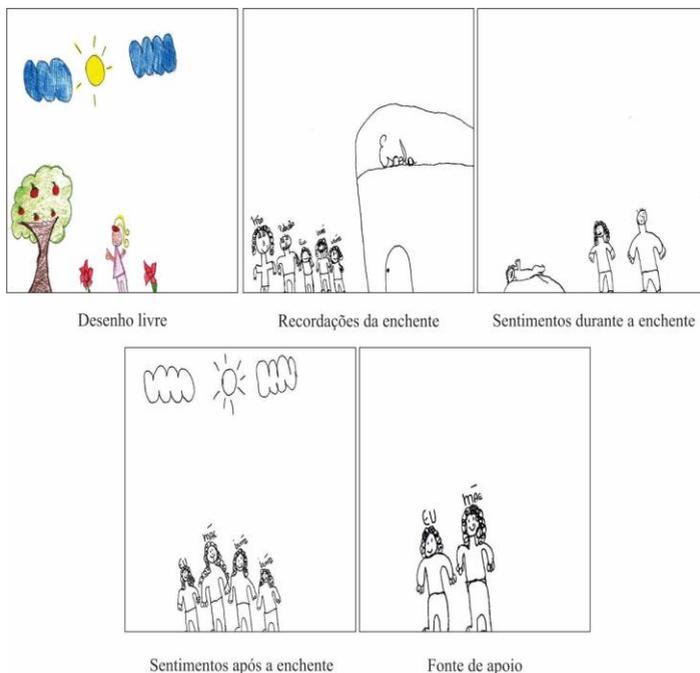
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 15 – (P 15)

P 15, sexo feminino, 12 anos e estudava no sexto ano – 7 anos no momento da enchente –. P 15 é irmã por parte de mãe de P 14. A adolescente demonstrou-se envergonhada, mas diferente da irmã, era um pouco mais falante. A garota era bem magrinha, tinha olhos grandes e expressivos, sendo que na aplicação do desenho livre se emocionou ao

recordar do avô e do tio falecidos. P 15 foi acolhida e a aplicação prosseguiu. Quanto as suas produções, apenas o primeiro desenho era colorido, sendo que os demais eram sem cores e com poucos detalhes. Suas histórias remeteram à vivência no abrigo e à impossibilidade de ajudar outras pessoas que também estavam confinadas naquele espaço. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 15:



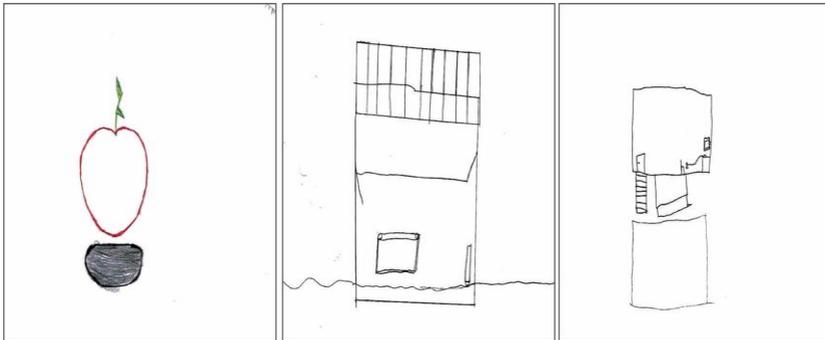
### Participante 16 – (P 16)

O participante P 16, do sexo masculino, 11 anos – 6 anos no momento da enchente – e estudava no quinto ano como bolsista em uma escola da região. O menino foi indicado pela Coordenadora e ela mencionou que a criança era introvertida. P 16 é filho único do casal e todos residem nos arredores da Instituição. Sua mãe e a criança compareceram para a coleta de dados, sendo que a pesquisadora iniciou a coleta com a mãe de P 16, respeitando os cuidados éticos. Enquanto a pesquisadora fez a entrevista com a mãe, P 16 ficou aguardando. Logo

que a criança entrou na sala mencionou que estava cansado de esperar, apesar de curioso.

P 16 foi acolhido e esclareceu-se sobre os procedimentos da coleta. Ao se iniciar a aplicação do instrumento, P 16 demandou auxílio da pesquisadora, no sentido de dizer o que ele deveria desenhar. Geralmente, após realizar as produções, mencionava que não haviam ficado muito boas. Apenas o primeiro desenho possui cores e os três primeiros desenhos denotam uma rigidez no traçado. Já no quarto e quinto desenhos o formato muda, observando-se expressividade nas produções. Suas histórias eram elaboradas e a criança possuía um vocabulário rebuscado quando comparado aos demais participantes. P 16 abordou a respeito de suas dificuldades na escola e disse que era “desatento” (sic).

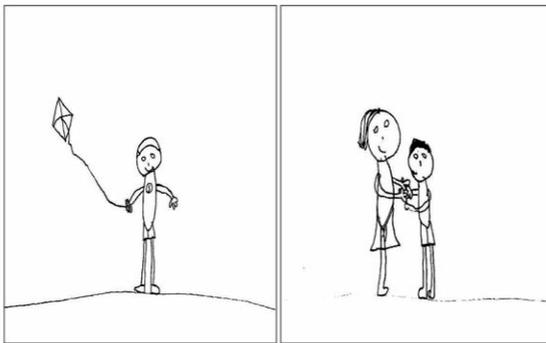
Quanto à enchente, mencionou que em 2011 já possuía o segundo piso na sua casa e, por esse motivo, não foi atingido diretamente. No entanto, falou do tédio de ficar em casa até esperar a água baixar. Sua mãe abordou que, em 2008, P 16 ainda mamava – não como fonte exclusiva de alimentação – e que acabaram ficando separados no período da enchente. Segundo a mãe, após esses dias de separação do filho, ela observou que P 16 ficou atento à dinâmica da casa. A mãe da criança foi enfática ao dizer para a pesquisadora que “coisa ruim” (sic) – referindo-se à enchente – não era assunto que se conversava em casa. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 16:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

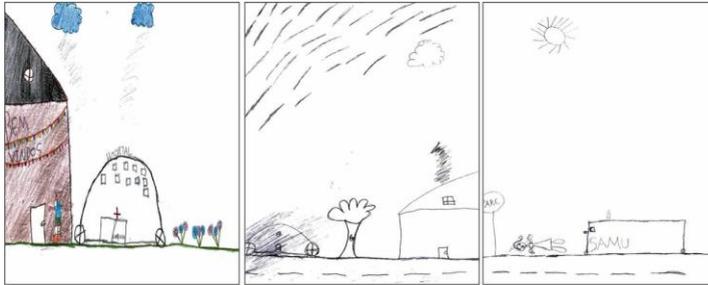
### Participante 17 – (P 17)

P 17, do sexo feminino, 11 anos – 6 anos no momento da enchente –, estudava no quinto ano e foi indicada pela Coordenadora da instituição para participar da pesquisa. O contato foi estabelecido por telefone com a mãe da criança, momento que a pesquisadora apresentou-se e explicou sobre a coleta de dados. No dia da entrevista, a mãe de P 17 apontou ter ficado preocupada pelo fato da pesquisadora ser Psicóloga; disse que ela e o companheiro imaginaram que a pesquisadora descobriria “algo sobre a criança” (sic). A entrevista aconteceu na antessala da casa e a mãe comentou que P 17 era uma criança que demandava cuidado, pois ficava doente facilmente. No momento da coleta, a criança estava prestes a fazer uma cirurgia no

braço. A família achava que a “criança precisava despertar” (sic), pois era acomodada e conformada com a vida. P 17 é filha do primeiro casamento de sua mãe e a família conviveu até os quatro anos de idade da criança, período da separação dos pais. Atualmente, o pai a visitava mensalmente. P 17 residia com a mãe, o padrasto e uma irmã, por parte de mãe, de 4 anos e eram evangélicos praticantes. P 17 fez todos os desenhos e utilizou cores apenas no primeiro. Em quase todos os desenhos há indicativos de urgência (hospital e o SAMU) e a presença de um anjo.

A pesquisadora percebeu, por três vezes, que P 17 iniciou o desenho, o riscou e utilizou, em seguida, o verso da folha para desenhar. Em alguns momentos foi preciso incentivar à criança para que realizasse as suas produções. Diferentemente de outras crianças, P 17 foi a única que solicitou a interrupção da aplicação durante o segundo desenho, pois precisava ir ao banheiro. A pesquisadora consentiu e a aguardou. Suas histórias eram elaboradas e os conteúdos das enchentes também se misturavam. Havia um temor sobre as perguntas que seriam realizadas e P 17 confessou para a pesquisadora que sua mãe a acalmou esclarecendo que não haveria problema se P 17 não soubesse responder as perguntas. A pesquisadora reiterou as informações passadas por sua mãe. Nessa aplicação, a pesquisadora teve que interromper, pois a instituição tinha horário para fechar, sendo assim no outro dia foi dado prosseguimento a aplicação.

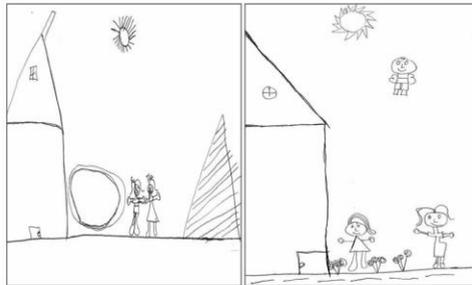
Na enchente de 2008, a família foi bastante atingida devido à rapidez e à força das águas. Dessa maneira, pegaram o carro em direção à estrada e chegaram a um Hotel nas redondezas. A família não tinha como pagar as diárias e, durante o café da manhã, alguns hóspedes se sensibilizaram e ofereceram a casa de praia para abrigá-los durante o período da enchente. Já no evento de 2011, houve divulgação e a população foi orientada. Assim, a irmãzinha recém-nascida, a mãe e P 17 deixaram a cidade de Itajaí e se refugiaram na casa da avó materna, em Balneário Camboriú. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 17:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 18 – (P 18)

P 18, sexo feminino, 11 anos de idade – 6 anos no momento da enchente – e cursava o quinto ano. A criança foi indicada pela Coordenadora. P 18 residia próxima à Instituição com sua mãe, padrasto e irmão de 19 anos. Com base nos relatos da mãe, ela conviveu por mais de dez anos com o pai da criança e eles se separaram quando P 18 tinha seis anos. Desde então, o pai foi se afastando e, no momento da coleta de dados, não tinha mais contato com a criança. Os desenhos de P 18 não possuíam cores, mas eram expressivos, pois havia vários bonecos e diálogos sobre a enchente de 2011. P 18 era uma criança comunicativa, porém suas histórias foram breves. Cabe destacar a última produção em que a criança desenha-se sozinha e mencionou que ela deu força para si mesma.

Na enchente de 2008, a família residia em outro bairro da cidade que foi bastante atingido, sendo a casa tomada pelas águas. Em 2011, eles permaneceram na mesma residência; no entanto, não foram tão afetados quanto em 2008. Após esses eventos e pelo fato de a mãe ter

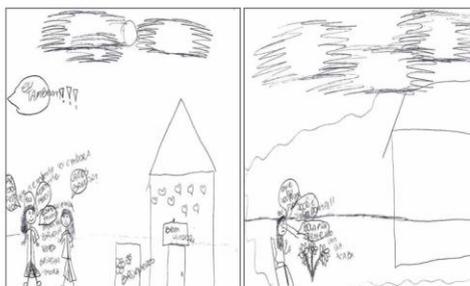
passado por uma enchente quando criança, eles trocaram a casa onde residiam por um apartamento. A mãe de P 18 esclareceu à pesquisadora que escolheu o apartamento, ou seja, “as alturas” (sic), pois não desejava mais passar por enchentes. Os relatos de P 18 estão direcionados para o prosseguimento da vida com o lema “bola pra frente” – frase usada pela criança em vários momentos da coleta –. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 18:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

## Participante 19 – (P 19)

P 19, sexo feminino, 12 anos e estava no oitavo ano – 7 anos no momento da enchente –. A participação da adolescente se deu por intermédio de indicação (a mãe de P 2 é irmã do padrasto de P 19). A pesquisadora entrou em contato com a mãe de P 19 e, após um longo período de espera, pode realizar a coleta de dados. Para tanto, a pesquisadora foi à casa de P 19, localizada no bairro Vila Operária. Nessa residência moravam: a mãe da criança, o padrasto, três irmãos – por parte de mãe – um de 22, um de 19 anos e uma com quatro anos de

idade, sendo todos evangélicos. A mãe de P 19 relatou que inicialmente casou-se com o pai dos garotos, mas que o ex-marido faleceu. Em seguida, relacionou-se com o pai de P 19. Seu atual companheiro, pai da filha de quatro anos, é o irmão da mãe de P 2. P 19 possuía contato com seu pai e frequentava a casa dele. A coleta de dados ocorreu enquanto a mãe da criança trabalhava no seu atelier de costura. Era como se a pesquisadora adentrasse ao refúgio da entrevistada. Desse encontro, vieram muitas emoções expressas por lágrimas, encadeadas por pausas na fala e por relembrar o passado – lembrou-se da perda do marido e do relacionamento conturbado com o pai de P 19.

Com a adolescente, a aplicação do instrumento ocorreu na cozinha da casa. P 19 era sorridente, comunicativa e seus desenhos traduziram o seu mundo interno. Os desenhos apresentaram cores diferentes dos demais, pois a pesquisadora esqueceu a caixa de lápis de cor e utilizou os lápis de cores da criança. Sobre as histórias, P 19 mencionou as duas enchentes e demonstrou que em 2011 não vivenciou tanta “atribulação” (sic), pois a família já havia adquirido experiência com a enchente anterior, porém demonstrou tristeza com a situação. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 19:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



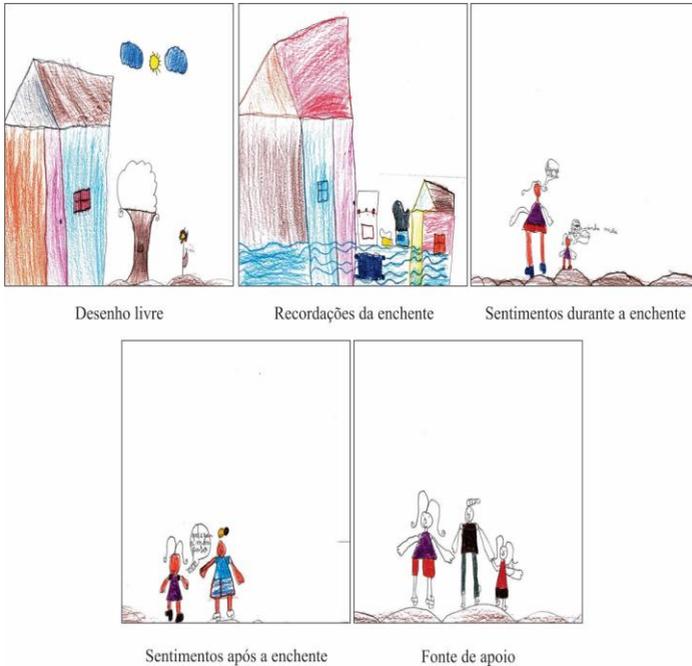
Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

### Participante 20 – (P 20)

P 20, sexo feminino, 10 anos de idade e cursava o quarto ano – 5 anos no momento da enchente –. A criança foi indicada pela Coordenadora da Instituição. Dessa maneira, a pesquisadora verificou com o pai da criança se eles haviam passado pela enchente de 2011 e, somente após alguns dias do consentimento, ocorreu à coleta de dados. P 20 residia nas mediações da Instituição com seu pai e sua avó paterna. Com base no relato do pai, desde que sua esposa teve P 20, sua condição de saúde agravou-se – cardiopatia –, vindo ela a falecer, em 2013. No discurso da criança e de seu pai ficava evidente que a morte dela teve repercussões no contexto familiar.

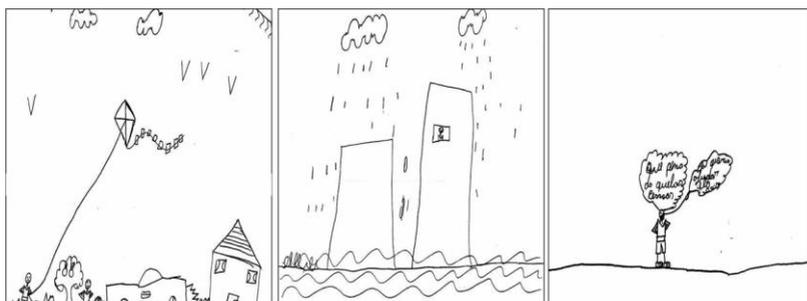
P 20 era tímida e encolhia-se na cadeira durante a entrevista. Foi preciso prever um maior tempo de acolhimento e incentivá-la para fazer a sua produção. Os seus desenhos foram coloridos e, quanto às histórias, P 20 apontou que havia questionado seu pai e sua avó sobre o evento, pois não se recordava de tudo. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 20:



### Participante 21 – (P21)

P 21, sexo masculino, 11 anos e estudava no sexto ano – 6 anos no momento da enchente –. A criança também foi indicada pela Coordenadora da Instituição. Sua família era oriunda do Paraná e se mudaram para Itajaí em busca de novas oportunidades. A família era composta por mãe, pai e outros dois irmãos mais velhos e eles eram evangélicos. Segundo o relato da mãe, P 21 por ser o mais novo acabava sendo mimado pelos pais. A mãe da criança era comunicativa, agitada, atarefada e, para realizar a coleta de dados, a pesquisadora teve que entrevistá-la enquanto ela lavava as louças do seu restaurante. Já com o seu filho, a coleta de dados iniciou-se no restaurante e foi finalizada na casa dos envolvidos. Com relação às produções de P 21, observou-se uma criança tranquila, com baixa autoestima e todos os seus desenhos eram sem cores. Quanto as suas histórias, P 21 relatou que a família não foi diretamente atingida em 2011 e um sentimento de solidariedade

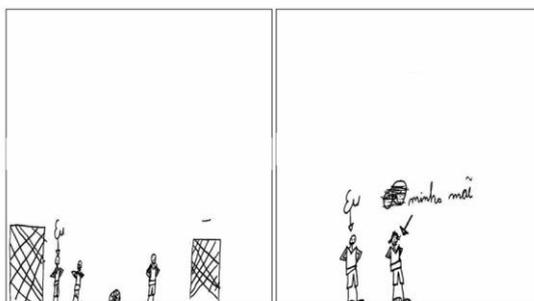
emanava de suas produções. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 21:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

## Participante 22 – (P 22)

P 22, sexo feminino, 12 anos de idade – 7 anos no momento da enchente –, estava estudando no sétimo ano e apresentava sobrepeso. A garota também foi indicada pela Coordenadora da Instituição. P 22 morava no bairro Murta com sua irmã de 15 anos e sua mãe. Seus pais eram separados e há histórico de violência conjugal. Foi bastante difícil agendar um horário com a mãe de P 22, pois era temporada de verão e ela trabalhava em um restaurante próximo à praia. A coleta com a mãe da garota ocorreu na casa delas; com P 22, na Instituição. Essa família apresentava uma série de indicadores de vulnerabilidade tanto sociais e econômicos quanto psíquicos e ela foi atingida, de forma brusca, na enchente de 2008. Em contrapartida, com a enchente de 2011, os relatos mencionavam um menor impacto na família.

A coleta de dados com P 22 ocorreu no início da manhã, sendo que ela estava sonolenta e questionou a pesquisadora se poderia apenas escrever, ao invés de desenhar. A garota foi esclarecida e incentivada a fazer as produções. Seus desenhos e suas histórias faziam alusão aos eventos da enchente, remetiam ao mundo da adolescência e evidenciavam o vínculo estabelecido entre ela e a irmã. A seguir, encontram-se os desenhos realizados por P 22:



Desenho livre

Recordações da enchente

Sentimentos durante a enchente



Sentimentos após a enchente

Fonte de apoio

## 5.2 Desenhos com tema: Apresentação, impressões e categorias

Os desenhos foram realizados sobre cinco temas diferentes. Será apresentado, com o objetivo de ilustrar os resultados referentes aos relatos dos desenhos, uma tabela contendo as categorias e seus desdobramentos, um relato de cada tema, na ordem que se segue: 1. Desenho livre, 2. Recordações da enchente, 3. Sentimentos durante a enchente, 4. Sentimentos após a enchente e 5. Fonte de apoio. Com o intuito de possibilitar a apresentação dos mesmos – visto o número

importante de dados na forma de relatos –, foi escolhido um relato de uma das crianças que se aproximasse dos demais, seguido do respectivo desenho. Posteriormente encontram-se as categorias relativas a todos os relatos dos desenhos e as impressões gerais da pesquisadora sobre o conteúdo dos desenhos elaborados pelos participantes. Com base nas produções dos desenhos-estórias com tema foi possível organizar em torno de categorias, subcategorias e elementos de análise o conteúdo dos relatos das crianças, como indicado na Tabela 6:

**Tabela 6.**

Resumo das categorias, subcategorias e elementos de análise a partir das consignas dos desenhos-estórias com tema

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTO DE ANÁLISE
1. Desenho livre	1.1 Sonhos	1.1.1 Família reunida 1.1.2 Reconhecimento profissional 1.1.3 Ascensão social
	1.2 Inter-relações entre o meio ambiente e as pessoas	1.2.1 A borboleta persistente 1.2.2 A relação com a natureza
2. Recordações da enchente de 2011	2.1 Aspectos que marcaram “o início” da enchente	2.1.1 Chuvas intensas 2.1.2 Saída de casa às pressas
	2.2. Aspectos que marcaram “o durante” a enchente	2.2.1 Curiosidade 2.2.2 Família enquanto rede de apoio 2.2.3 Solidariedade 2.2.4 Hipervigilância
	2.3 Aspectos que marcaram o “pós-enchente”	2.3.1 Perdas 2.3.2 Devastação
3. Sentimentos durante o período da enchente	3.1. Sentimentos advindos da experiência com a enchente	3.1.1 Tristeza 3.1.2 Medo 3.1.3 Alegria 3.1.4 Apreensão

4. Sentimentos após o período da enchente	4.1 Sentimentos advindos da experiência com a enchente	4.1.1 Alegria 4.1.2 Desejo de reconstrução
5. Rede de apoio	5.1 Familiares	5.1.1 Avó 5.1.2 Pai 5.1.3 Mãe 5.1.4 Irmãos 5.1.5 Tio (a)
	5.2 Formas de apoio	5.2.1 Restabelecimento da rotina 5.2.2 Palavras de conforto 5.2.3 Alimentação

Nota: Elaborado pela autora da tese.

A seguir, serão apresentados, para cada um dos cinco temas dos desenhos, a consigna, o desenho, as categorias de análise e as impressões da pesquisadora:

*Consigna: Desenhe qualquer coisa que vier a sua cabeça*

Relato de P 19 e, na sequência, o desenho da criança participante:

M: Agora, você olhando para esse seu desenho, queria que você me contasse qualquer história sobre o que você criou?

P 19: Uma família que vivia muito feliz numa fazenda.

M: Uhum.

P 19: É... Todo dia um sorriso no rosto.

M: Uhum.

P 19: É... Pássaros sempre a voar por cima das cabeças. Toda hora frutos crescendo.

M: Uhum.

P 19: É... Uma família que elas tudo se amam, sabe? Passam por todas dificuldades juntas.

M: Uhum. E quem é que mora nessa fazenda? Essa família é composta por quem? Quantos familiares têm?

P 19: Um monte.

M: São muitas pessoas? Uhum.

P 19: Uhum.

M: E?

P 19: É... muitas pessoas diferentes, idades e tamanhos.

M: Hm... E tem bastante criança nessa fazenda?

P 19: Muita.

M: Uhum. E o que mais você consegue pensar sobre essa história que você está me contando?

P 19: É... (breve silêncio). Ah, que... ele, eles consegue deixar o... o... passado pra trás e só viver o futuro. Eles conseguem ser diferente cada dia. Eles conseguem ser uma... a mesma pessoa, mas com uma personalidade mais forte cada dia.

M: Uhum. E se fosse para dar um título para esse seu desenho, qual título para essa sua história?

P 19: A família que vivia naquela fazenda.

M: Uhum. E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre essa família, sobre essa história que você tá me contando?

P 19: Não.

M: Joia. Muito bem, P 19!



### *Categorias de análise*

Nas produções dos desenhos livres, as crianças fizeram alusão às seguintes subcategorias: “*sonhos*” e “*as inter-relações entre o meio ambiente e as pessoas*”. Com a subcategoria “*sonhos*”, os participantes apontaram para o desejo de todos estarem juntos por meio do elemento de análise “*família reunida*”. Além disso, fizeram alusão aos elementos: “*reconhecimento profissional*” e “*ascensão social*”. Já com a subcategoria “*as inter-relações entre meio ambiente e as pessoas*”, as

crianças abordaram a “*borboleta persistente*” e a “*relação deles com a natureza*”, sendo essa esclarecida por meio de relatos de descuidos e cuidados para com o meio ambiente.

*Impressões gerais*

Com base nos desenhos elaborados pelos participantes, percebe-se um maior investimento em relação aos demais. Tal investimento constata-se pelas cores utilizadas, tamanho do desenho em relação à folha e, a escolha do que desenhar. Em geral, observaram-se desenhos que remetem a situações de alegria e bons encontros com os familiares.

*Consigna: Desenhe o que você lembra-se da enchente de 2011*

Relato de P 4 e, na sequência, o desenho da criança:

M: Então, P 4, olhando para o desenho que você fez, gostaria que me contasse uma história sobre o que você se lembra da enchente de 2011.

P 4: Deu, mas não deu para colocar todos os colchões debaixo que tinham vindo para cá. Eu lembro que quando eles disseram que ia ter a enchente os vizinhos começaram a colocar as coisas aqui na escada e botaram tudo ali e mais à noite, um pouco antes de começar a enchente, um pouquinho, os vizinhos subiram.

M: Subiram aqui para sua casa?

P 4: Sim, eles moram aqui embaixo. Eles pegaram colchão e um monte de coisa, mas também perderam muita coisa e daí eles trouxeram colchão; minha mãe deu colchão. E daí tinha gente na sala, no quarto aqui, no quarto lá e lá e... lembro que antes de ter enchente todo mundo ir dormir. Eles tinham pegado o vídeo game, ele tava querendo jogar, só que não tinha como jogar porque tava dando enchente e não dava para fazer nada, não tinha nada para fazer. Me lembro que tinha um paco..., tinha um vidro de bala ali que estava acabando e eu peguei escondido bala.

M: Pegou o vidro escondido?

P 4: Não, peguei uma bala escondida e acabou nossa bala, acabou. Quando todo mundo foi dormir tinha muita gente, até a filha da mulher aqui embaixo com o filho. E, esses dias todos, não tinha nada para fazer, daí não fizemos nada e um dos dias que conseguimos ligar a TV, lembro que a gente viu o jogo.

M: Viram jogo de quê?

P 4: De futebol

M: E o que você desenhou? Você pode me mostrar?

P 4: Desenhei os sofás, gente dormindo e em amarelo são os travesseiros e ainda tinha mais colchões atrás, uns dois ou três. E lá a minha cama lá no fundo e aqui a L. (referindo-se à irmã) dormiu aqui e eu dormi no colchão aqui.

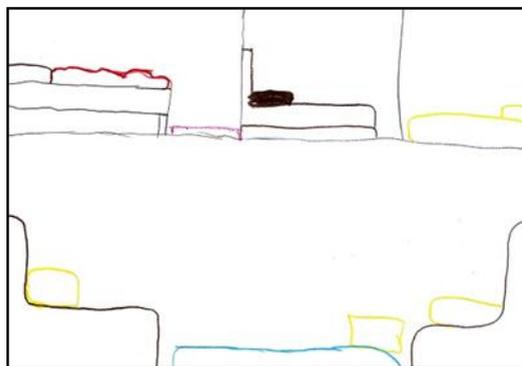
M: E essas duas camas ali?

P 4: São essas aqui (mostrou), ali dormiu a mulher aqui debaixo e mais a neta e embaixo ainda tinha colchão só que não deu. Tinha a filha e o filho da filha da vizinha. E esse aqui foi aonde os meus pais dormiram.

M: E se fosse para dar um título ao seu desenho, qual seria?

P 4: Aperto

M: Joia. Muito bom!



#### *Categorias de análise*

A partir da solicitação que desenhassem e, em seguida, relatassem sobre as recordações da enchente de 2011, depreenderam-se as seguintes subcategorias: “*aspectos que marcaram o início da enchente*”, “*o durante*” e “*pós-enchente*”. Quanto à primeira subcategoria “*aspectos que marcaram o início da enchente*” têm-se as histórias que sinalizaram o começo da enchente, ou seja, “*chuvas intensas*”, a água “*invadindo*” (sic) e a “*saída de casa às pressas*”. Nessa mesma vertente, encontra-se a subcategoria “*aspectos que marcaram o durante a enchente*”, dentre eles encontram-se: “*curiosidade pela enchente*”, “*família enquanto rede de apoio*”, “*solidariedade*” e “*hipervigilância*”, por meio de observação contínua dos movimentos das cheias. Com a penúltima subcategoria, nomeada “*pós-enchente*”, encontram-se os elementos de análise atrelados às “*perdas*” – sobretudo dos brinquedos – e à “*devastação*”.

*Impressões gerais*

Com as produções realizadas pelas crianças, juntamente com os relatos, infere-se que os conteúdos remetem às perdas, ao medo, às mudanças na rotina, bem como a uma reorganização na dinâmica familiar, esta última provocada pelo acolhimento de vizinhos, ou ainda, pela ida a um abrigo. Destacam-se as marcas d'água deixadas pela enchente, as quais em muitos desenhos ficaram materializadas por meio das cores utilizadas. Em alguns relatos há presença da impotência, que pode ser traduzida pela via da passividade, como se frente ao acontecido não se pudesse fazer nada, a não ser aguardar que água descesse e tomasse o seu curso.

*Consigna: Desenhe como você se sentiu durante a enchente de 2011*

Relato de P 17 e, na sequência, o desenho da criança:

M: Então, P17. Olhando para o seu desenho que história você poderia me contar? Como você se sentiu durante a enchente?

P17: Ah, eu achei que eu ia ser afogada, né?

M: Uhum.

P17: De tanta água...

M: Uhum.

P17: Daí, daí a hora que eu já tivesse quase morta o SAMU ia chegar.

M: Uhum. Entendi. Então você criou uma história de que é a água viria.

E o que mais mesmo? Você poderia me ajudar a lembrar?

P17: Daí a hora que eu tivesse quase morrendo o SAMU ia chegar.

M: Uhum. E essa aí é você? É? Uhum. E como é que poderia ser o nome, o título da história que você me contou agora?

P17: (segundos de silêncio). Não sei.

M: Qualquer um. Pense em um título para essa história que você acabou de me contar.

P17: Eu quase morta, não.

M: Pode ser.

P17: Pode ser então.

M: Uhum. E você acha que o SAMU ia te salvar ou ia esquecer-se de você?

P17: Ia me esquecer, porque não ia me ver nem debaixo d'água.

M: Uhum... E o que você acha que ia acontecer?

P17: Eu ia morrer e eles só iam ver bem depois, a hora que a água se abaixasse tooooda.

M: Uhum. Uhum. E como é que você fica falando sobre isso?

P17: Como assim?

M: Como é que você se sente falando essas coisas para mim? Contando essa história toda, como é que você está se sentindo agora?

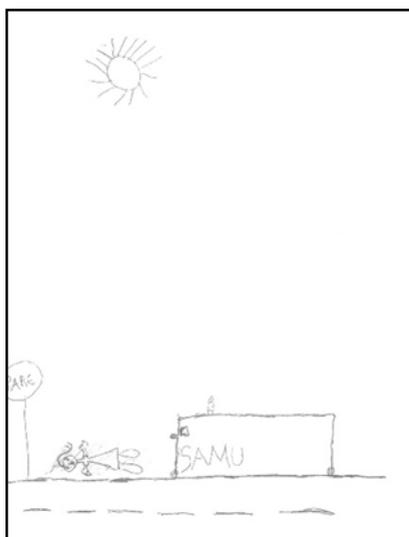
P17: Eu...um pouquinho melhor

M: Uhum.

P17: E nervosa.

M: E nervosa? Mas está nervosa com o quê?

P17: É porque eu tenho vergonha [...]



### *Categorias de análise*

A partir do questionamento sobre como os participantes se sentiram durante a enchente de 2011, encontrou-se a categoria denominada “*sentimentos durante o período da enchente*”. Os elementos que a compuseram, respectivamente, foram: “*tristeza*”, “*medo*”, “*alegria*” e “*apreensão*”. Muitas histórias estiveram atreladas à tristeza, sendo que a água era responsabilizada por esse sentimento, pois para os participantes a “*água detona*” (sic) e “*impossibilita que sobre algo*” (sic). O medo também foi recorrente e estava ligado ao medo da enchente e ao medo de perder a própria vida. Por sua vez, a alegria foi o sentimento

evidenciado nos participantes que deixaram suas casas em tempo hábil e que puderam direcionar-se ao abrigo. A alegria também refletia o fato de estarem junto dos familiares, dos irmãos e a possibilidade de ser criança na enchente, ou seja, de poder brincar durante ela. O último elemento de análise, a apreensão, encontrava-se relacionado à espera, devido ao susto com a vinda da enchente ou decorrente da tensão que permeou os dias em que a enchente se fez presente.

#### *Impressões gerais*

Os sentimentos das crianças relacionados ao período da enchente podem ser representados por meio da alegria e da tristeza. A alegria pôde ser evidenciada, por meio dos relatos e imagens, pela presença dos familiares – irmãos, primos – e vizinhos. Além do fato de estarem todos reunidos, houve casos em que as crianças puderam brincar, e utilizar os dias sem aula para ficarem reunidos com seus entes queridos. Já a tristeza, a chateação e a impotência estavam ligadas com aquilo que invade – neste caso, a enchente – as casas e a vida dessas crianças. Outro sentimento que ficou registrado foi o medo, este atrelado à própria vida – “medo de morrer, de se perder, de se afogar, um não saber o que estava acontecendo” (sic) –. Desta maneira, infere-se que tais elementos desorganizam e evocam sentimentos inerentes à condição humana, isto é, alegria, tristeza e medo.

*Consigna: Desenhe como você se sentiu após a enchente de 2011*

Relato de P 7 e, na sequência, o desenho da criança:

P 7: E aí eu fiquei alegre e voltamos pra casa feliz e daí voltamos ao nosso, nosso como que é? De antigamente, voltamos a fazer os nossos, as nossas, nossa vida de antigamente.

M: E como que era a vida de antigamente?

P 7: É correr, brincar!

M: E não dava para fazer isso durante da enchente?

P 7: Não, até tinham jogos de tabuleiro, um monte de coisa lá!

M: Aham. E deixa eu te perguntar: e esse boneco, quem é esse boneco?

P 7: Sou eu!

M: É você? E esse boneco, ele está com a mão na cabeça...

P 7: Uhum.

M: E o que será que esse boneco está querendo dizer?

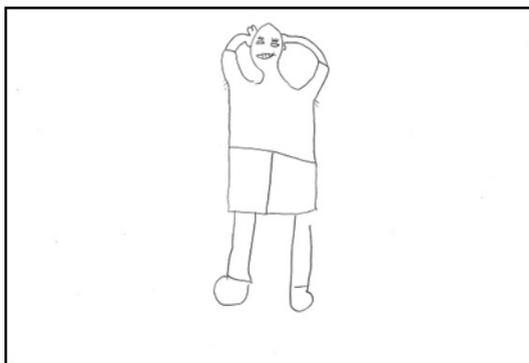
P 7: Ele tá descansando em casa.

M: Ele está descansando em casa em uma cama, entendi. E tem mais alguma coisa que você, olhando para o desenho, lembra de como se sentiu depois da enchente?

P 7: Não.

M: Não? E qual seria o nome dessa tua história?

P 7: A vida alegre.



*Categorias de análise*

Após solicitar que os participantes desenhassem e contassem uma história sobre como foi o período pós-enchente, nos relatos apareceram, majoritariamente, a categoria “*sentimentos após o período da enchente*”; dentre os quais se destacaram os elementos de análise: “*alegria*” e

“*desejo de reconstrução*”. O primeiro deles relacionados à sensação de que “tudo já passou” (sic), a “maré passou” (sic). Por fim, têm-se justamente o desejo de reconstrução e o indicativo de seguir adiante com a vida.

*Impressões gerais*

A partir da solicitação de que as crianças fizessem uma produção baseada nos sentimentos presentes após a enchente, observou-se que os sentimentos predominantes foram a alegria e a felicidade. Estes foram caracterizados pela possibilidade de brincar, pelo retorno a casa e a escola e, também, pela possibilidade da retomada do curso da vida. De alguma forma, é como se a “maré tivesse passado” (sic), dando espaço para desenhos coloridos, expressões gráficas de sorrisos, bolas, pipas, casinhas, o que parece simbolizar a retomada do curso da infância.

*Consigna: Desenhe o que ou quem te deu forças na enchente de 2011*

Relato de P 14 e, na sequência, o desenho da criança:

M: Olhando para o seu desenho que história você pode me contar sobre o que ou quem te deu forças no período da enchente?

P 14: A minha mãe me deu muita força, quando eu tava com medo ela me ajudava e eu ficava mais calma

M: E o que a sua mãe fazia que deixava você mais calma?

P 14: Me abraçava, falava que tudo ia dar acabar, que ia... ficar tudo bem (voz embargada), que tudo ia passar.

M: E quando você ouvia isso que ela falava, como que você se sentia?

P 14: Me sentia mais calma, me sentia mais bem.

M: E você desenhou quem aí?

P 14: Eu e a minha mãe e a minha mãe indo me abraçar

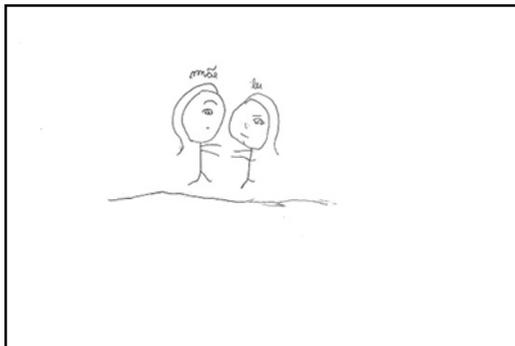
M: E você está me contando isso. E como você está se sentindo agora?

P 14: Tô melhor por ter falado assim...

M: E qual seria o título, nome desse seu desenho, dessa sua história?

P 14: (Longo silêncio). Amor de mãe?

M: Uhum, uhum.



### *Categoria de análise*

Tendo em vista o que ou quem pode ser fonte de apoio aos participantes, encontraram-se as seguintes subcategorias: “familiares”, “formas de apoio”. Com a primeira categoria os elementos de análise foram: “avó, pai, mãe, irmã, tio(a)”, sendo que tais pessoas foram denominadas de “heróis” (sic). Com relação à forma como o apoio ocorreu, encontraram-se: “restabelecimento da rotina”, “palavras de conforto” e “alimentação”. Infere-se que há um recomeçar, uma forma de elaborar o evento devido ao apoio recebido para, assim, abrir caminhos para novas histórias de vida.

### *Impressões gerais*

Com base nos relatos e nas produções apresentadas pelas crianças desta pesquisa, constatou-se que, na grande maioria, os familiares foram aludidos enquanto rede de apoio. Dentre os familiares citados, compilou-se que a mãe, pai, avó, tia e irmãs foram os mais presentes. Posteriormente, encontram-se os vizinhos, o anjo do Senhor, a si mesmo, a rua, as redes sociais, o celular e os caminhões. Ficou evidente que as mães auxiliaram de diferentes maneiras, seja por meio da comida – aquela que nutre –, pelo incentivo, pelo aconchego e pela brincadeira, caracterizando-as como fonte de tranquilidade frente à adversidade. É notável ao longo dos desenhos as proporções dos familiares em destaque, o tamanho dos mesmos quando comparados à criança, ou ainda, quando comparados as demais produções das crianças, em geral

tende a ser maior. As cores utilizadas, os bonecos mais próximos um dos outros, de mãos dadas ou como se fossem abraçar-se na tentativa, por exemplo, de sinalizar a proximidade física como elemento de cuidado e de acolhimento

A seguir será apresentado um fluxograma com a integração dos dados dessa tese:



**Figura 7.** Fluxograma referente a integração dos dados, elaborado pela autora desta tese.

### 5.3 Apresentação das categorias referente às entrevistas com as crianças e familiares

O contato com as crianças se deu por meio dos desenhos – e os respectivos relatos – e de uma entrevista já o contato com os familiares por meio de uma entrevista. Para cada um dos subgrupos foi elaborada uma tabela com suas categorias, subcategorias e elementos de análise (Apêndice V e VI).

Para melhor visualizar a integração das categorias oriundas das entrevistas com as crianças e com os familiares, foi elaborada uma tabela única com os dados dos dois grupos de participantes. Na página seguinte, a Tabela 7, com cores diferentes indicam os elementos de análise apontados apenas pelas crianças, apenas pelos familiares e, enfim, pelos dois grupos, conforme indicado na legenda da mesma.

**Tabela 7.** Integração das categorias oriundas das entrevistas com as crianças e com os familiares

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE
1. A ENCHENTE	1.1 O período que antecedeu a enchente	1.1.1 Preparação em 2011* <b>1.1.2 Lembranças de 2008**</b> <b>1.1.3 O inesperado: enchente de 2008***</b>
	1.2 O período durante a enchente	1.2.1 Mudança na rotina familiar
	1.3 O período pós-enchente	1.3.1 Perdas materiais 1.3.2 Reconstrução
2. A ENCHENTE E SEUS IMPACTOS	2.1 Sintomas durante a enchente	<b>2.1.1 Ambivalência</b> <b>2.1.2 Tristeza</b> <b>2.1.3 Ansiedade</b>
	2.2 Sintomas após a enchente	2.2.1 Medo 2.2.2 Alegria
	2.3 Sintomas psíquicos decorrentes da enchente	<b>2.3.1 Pesadelo</b> 2.3.2 Hipervigilância 2.3.3 Esquecimento
3. FATORES DE RISCO	3.1 Fatores de risco pré-enchente	3.1.1 Vulnerabilidade social 3.1.2 Vínculos familiares fragilizados
	3.2 Fatores de risco pós-enchente	3.2.1 Silenciamento sobre a enchente
4. FATORES DE PROTEÇÃO	4.1 Fatores de proteção pré-enchente	<b>4.1.1 Fortalecimento de vínculos</b> <b>4.1.2 Desempenho escolar</b>
	4.2 Fatores de proteção pós-enchente	<b>4.2.1 Espiritualidade</b> <b>4.2.2 Acolhimento na escola</b> 4.2.3 Brincar/

		Brincadeira 4.2.4 Solidariedade <b>4.2.5 Cuidados maternos</b>
5. REDES DE APOIO	5.1 Durante e após o período da enchente	5.1.1 Familiares

Nota: \* **Cor preta** – Unidade de análise do adulto e da criança; \*\***Cor amarela** – Unidade de análise exclusiva da criança; \*\*\***Cor azul** – Unidade de análise exclusiva do adulto

#### **5.4 Discussão: Integração das entrevistas com as crianças, com os familiares e impressões do desenho-estória**

A integração, na forma de discussão dos dados buscará, a partir das relações entre as diferentes fontes de coleta – entrevistas e desenhos –, discorrer sobre os objetivos específicos, com o intuito de chegar ao proposto pelo objetivo principal da presente tese: compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural. Os resultados serão discutidos com ênfase nas categorias estabelecidas na análise de conteúdo das entrevistas e, em seguida, articuladas com as observações oriundas dos desenhos-estória, também organizadas em categorias.

Assim, será apresentada a articulação dos dados das categorias: 1. A enchente, 2. A enchente e suas repercussões, 3. Fatores de risco, 4. Fatores de proteção e 5. Redes de apoio. Portanto, baseado nos relatos das crianças e de seus familiares, será discorrido sobre os conteúdos que se assemelham – isto é, aqueles apontados tanto pelas crianças quanto pelos cuidadores –, e sobre os conteúdos específicos a cada grupo – ou seja, aqueles abordados pelas crianças e, na sequência, pelos familiares.

Para ilustrar tais informações – as semelhanças entre as categorias das crianças e aquelas dos familiares, e suas especificidades – elas estarão dispostas nas figuras 9, 11, 13, 15 e 17. Para cada categoria, o círculo da esquerda, de cor amarela, abordará os relatos das crianças; os da direita, de cor azul, farão alusão aos discursos dos familiares que participaram da pesquisa. Na intersecção dos círculos, estarão os conteúdos idênticos, ou seja, aqueles nomeados pelos dois grupos de participantes. Pode-se dizer, de antemão, que os elementos de análise das cinco categorias extraídas das entrevistas muito se assemelham nos dois grupos. As maiores diferenças estão nas categorias 2. A enchente e

4. Fatores de proteção e serão discutidas ao longo das etapas que se seguem.

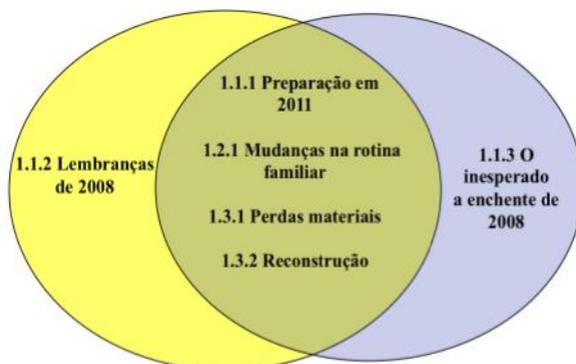
Após a discussão dos resultados referentes a cada categoria estabelecida nas entrevistas com as crianças e seus familiares, serão apresentadas as observações que surgiram das análises dos desenhos-estória, como visto na Tabela 7. Essa etapa contribuiu para a compreensão do fenômeno aqui investigado. Com a finalidade de esclarecer de quem são as falas que serão utilizadas ao longo de toda a análise, abaixo se encontra a Tabela 4, já apresentada, mas que retoma e resume as informações relativas às crianças e seus respectivos familiares.

**Tabela 8.** Caracterização das crianças

CRIANÇ A	IDAD E	SEXO	FAMILIAR	IDADE	SEXO
P 1	12	Masculino	P 1	54	Feminino
P 2	11	Feminino	P 2	36	Feminino
P 3	11	Feminino	P 3	34	Feminino
P 4	11	Masculino	P 4	40	Feminino
P 5	11	Feminino	P 5	30	Feminino
P 6	11	Masculino	P 6	35	Feminino
P 7	11	Masculino	P 7	54	Feminino
P 8	11	Masculino	P 8	30	Feminino
P 9	12	Feminino	P 9	31	Feminino
P 10	12	Feminino	P 10	39	Feminino
P 11	10	Feminino	P 11	43	Feminino
P 12	10	Masculino	P 12	38	Feminino
P 13	12	Feminino	P 13	38	Feminino
P 14	11	Feminino	P 14	31	Feminino
P 15	12	Feminino	P 15	31	Feminino
P 16	11	Masculino	P 16	48	Feminino
P 17	11	Feminino	P 17	32	Feminino
P 18	11	Feminino	P 18	35	Feminino
P 19	12	Feminino	P 19	40	Feminino
P 20	10	Feminino	P 20	45	Masculino
P 21	11	Masculino	P 21	43	Feminino
P 22	12	Feminino	P 22	32	Feminino

Nota. Elaborada pela autora desta tese.

A seguir, tem-se a Figura 8 que retrata a categoria 1. A enchente e as subcategorias “1.1 O período que antecedeu a enchente, 1.2 O período durante a enchente e o 1.3 Período pós-enchente. Tal categoria está diretamente relacionada ao primeiro objetivo específico, ou seja, caracterizar o desastre natural ocorrido em 2011. Sendo assim, deu-se o passo inicial na presente investigação ao aproximar-se dos participantes e ouvi-los sobre como se prepararam para a enchente de 2011, as mudanças ocorridas na rotina familiar, bem como as perdas materiais e a possibilidade de reconstrução após o evento. Além disso, as crianças mencionaram as lembranças referentes à enchente de 2008 e os familiares abordaram o inesperado: a enchente de 2008.



**Figura 8:** Categoria: 1. A enchente

Tendo em vista a intersecção dos elementos de análise supracitados, eles serão retomados por de meio das falas das crianças e de seus familiares, devidamente intercaladas. Dessa forma, têm-se os trechos de P3 e P8, respectivamente, a respeito do primeiro elemento “1.1.1 A preparação em 2011”:

*“[...] eu sabia que ia começar a enchente...eu tava tomando banho e começou a transbordar no*

*ralo. Daí, a gente já foi erguendo tudo. Eu tava morando numa casa, aí ela também ficou cheia de lama” (P3, 11 anos de idade).*

*“[...] Antes de chegar a enchente nós ficamos nos organizando, arrumando as coisas e tudo que a gente, tudo que nós conseguimos levar, mas o resto nós não conseguimos, pois a enchente veio. A gente não viu chegar a enchente, nós sabíamos que ia dar enchente. E daí nós conseguimos tirar as coisas e deu...” (P8, 11 anos de idade).*

Denota-se no relato das crianças um saber sobre a enchente, seja pelo ralo que transborda e sinaliza, seja pela organização que antecedeu o evento. Infere-se a essas falas o saber sobre a enchente constituído, provavelmente, pela vivência da enchente anterior – 2008 –, através de histórias contadas por familiares ou por relatos de pessoas do próprio bairro. Ressalta-se que a maioria dos participantes (n= 15) residia no bairro Murta, sendo que o rio se faz presente ao ladear casas e praça.

Com ideias similares referentes ao elemento de análise “1.1.1 A preparação em 2011”, abaixo, têm-se os relatos dos familiares:

*M: “[...] E quando você fala “as pessoas estavam mais preparadas”, o que você pensava? O que mudou de um momento para o outro?*

*P4: A de 2008 não foi tão falada, não foi tão divulgada e a de 2011, eles avisaram mais para gente se preparar, pra gente que ia dar enchente. Eles deram, doaram alguns caminhões para colocar as mudanças, as coisas. Então muitas pessoas já estavam, tinham levado móveis para casa dos vizinhos.*

*M: Foram se preparando para aquele momento?*

*P4: Em 2008 várias pessoas construíram o segundo piso já por causa, pensando. E depois de 2011, depois de 2011 umas duas vezes que quase, 2013, 2015 e foi por pouco assim. Mas, eu acredito que a gente não vai ter mais assim. Eles estão trabalhando bastante para isso, para que não tenha mais enchente.” (P4, 40 anos de idade, mãe de P4).*

*M: “[...] Uhum. E para encerrarmos a entrevista: o que você pensa que foi parecido e o que foi diferente nas enchentes?*

*P22: 2008 pra 2011?*

*M: Isso.*

*P22: Hm... Primeira coisa a quantia de água, né?*

*M: Uhum.*

*P22: Parecia que o mundo ia desabar em 2008, né?*

*M: Uhum.*

*P22: 2011 a gente tava com aquele, todo aquele medo, mas a gente já tinha experiência...*

*M: Uhum.*

*P22: ...ter passado por um fato horrível.*

*M: Uhum.*

*P22: **Então a gente já soube lidar um pouco melhor, entendeu? Uma situação com um pouco mais de calma.***

*M: Uhum.*

*P22: Por mais que não é uma situação de calma...*

*M: Sim.*

*P22: Mas, vamos dizer assim, a de 2008 pegou a gente desprevenido, totalmente. A gente não... nunca tinha passado por isso, nem sonhava o que era isso, não sabia o que era isso. Então a coisa que a gente já, que nem diz, agiu com mais naturalidade, com mais habilidade...*

*M: Uhum.*

*P22: ...pra coisa, entendeu?*

*M: Uhum.*

*P22: Já soube como agir. Já soube como se virar. Já sabia que ia vim à água. ‘Tava vindo? Tava vindo, fazer o quê? Vamos lidar. Não vai subir tal lugar, vamos botar tal coisa pra cima’. Assim, entendeu?*

*P22: [...] **Fazer o quê...tem mais Deus a dar que diabo tirar. Sabe?**”(P22, 32 anos de idade, mãe de P22).*

Com base nos trechos das falas das entrevistas, depreende-se que em 2011 a comunidade estava mais preparada para enfrentar as cheias, pois houve divulgação e orientação destinadas à população com maior

frequência e coerência. Destaca-se que a Defesa Civil<sup>8</sup> da cidade de Itajaí existe desde 1973. No entanto, apenas no ano de 2009, por meio da Lei Complementar nº150, passou a ser vinculada ao Gabinete do Prefeito, obteve sede e recurso próprios, colaboradores comissionados e efetivos, os quais iniciaram o mapeamento das áreas de risco na cidade. Portanto, em 2011, a Defesa Civil mobilizou as Secretarias do Município e conseguiu alertar a população, como evidenciado nas falas supracitadas (Defesa Civil, s/d).

Infere-se que a comunidade não tenha sido atingida de forma tão abrupta como em 2008 – pelo inesperado, pela intensidade e pela vazão da água –. Atreladas às falas e ao que se visualizou a campo, casas de dois andares foram construídas após a enchente de 2008. Como afirma Mattedi (2009), ao conviverem com o risco de maneira mais frequente, os moradores demonstram uma tendência em desenvolver estratégias rápidas, no caso, ergueram o segundo piso como podiam. Além do mais, em 2008 o Divino apareceu na tentativa de explicar e nomear as perdas obtidas.

No entanto, em nenhum momento, ao longo das entrevistas, os moradores se questionaram acerca do contexto em que residiam. Carmo e Anazawa (2014), Mattedi (2009), Vasconcelos e Coêlho (2013) reiteram que a população dita ribeirinha acaba por ocupar tais espaços devido às condições econômicas e sociais de vulnerabilidade. A elas somam-se as condições climáticas e geográficas da cidade de Itajaí, a inter-relação dos moradores com a terra, desencadeando nos entrevistados um sentido espiritual, como se fosse apenas da vontade do Divino o “desastre natural” (Santos, Tornquist & Marimon, 2014).

Em seguida, encontra-se o elemento de análise referente a “1.2.1 Mudanças na rotina familiar”, sendo utilizados os trechos das crianças P15 e P16, respectivamente:

*P15: “[...] A gente fomos pra uma escola*

*M: Uhum*

*P15: Até parar*

*M; Uhum*

---

<sup>8</sup> Definição de Defesa Civil: “Conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais e recuperativas destinadas a evitar desastres e minimizar seus impactos para a população e restabelecer a normalidade social” (Brasil, 2010, p. 01).

*P15: Ai, depois a gente foi para casa da nossa tia [...]” (P15, 12 anos de idade)*

*M: “[...] E, olhando para esse seu desenho, você poderia me dizer como você se sentiu com a enchente de 2011?”*

*P 16: Me senti meio preso*

*M: Meio preso com o quê?*

*P 16: Meio preso pelo fato de não poder sair e não poder ficar me divertindo como eu fazia [...].” (P16, 11 anos de idade).*

Com os trechos mencionados, P15 abordou ter saído de casa e ido à escola – local em que se estabeleceram os abrigos – e na sequência, para a casa de uma tia. Contudo, P16 não saiu de sua residência, mas demonstrou a “mudança na rotina” ao utilizar a palavra preso, como se tivesse a liberdade confiscada. Tal elemento pôde ser evidenciado também com os desenhos de P2 e P7, pois retrataram um caminhão e a saída de casa; ou seja, o local que tende a ser de referência teve que ser deixado para trás, mesmo que temporariamente. Quanto às expressões faciais dos desenhos, constatou-se com P2 um diálogo entre ela e sua mãe, sendo que P2 se expressou ao exclamar: Ai, meu Deus! Com P7 os bonecos foram todos desenhados em formato de palito e sem as expressões faciais o que denota as mudanças do referido período.

Dass-Brailsford, Thomley, Talisman e Unverferth (2015), Garrett et al (2007), Nikapota (2006) discutiram sobre a importância do estabelecimento de uma rotina com a finalidade de retomar o sentimento de segurança junto às crianças. Masten e Osofsky (2009) fizeram uma lista dos aspectos mais importantes no que diz respeito à preparação e à resposta do pós-desastre. E cabe destacar que dentre um dos itens iniciais encontra-se o estabelecimento da rotina com a possibilidade do retorno à escola, ao seio familiar – caso tenha ficado longe da família– e às brincadeiras. Porém, com as crianças e os adolescentes participantes desta pesquisa constatou-se que houve uma mudança, mesmo que breve, em suas rotinas.

Para os adultos, o elemento de análise “1.2.1 Mudança na rotina familiar” pode ser representado pelas falas de P4 e P14:

*M: “[...] E como era a rotina aqui na sua casa no período da enchente? O que as crianças faziam e*

*o que os adultos faziam? Como era desde a hora que se levantavam até a hora que iam dormir?*

*P4: Como tinha a vizinha aqui debaixo e eles tinham 4 crianças...claro que ele era o menorzinho, os outros eram todos maiores e eles estavam sempre brincando. E eu fazia o que dava, aí vai: o café da manhã com as coisas que a gente tinha, o almoço. A gente almoçava, fazia, mas geralmente ele estavam almoçando, brincando e quando não estavam comendo a gente estava sentado e conversando porque era o que dava, o que tínhamos para fazer e daí ficávamos na sacada conversando, porque não tinha nem vizinho pra gente gritar, pra gente assim, né? [...]” (P 4, 40 anos de idade, mãe de P 4).*

*M: “E você comentou comigo que em 2011, você foi lá ao abrigo.*

*P14: Foi.*

*M: E lá no colégio como era a rotina dos adultos? O que eles faziam? E o que vocês faziam ?*

*P14: Nada (risos).*

*M: (risos).*

*P14: Ficava um olhando pra cara do outro. (risos). Uhum. Não tinha o que fazer.*

*M: E tinha água, tinha luz?*

*P14: Uhum. Pra tomar banho, pra tomar, sim... tem...*

*M: Uhum. E vocês se revezavam na comida?*

*P14: Não, tinham um pessoal, uns voluntários lá que fazia comida...*

*M: Uhum.*

*P14: Café, tudo.*

*M: Uhum. Então fome ninguém passou!*

*P14: Não.” (P14, 31 anos de idade, mãe das participantes P14 e P15).*

A partir das falas supracitadas, P4 pôde acolher os vizinhos no seu segundo piso – esse construído após a família ter sido atingida pela enchente de 2008 –. Já P14 foi para o abrigo com suas três filhas e parecia haver naquele lugar uma atmosfera que pairava a espera. E essa era preenchida por momentos de diálogo, de ficar na sacada e deparar-se com o rio tomando a rua.

Entretanto, no abrigo, pela presença dos voluntários – pessoas responsáveis pela alimentação, limpeza, organização dos donativos –, além da própria condição de estar abrigada pela segunda vez – 2008 e 2011 –, o que restava era um colchão no chão com as meninas, os documentos – Registros de Identificações, Carteira de Trabalho – e a sensação do “nada” (sic). E essa pode ser traduzida pelo desamparo: sensação que remonta à relação do bebê com sua mãe, ou seja, ele precisa do outro como decodificador e amparo das suas necessidades básicas. Logo, quando o bebê chora, experiencia o lugar de vazio, de espera, da condição de desamparo primordial e demanda o olhar e o cuidado de um sujeito (Betts, 2013; Oliveira, 2014; Pereira, 2008). Infere-se, no caso aludido, que entrar em contato com o desamparo foi desolador, por isso, “olhar para cara um do outro” (sic) e permanecer na inatividade junto aos registros – RG, CTPS – parece ter sido o possível.

Fernandes e Boehs (2013), Torlai (2010), Valêncio, Siena, Marchezini e Lopes (2007) investigaram pessoas acometidas por desastres naturais, as quais permaneceram nos abrigos devido à impossibilidade de retorno as suas casas. Realidade diferente do presente estudo, haja vista que todos os integrantes retornaram às suas residências. No entanto, cabe destacar que os autores supracitados observaram, por vezes, um emudecimento nos moradores, o esfacelamento da autonomia, adequações ao ritmo coletivo e desavenças.

Desse modo, prosseguindo com elemento de análise “1.3.1 Perdas materiais” para as crianças, têm-se os relatos de P7 e P12:

*M: “[...] E em você? Percebeu alguma mudança em você?*

*P7: Não, só percebi na casa.*

*M: Na casa! E qual foi a mudança na casa?*

*P7: Tudo em barro e antes tava toda limpa! Tinha muitas coisas na casa.*

*M: E depois?*

*P7: E depois virou só barro! E quase tudo que sobrou virou barro, barro...só barro! [...]” (P7, 11 anos de idade).*

*M: “[...] E você perdeu alguma coisa na enchente de 2011?*

*P12: Minhas? Muitas roupas, meus brinquedos e meu cachorrinho. Bom, disseram que o meu cachorrinho não morreu mesmo na enchente, na*

*hora. Ele pegou doença com a enchente e depois que ele morreu.” (P12, 10 anos de idade).*

Tendo em vista os discursos aludidos anteriormente sobre “1.3.1 Perdas materiais”, P17 mencionou sobre o barro, sendo ele o que restou das cheias. P12, por sua vez, enfatizou as perdas das roupas, dos brinquedos e que, provavelmente, as águas contaminadas acometeram o cachorrinho.

Ainda com o mesmo elemento de análise, destaca-se a aplicação do desenho-estória com tema, sendo que P3, ao ser indagada sobre como se sentiu durante a enchente de 2011, abordou suas perdas e complementou que tinha ficado “muito triste, pois todas as coisas que eu ganhei da minha mãe, da minha avó com muito amor e carinho eu perdi...” (sic). Ao observar o desenho da criança verificou-se que embora os bonecos estejam sorrindo há lágrimas nos olhos de todos eles e também os objetos perdidos – o carrinho de bonecas, a boneca e os sapatos de P3 – verbalizados na sua história estavam devidamente registrados na produção. Infere-se que essas crianças, além dos bens materiais, perderam partes de si mesmas ao se depararem com o imprevisível e com a perda dos objetos que nutriam afeto, os quais se perderam em meio à água ou ao barro.

Já para os adultos, o elemento de análise “1.3.1 Perdas materiais” pode ser aclarado pelos trechos das entrevistas de P6 e P11:

*M: “E, em algum momento, vocês perderam alguma coisa em 2011?”*

*P6: Não, em 2011 a gente não teve perda nenhuma de bens, nada.” (P6, 35 anos de idade, mãe de P6).*

*P11: “Como na primeira enchente que deu (2008) a gente não levantou nada e perdemos tudo*

*M: Uhum...*

*P11: Nós perdemos praticamente quase tudo, móvel que a gente tinha comprado e nem tinha montado*

*M: Os móveis estavam ainda na caixa?*

*P11: Isso...então, dessa vez nós "tiremo" tudo.*

*M: Aham... E tiraram como as coisas?*

*P11: Nós temos um vizinho de um lado que fez uma casa de dois andares e deixou nós botar, nós e mais alguns vizinhos, e botar os móveis lá em cima. Então a gente tirou tudo.*

*M: Hmm*

*P11: Então a gente não perdeu nada. A primeira enchente pra gente foi mais sofrida assim, a gente perdeu tudo, roupa...tivemos que... ir lavando roupa. E dessa não, né?*

*M: Foi mais tranquila?*

*P11: Foi mais tranquila.” (P11, 43 anos de idade, mãe de P11).*

De acordo com os trechos de P6 e P11 a primeira enchente diz respeito a 2008, sendo que ao longo da coleta não faltaram adjetivos para qualificá-la, dentre eles encontram-se: “a grandiosa”, “a sofrida”, “a assustadora”, “essa nos castigou” (sic). Contudo, quando os familiares foram indagados sobre as perdas em 2011 havia, necessariamente, uma comparação com a enchente anterior. Logo, as respostas sobre 2011 tendiam a amenizar as perdas materiais, embora elas existissem.

Sartori e Valêncio (2016) investigaram idosos, mulheres e homens, os quais conviveram com a enchente no ano de 2010, em São Luiz do Paraitinga (a 182 km de São Paulo). Os autores discorreram sobre intensas perdas materiais – a igreja matriz, a escola, uma capela e o casarão – e complementaram sobre a perda da segurança, já que muitos passaram a residir em abrigos. Considerando a presente pesquisa, infere-se que houve perdas materiais, mas com menor impacto econômico do que Sartori e Valêncio (2016) sinalizaram.

Referente a “1.3.2 Reconstrução” se observou por parte das crianças que:

*M: “[...] E o que arrumaram? Fizeram bueiros novos? O quê?*

*PI: É... Trocaram a encanação.*

*M: Uhum.*

*PI: Sabe?*

*M: Sim. As galerias ali?*

*PI: Eles tro... Hm... Trocaram aqui no começo da rua, no meio da rua e no final da rua.*

*M: Uhum.*

*PI: Trocaram tudo. Assim, sabe?*

*M: Uhum.*

*PI: Toda, toda a encanação, mexeram no bueiro...*

*M: Uhum.*

*P1: Fui isso a... Porque a gente sempre moro... Sempre foi os bueiros, né?*

*M: Uhum.*

*P1: Porque sempre muita sujeira dentro deles tudo. Aí trocaram porque já é velho já, né? [...] Por galerias novas, agora já tá melhor.” (P1, 12 anos de idade).*

*M: “[...] P8, olhando para esse seu desenho, você poderia me contar uma história sobre como você se sentiu depois da enchente?*

*P8: Me senti bem, tudo passou. Daí o meu pai veio buscar o carro e nós ficamos lá esperando. E daí nós voltamos para casa, arrumamos tudo, passamos pano no chão, limpamos tudo. Tinha rato morto lá, daí acabou!*

*M: E quem é esse moço aí? (apontei para o desenho da criança)*

*P8: Meu pai*

*M: E o que ele está segurando?*

*P8: Aqui...?o celular*

*M: Mas por que ele está segurando o celular?*

*P8: Daí ele tinha ido lá entregar o caminhão e daí o chefe dele tinha ligado para ele fazer um carregamento*

*M: Então, logo depois da enchente, já veio trabalho. É isso?*

*P8: Uhum*

*M: Que coisa boa!”(P8, 11 anos de idade).*

Através dos excertos, o elemento de análise “1.3.2 Reconstrução” ressoou na troca das galerias velhas pelas novas, ou seja, na tentativa da Prefeitura em mitigar as águas e seus impactos. Somados a esse fato concreto, encontra-se a reconstrução que se deu por meio da organização, limpeza e estabilidade como descrito por P8, ao culminar com uma demanda de trabalho para seu pai. Infere-se que no movimento de retornar à casa – em alguns casos – ou ainda daqueles que permaneceram nelas, mas tiveram que reconstruí-las, de algum modo há um reinvestimento físico que se interliga a um desejo e a um acreditar na continuidade da vida, com pontos esparsos de certezas e estabilidades.

Com intuito de integrar os dados, tem-se a aplicação do desenho-estória com tema e as crianças, P18 e P19, mencionaram em seus títulos,

respectivamente: “vai embora enchente” (sic) e “tudo virou ao normal” (sic). As histórias contadas abordaram a alegria do pós-enchente, pois P18 retratou diálogos e convites para brincadeira. P19 demarcou o sol com rostinho, uma vegetação viva e desenhou-se sorridente, reiterando, portanto, o elemento de análise em questão.

Consequentemente, para os adultos, têm-se os seguintes trechos de fala:

*M: “E quem ajudou a senhora a limpar?”*

*P7: A família. As minhas irmãs não moram aqui, mas vieram me ajudar a lavar a casa.” (P7, 54 anos de idade, mãe de P 7).*

*P18: “[...] Não, não cheguei a olhar não. Meu intuito era apartamento, morar em apartamento.*

*M: Uhum. Já era no alto?”*

*P18: O que eu queria no alto... é.*

*M: Uhum.*

*P18: Pensava alto (risos).*

*M: Joia. Mas você acha que tem relação o fato de você ter pegado enchente e que agora você queira um apartamento, queira algum lugar alto? Você acha que essas coisas podem ter a ver ou na sua cabeça isso nem passou?”*

*P18: Sim, tem... tem tudo a ver [...]” (P18, 35 anos de idade, mãe de P18).*

Destarte, com base nas falas de P7 e P18, recorreu-se desde a limpeza ao desejo de mudar-se. Infere-se que para P18 a ideia de se mudar pudesse estar relacionada a sua história de vida, haja vista que foi confrontada com as águas quando era criança. Desse modo, com o elemento de análise “1.3.2 Reconstrução” abriu-se um leque de possibilidades para tal, não só para escolher formas de mediar o pós-enchente como também o pré-enchente, como por exemplo, a compra de um apartamento e a busca pela sensação de segurança, de indestrutibilidade.

Nesse sentido Gomes e Cavalcante (2012) investigaram adultos, de ambos os sexos, os quais conviveram com a enchente no ano de 2009 em Terezina (Piauí). Apesar das perdas materiais, os participantes discorreram sobre a esperança de ter a casa novamente ou ainda de retornarem ao lar com a finalidade de o reconstruírem. Logo, em ambas

as pesquisas, observam-se o desejo de reconstrução tanto do ponto de vista material; quanto, do existencial.

A seguir, para ilustrar apenas os conteúdos indicados pelas crianças, será retomado o círculo da esquerda, em amarelo, o qual demonstra o elemento de análise “1.1.2 Lembranças de 2008”. Desse modo, para P10 há a seguinte recordação:

*“Em 2008...Minha mãe, meu tio e meu irmão começaram berrar: - Vamos, vamos, se arruma, se arruma! Daí nós só botamos uma roupa e na época nós estávamos estudando e daí colocamos um bolo de roupa e aí o meu tio e minha mãe fizeram uma corrente e foi passando filho por filho... até tirar todo mundo... até chegar nos adultos.” (P10, 12 anos de idade).*

Além de P10, P14 também relembra:

*M: “[...] O que você pensa que aconteceu de parecido nas enchentes?*

*P14: Tipo foi um alagamento em quase todas as ruas, mas a diferença é quem em 2008 pegou bastante lugares e a de 2011 nem tantos assim.*

*M: E o que mudou em você? Assim... o que tinha de diferente em você em 2008 e em 2011?*

*P14: “Em 2008 foram todos os nossos documentos que foram embora e em 2011 a gente conseguiu pegar tudo e não deixou nada para trás [...]” (P14, 11 anos de idade).*

Observou-se que os discursos de P10 e P14 fizeram alusão às recordações da enchente de 2008. No primeiro exemplo, são os vínculos, na forma de corrente humana, entre as crianças e os adultos que foram lembrados; já na segunda, a perda dos documentos. E com a intenção de indicar que a experiência de 2008 possibilitou reações protetivas, destaca-se o resgate dos documentos que foram devidamente guardados em 2011. Sartori e Valêncio (2016) reafirmam tal apontamento, sobretudo quando há recorrência de desastres naturais, uma vez que a população tende a desenvolver ações no sentido de se proteger frente ao evento.

Já do lado direito do círculo, em cor azul, encontram-se os relatos específicos aos familiares, os quais mencionaram a enchente de 2011

como algo inesperado e marcam a diferença entre as enchentes. Por meio das falas, ilustra-se tal categoria.

*M: “[...] E além dessa enchente que você passou a de 2011, você também chegou a pegar a de 2008?*

*P16: A de 2008 foi assim bem pesada mesmo. Foi pior que essa de 2011.*

*M: E foi pesada como?*

*P16: Eu acho que sei lá, a água desceu com mais força, assim eu acho.*

*M: Uhum.*

*P16: Foi levando tudo. A de 2011 foi mais lenta, a de 2008...*

*M: Uhum.*

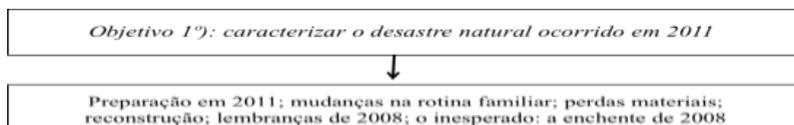
*P16: A de 2008 já veio assim...[...]E encheu muito rápido.*

*M: Uhum.*

*P16: Tu imagina, está chovendo. Daqui a pouco quando tu vê a água tá ali na calçada. Quando tu vê tá na cozinha. E quando resolveu subir foi muito rápido. [...] Meu Deus, não... tinha comparação porque a de 2008 foi destruidora; em 2011, ela só veio dar uma voltinha.” (P16, 48 anos de idade, mãe P16).*

Com o elemento de análise “1.1.3 O inesperado: a enchente de 2008” tem-se o relato de P16 como representativo dos demais discursos obtidos na coleta. Tendo em vista o inesperado, a enchente de 2008 parece ter abalado as certezas e supõe-se que assolou a vida dos atingidos. Ao longo das entrevistas com os familiares, quando a pesquisadora se dava conta estava ouvindo os medos, os dissabores e a reconstrução de 2008.

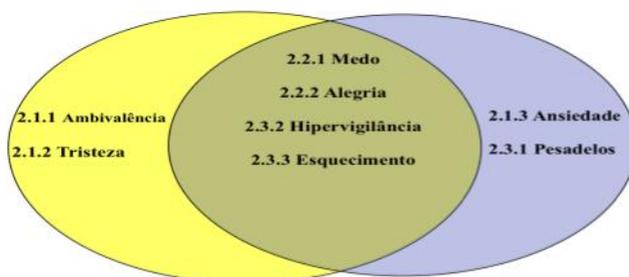
Por conseguinte, com intuito de fazer um fechamento da presente categoria, a seguir com a Figura 9 tem-se o objetivo específico, a categoria “A enchente”, seus respectivos elementos de análise retomados e suas reflexões.



**Figura 9:** Sistematização do objetivo específico com a categoria “A enchente”, elaborado pela autora desta tese.

Com o primeiro objetivo, constatou-se que a enchente de 2011 ficou marcada pela comunicação e preparação antecipada; além disso, destaca-se no registro gráfico das crianças as mudanças na rotina com o acolhimento dos vizinhos ou a ida aos abrigos. Apesar de terem ocorrido perdas materiais entre os familiares e as crianças, somente os primeiros enfatizaram que a enchente de 2008 foi maior – em proporção, em número de atingidos e em perdas materiais –. Contudo, nos dois eventos deve-se considerar que se tratam de situações inesperadas, que irromperam no cotidiano da população e os desestabilizaram. Reitera-se que os desenhos das crianças fizeram alusão às marcas deixadas pelas águas ao utilizarem diferentes cores para demarcá-las.

Tendo em vista o segundo objetivo – identificar os sintomas decorrentes do desastre natural, por meio da categoria “A enchente e suas repercussões” –, serão retomados os relatos dos participantes com a finalidade de aclarar o referido.



**Figura 10:** Categoria 2 - A enchente e suas repercussões

Sendo assim, os elementos de análise mencionados tanto pelas crianças quanto pelos adultos, foram: “2.2.1 Medo”, “2.2.2 Alegria”, “2.3.2 Hipervigilância” e “2.3.3 Esquecimento”. Logo, serão abordadas falas de cada elemento devidamente intercaladas entre os discursos das crianças e dos adultos. Com relação ao primeiro elemento de análise – “2.2.1 Medo” – P2 e P14 discorrem:

*M: “[...] Olhando para seu desenho, que história você contaria sobre como você se sentiu durante a enchente?*

*P2: Quando tava chegando a água, minha mãe e eu estávamos saindo de casa para meu pai tirar as coisas e colocar dentro do caminhão junto com o amigo dele. Aí a gente foi para casa da minha tia, a casa ali. E aí a minha reação foi que eu ia perder tudo e não ia ter mais nada, que o mundo ia acabar e tudo mundo ia morrer... E..*

*M: E...? Você pode continuar.*

*P2: Fala (Riso nervoso)*

*M: Não, você pode continuar.*

*P2: Ai.. é isso.” (P2, 11 anos de idade).*

*M: “[...] Você pensa que teve medo quando estava acontecendo à enchente?*

*P14: Acho.*

*M: E do que você tinha medo?*

*P14: Às vezes, eu lembro que fiquei com bastante medo na enchente. Daí eu lembro que foi assim*

*M: Como foi?*

*P14: De tudo que aconteceu, eu não sabia o que ia acontecer, aonde a gente ia ficar, o que ia acontecer lá!” (P14, 11 anos de idade).*

Por meio dos trechos apontados denota-se o “2.2.1 Medo” atrelado à perda dos objetos e de si mesmo, bem como um não saber sobre o futuro. Destaca-se que a partir da expressão de medo das crianças – momento em que ainda a pesquisadora dessa investigação fazia o mestrado – tornou-se um ponto de curiosidade para investigá-lo no doutorado (Cunha & Martins-Borges, 2016). Em consonância aos dados apresentados, destaca-se a investigação de Quezadas-Barahona, Pérez-Castro (2012) e Raccanello, Burro e Hall (2017) os quais

reiteraram o sentimento de medo por parte das crianças relacionado à insegurança e às dúvidas quanto ao futuro.

Nesse sentido, Garland (2015) retoma os aspectos do evento traumático e, de maneira didática, a autora esclarece que uma criança ao ver um monstro, geralmente, espia entre os dedos ou o olha e recolhe o olhar como se estivesse modulando aquele encontro. Destarte, quando se trata de um evento traumático, o organismo interno é invadido pelo medo, dificultando que as defesas possam modular – tal qual exemplificado anteriormente – o quanto se deseja ver. Supõe-se que P2 e P14 demonstraram medo e dificuldade de lidar com aquilo que as invadiu. Infere-se que através de diálogo e continência as crianças poderiam ter seus medos diminuídos.

Quanto aos adultos, o “2.2.1 Medo” ficou evidente com os trechos de P7 e P8:

*P7: “[...] Tudo! Tudo...até hoje tudo o que eu tenho é doação. Por quê? Porque ainda tenho medo que venham uma nova e perder tudo! Oh, tu vê, eu não tenho porta nos quartos e nem boto, assim oh. E daí foi difícil e daí no abrigo tu não consegues dormir. Água, muito difícil ter água pra tomar um banho, muito difícil, nem pensar! E assim oh... o cheiro! Catei essas crianças, pegou aquele cheiro... casa podre, aquele lodo! [...] Mas, assim oh, Maiara. Tu vê eu não tenho guarda roupas. Não é que eu não possa comprar; eu até posso, mas eu não compro porque eu tenho medo...*

*M: A senhora tem medo que compre e venha água de novo?*

*P7: Água de novo... tá vendo a minha roupa está em cima daquela cômoda! Eu não comprei mais nada! Eu, eu...deixa eu pensar...assim eu tenho medo, ninguém me diz, assim, que ela não vai vir porque um dia pode vir, veio duas vezes!”(P 7, 54 anos de idade, mãe de P 7).*

*M: “[...] Então, em algum momento, você acha que em 2011, a P22 teve medo, demonstrou medo da situação da enchente? O que você acha?*

*P22: Ah, ficou muito assustada, né...né?As criança ficam muito assustada. [...]*

*M: Uhum.*

*P22: Ficaram muita assustada. Têm medo. Até hoje em dia se fala em enchente elas já tem medo. Fica tra... Ficaram traumatizada, né?*

*M: Uhum.*

*P22: Fica traumatizada por causa da enchente...*

*M: Uhum.*

*P22: Querendo ou não, abala o psicológico até nos adultos, quem dirá das crianças [...].” (P22, 32 anos de idade, mãe de P22).*

De acordo com excertos de P7 e P22 depreende-se o medo de perder os pertences e de, novamente, defrontar-se com as cheias. Tal fato demonstra a fragilidade humana apontada por P22 ao relatar que a enchente “[...] abala o psicológico até nos adultos, quem dirá das crianças [...]” (sic), ou seja, as certezas da vida foram postas à prova, ficando o registro do medo. Segundo Lowe, Godoy, Rhodes e Carter (2013), ao investigarem o impacto psicológico em sobreviventes do terremoto Katrina – 2005 –, mesmo decorrido três anos após o evento, o estresse materno tendeu a influenciar no desenvolvimento das crianças. Esse estudo evidencia o quanto os familiares são condições sine qua non na mediação dos eventos estressores para as crianças, funcionando esses tanto como escudos protetores quanto flechas pontiagudas.

Ao considerar a seguinte fala de P22: “Ficaram traumatizada” (sic), Canavêz (2015) aponta que a palavra “traumatizado” tem sido banalizada. A autora discorre que a terminologia tem sido utilizada para “validar um evento socialmente legitimado como produtor de vítimas” (p. 39) e não as consequências dele. Em situações de desastres naturais, como em qualquer outro evento potencialmente traumático, cada sujeito terá a sua forma de lidar com o evento, o qual não necessariamente o traumatizará. Seus impactos podem ser expressos de diferentes maneiras, aqui aludido pelo medo. Por isso, é imprescindível considerar o contexto, as figuras de apoio e as condições psíquicas dos envolvidos frente ao desastre natural.

Com o elemento de análise “2.2.2 Alegria” têm-se os relatos de P3 e P16:

*M: [...] “Como a P3 se sentiu após a enchente?*

*P3: Eu ganhei várias coisas, passei bastante com os meu cachorros. Para mim foi muito mais... é...muito mais interessante do que é...do que passou a enchente*

*M: Como assim? Você poderia me explicar?*

*P3: É que assim oh...eu esperava, esperava, esperava pra acabar essa enchente pra voltar tudo como era antes e fiquei muito mais feliz quando acabou a enchente. Consegui várias coisas, conseguimos a casa, nunca mais deu enchente.*

*M: Uhum*

*P3: Pra mim foi uma alegria!”(P3, 11 anos de idade).*

*P16: “[...] Eu tentei desenhar eu mais feliz e com alegria por voltar a brincar, estudar e fazer o que eu fazia antes*

*M: Uhum...ótimo. Fiquei curiosa: tem uma coisa aqui no desenho, no centro. O que é isso?*

*P16: É o símbolo da escola, brincando e usando o uniforme da escola, pois eu costumava sujar muito a roupa da escola quando eu ia brincar.*

*M: E qual poderia ser o título dessa história que você me contou, P16?*

*P16: Um título?*

*M: Uhum*

*P16: A felicidade após a enchente [...].” (P16, 11 anos de idade).*

Em ambos os discursos ficou evidente a espera para que tudo se regularizasse, isto é, aguardou-se as chuvas cessarem, o restabelecimento da rotina e o retorno à escola para retomar o contato com a alegria e a felicidade. Conforme as análises obtidas e apresentadas na Tabela 6 (pp. 83), por meio das histórias dos desenhos com tema, a alegria foi expressa pelas crianças do seguinte modo: durante a enchente – por estarem junto dos irmãos e poderem brincar com eles, saírem de casa a tempo e irem ao abrigo – e após a enchente – ganhar presentes, passear com os cachorros, a enchente ter finalizado, fazer tudo o que desejar.

Com relação às expressões gráficas P1 retratou dois bonecos, um deles demonstrava a alegria; outro, a tristeza. E no primeiro enfatizou o olhar sem lágrimas e a boca sorridente. P3 desenhou bonecos com sorrisos largos nos rostos e uma flor que também lembra um grande pirulito. P13 relatou que nos seus desenhos a alegria, necessariamente, passava por desenhar o sol. Logo, quando foi solicitada a desenhar o que

se recordava da enchente de 2011 e como ficou durante o evento, o sol não apareceu e foi apresentado apenas nas demais produções. A alegria, nesses casos, encontra-se também veiculada ao riso, ao princípio do prazer que para Baleeiro (2009, p. 48) “tem um caráter socializante, uma vez que [...] o riso integra”.

Para os adultos a “2.2.2 Alegria” pode ser esclarecida por P3 e P19:

*P3: “[...] Tu entende?*

*M: Uhum.*

*P3: Ah, mas graças a Deus que nós estamos tudo com saúde.*

*M: Uhum.*

*P3: Temo perna, temo braço, vamos trabalhar pra ter. Tu entende?*

*M: Uhum.*

*P3: É essa alegria que... que nos volta a ter fé e começar tudo de novo.” (P3, 34 anos de idade).*

*P19: “[...] Nós só penteávamos o cabelo e fazíamos cada arte... Foi um momento de tristeza, depois foi um momento de alegria porque estávamos todos reunidos ali! Graças a Deus, estávamos todos reunidos [...].” (P19, 40 anos de idade, mãe de P19).*

Através dos trechos descritos, a alegria foi caracterizada pela saúde, por terem um corpo e poderem trabalhar, por acreditarem no amanhã e pela união dos familiares. Freud (1930 [2010]) apresenta consonância com os respectivos relatos ao abordar que o ser humano busca não sofrer e deseja vivenciar o prazer. Contudo, as vias pelas quais isso ocorrerá são particulares ou ainda “cada um tem que descobrir a sua maneira [...] de ser feliz” (p. 41), como se evidenciou com P3 e P19 após o período das cheias.

Ainda, com os elementos em comum, neste caso “2.3.2 Hipervigilância”, P6 e P12 mencionaram:

*M: “[...] Vamos pensar aqui olhando para o seu desenho, qual o nome que você poderia dar para ele? Qual o nome?*

*P6: Em casa observando a enchente.” (P 6, 11 anos de idade).*

*P12: “[...] Eu ficava olhando, olhando, toda vez olhava. Todo dia de manhã olhava para ver se a água baixava, só que nunca baixava a água. E, aí, depois que foi abaixar.” (P12, 10 anos de idade).*

De acordo com os relatos, o elemento “2.3.2 Hipervigilância” pode ser aclarado pela observação atenta ao nível da água. Ademais, P6 mesmo não tendo sido atingido diretamente pelas cheias desenhou-se sozinho na varanda e coloriu a enchente de marrom. E quando indagado sobre qual seria o título da história disparou: “em casa observando a enchente” (sic). P12 desenhou a rua onde residia, pintou-a de amarelo e esclareceu que a junção das águas do rio com as da chuva possibilitou tal coloração. Enfatizou que acompanhava o nível do rio olhando a rua diariamente.

Infere-se que as crianças apresentaram o sintoma de hipervigilância, o qual se encontra compatível ao quadro de Transtorno de Estresse Pós-Traumático – tendo em vista o tempo decorrido e o impacto relatado pelas crianças – (APA, 2014). Nesse ínterim, destaca-se o terremoto que ocorreu em 1999, na Turquia, em que após três anos e meio do evento, Wolmer et al (2005) constataram que as crianças com diagnóstico de TEPT ficaram suscetíveis aos demais fatores de risco. Observa-se aqui a condição psicológica decorrente diretamente do evento traumático – o TEPT e seus sintomas –, mas também a condição de vulnerabilidade na exposição de novos estressores.

Os adultos P7 e P8 exemplificam o elemento em questão com o seguinte relato:

*M: “[...] Houve dias assim no ano passado (2015) que teve muita chuva e as pessoas estavam preocupadas porque em outubro chovia muito. Penso que as pessoas ficaram meio preocupadas com o que ia acontecer. E, em algum momento, ele veio perguntar alguma coisa para senhora?*

*P7: Perguntou se nós íamos para o abrigo*

*M: Perguntou para senhora se vocês iam para o abrigo?*

*P7: Qual abrigo que nós íamos?*

*M: Já estava preparado! E o que a senhora falou para ele?*

*P7: Não, por enquanto ainda não. Só se vir água e daí eles ficaram cuidando da rua*

*M: Eles ficavam vendo se ela enchia? Se não...*

*P7: Ficaram olhando as bocas de lobo e eles iam lá pra rua e ficavam cuidando.” (P7, 54 anos, mãe de P7).*

*M: “[...] E deixe-me perguntar sobre o rumor de enchente. Como ficava o P 8? Ele mudava o comportamento dele? O que ele fazia?*

*P8: Olha, de meia em meia hora ele queria ir ali ver o rio. Eles até foram, foram duas vezes, ele e a irmã de bicicleta e daí foram lá no rio, no coreto e lá na ponte. Ele estava até aqui no cursinho de tarde e daí eles foram lá à tarde ver, pois os amiguinhos estavam dizendo que já estava transbordando. Daí ele tava com medo, né? Todo mundo dizendo que ia ser maior do que as outras que já tinham vindo. E daí meia noite e meia e eles estavam acordados, eles foram ver a ponte*

*M: Ele e quem?*

*P8: Foi ele, meu esposo, minha menina e o outro menino*

*M: Foi a toda a família olhar lá?*

*P8: Sim, foram os quatro todos de bicicletinha lá ver...” (P8, 30 anos, mãe de P8).*

Por meio dos relatos supramencionados reitera-se a presença da hipervigilância, expressa pelo questionamento ao adulto sobre o que ia acontecer, a necessidade de “cuidar do rio” (sic) e de acompanhar a criança a cada curto espaço de tempo. Tais informações são coerentes com o estudo de Fernandes e Boehs (2013) pois em dias de chuvas, tanto os familiares quanto às crianças permaneciam em um constante estado de alerta.

Por fim, o último elemento de análise em comum foi “2.3.3 Esquecimento”, indicado por P15 e P22:

*P15: “[...] Eu não lembro muito bem da enchente, lembro de pouca coisa assim...*

*M: Então, ajude-me e me diga o que você lembra ? Você se lembra ou não de ter ficado lá na escola.*

*P15: Eu não lembro de ter ficado na escola. Só lembro que eu fiquei lá, mas não lembro o que aconteceu lá*

*M: Você não se lembra do que fazia? Do que você brincava?*

*P15: Não.” (P15, 12 anos de idade).*

*M: “[...] Como vocês se organizaram? Deu tempo de pegar algumas coisas e levar para outra casa? O que você se lembra desse trajeto?*

*P22: Eu não lembro muito na verdade....eu não me lembro.*

*M: Uhum. Mas, você se lembra de ter levado algum brinquedo seu? Alguma coisa?*

*P22: Não. Não me lembro*

*M: Uhum. Não lembra como você chegou a outra casa?*

*P22: É (risos). Eu só sei que eu levei um ursinho favorito que eu dei...tenho desde a minha primeira casa de madeira.*

*M: E o ursinho te acompanha?*

*P22: É. Até hoje! [...]” (P22, 12 anos de idade).*

As crianças P15 e P22 tentam responder aos questionamentos feitos pela pesquisadora, mas é unânime o não lembrar. Borges (2012), Perrone e Moraes (2014) ponderam que o excesso vivenciado pelo evento – a posteriori – tem a possibilidade de não ser dito, de escapar do registro ao dificultar, portanto, a recordação do evento. Consoante ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014, p. 271), o sintoma “esquecimento” pode ser esclarecido pelo critério D, em que há a presença de alterações negativas na cognição e no humor associadas ao evento traumático, começando ou piorando depois da ocorrência de tal evento. Infere-se que o critério D, subitem 1 – Incapacidade de recordar algum aspecto importante do evento traumático – esteja compatível ao presente estudo.

Por sua vez, o adulto P2 retoma o supracitado elemento por meio dos seguintes trechos:

*M: “[...] Você registrou, bateu foto, não é? E o registrar veio, assim, de que forma? O que levou você a registrar tudo isso aí?*

*P2: Para nunca mais esquecer disso. Qualquer momento que eu ouvir dizer vai ter enchente, eu vou correr porque vou lembrar de tudo o que passei. [...]*”

Ao entrevistar P2, ela discorreu que havia tirado foto, feito filmagem e que os arquivos encontravam-se registrados no computador. Tem-se a impressão que foi preciso utilizar outros espaços que pudessem guardar as memórias do evento, haja visto que o esquecimento tende a se fazer presente diante de uma situação traumática. Reiterando os apontamentos realizados ao longo da entrevista com P2, a participante abordou a confusão entre os eventos – 2008 e 2011 – e enfatizou “foi coisa que aconteceu” (sic) como se tratasse de um excesso, foi além do metabolizado pelos inconscientes das crianças e seus familiares. Coerente ao presente estudo, Oliveira (2014) investigou moradores que conviveram com o desastre na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 2011, sendo que os envolvidos também apresentaram esquecimentos sobre os eventos transcorridos durante as semanas das chuvas.

Com relação ao desenho-estória com tema, uma folha em branco foi apresentada às crianças para que desenhassem o que se recordavam da enchente de 2011, porém duas crianças – P2 e P6 – desenharam e relataram sobre a enchente de 2008. P2 rabiscou sua mãe e a si mesma em forma de bonecas menores do que os pingos de chuva. Já P6 estava no barco com sua mãe em meio à enchente. De acordo com a mãe de P6, quando eles entraram no barco a criança começou a cantar “segura na mão de Deus e vai”<sup>9</sup> – música costumeiramente cantada nos enterros da região –. Depreende-se que indiferente do ano, o evento, enquanto traumático, irrompeu via elaboração dos desenhos.

A seguir, serão retratados os elementos de análise exclusivo das crianças – círculo amarelo –, e dentre eles encontram-se “2.1.1 Ambivalência” e “2.1.2 Tristeza”. Com relação ao primeiro elemento, sobretudo para P1 e P19, tem-se:

*M: “[...] P1, como você se sentiu por não poder voltar para casa e por estar na casa dos primos? Como você estava naquele período?”*

---

<sup>9</sup> Cifra da música segura na mão de Deus:

<https://www.cifraclub.com.br/catolicas/segura-na-mao-de-deus/>

*P1: Ah foi bom mais ao mesmo tempo ruim. Pensava que a minha casa ia ficar toda destruída, mas lá no primo eu tava alegre ao mesmo tempo também. Daí eu jogava, jogava...” (P1, 12 anos de idade).*

*P19: “[...] Tava me sentindo bem. Um pouco triste porque tinha que limpar toda sujeira que nós mesmos provocamos. Mas, só que... é... mas só que muito feliz porque tudo aquilo tinha passado. Melhor desse jeito, do que... do que a água tomando conta, né? (P19, 12 anos de idade).*

*M: Uhum.”*

O elemento de análise “2.1.1 Ambivalência” mostrou-se relacionado com a tristeza – a possível destruição e limpeza da casa – e com a alegria – por compartilhar de momentos com o primo e por estar bem. Com o texto de Freud (2010 [1915]) “Luto e Melancolia” pode-se depreender que a ambivalência remonta as experiências primitivas, ou seja, as primeiras perdas do bebê em relação ao amor de sua mãe. Desse modo, infere-se que na presente pesquisa, a situação da enchente tendeu a reativar as perdas primitivas sendo essas representadas pelas falas supracitadas.

Ainda com base no círculo esquerdo referente aos elementos específicos às crianças, tem-se o elemento de análise “2.1.2 Tristeza” evidenciado pelos trechos da fala de P 12 e P21, respectivamente.

*M: “[...] E, P12, como você se sente sabendo que tem um rio perto da tua casa e que você fica de olho quando está chovendo mais? Como você se sente?*

*P12: [...] Me sinto...deixa eu ver, me sinto mais ou menos...*

*P12: Meio triste porque parece que ele vai, que vai, que o rio vai mudar de lugar e vai para a rua, para dentro, porque é dele...” (P12, 10 anos de idade)*

*M: “[...] E como é que você se sentiu durante o período da enchente?*

*P21: Senti triste, né? Bem triste.*

*M: E quando a pessoa está bem triste, como ela fica? Como fica o jeito dela? O que ela pensa?*

*P21: Não, só sei que eu ficava triste, mas, como é ficar triste eu não. Só sei que dá um vazio.” (P21, 11 anos de idade).*

O elemento de análise “2.1.2 Tristeza” enfatiza o vazio sentido pelas crianças. Através do desenho de P13, ao ser indagada sobre o que se recordava da enchente de 2011, a menina desenhou apenas as nuvens, ela mesma e o irmão no meio do casal. Destacam-se os olhares da família que traduzem o desamparo e a tristeza. O pai e a mãe de P13 encontravam-se com os braços cruzados e há um sorriso riscado no desenho; a criança o fez, mas infere-se que ela ao lembrar-se da enchente, retocou a boca não mais expressando alegria. A história ficou intitulada como: “Um dia triste” (sic).

O terremoto em 2010 ocorrido no Haiti, embora não sendo um evento de mesma natureza, teve proporções econômicas e sociais mais avultosas do que as do estudo em questão. Apesar da diferença em relação aos impactos, estudos realizados com a população haitiana subsidiam a compreensão dos fenômenos aqui observados. Assim, Cénat e Derivois (2015), após dois anos e meio do evento, constataram que 35% dos participantes ainda apresentavam sintomas de TEPT; 50% delas, sintomas do Transtorno Depressivo. Quezadas-Barahona e Pérez-Castro (2012) apresentaram dados similares a presente tese, só que em relação às crianças que passaram por uma enchente em Tabasco, México. A presença da tristeza, como sintoma recorrente, foi igualmente identificado em sua amostra. Por conseguinte, ao retomar Freud (1915 – 1917, [2010]) no texto “Luto e Melancolia”, depreende-se, a partir das falas das crianças, que há uma reação frente à perda representada pela tristeza que os invadiu.

No caso da percepção por parte dos familiares se destacam os elementos de análise contidos no círculo ao lado direito composto por “Ansiedade” e “2.3.1 Pesadelos”. Esses serão retomados por meio de falas dos participantes, a começar pelo primeiro elemento, a ansiedade, em que P8 e P21 discorrem:

*M: “E como era a rotina de vocês? O que vocês ficavam fazendo já que não podiam sair de casa?”*

*P8: Nós ficávamos vendo a TV, a reportagem, né? O que tava acontecendo... ficamos assistindo o que estava acontecendo*

*M: E como estava o J. naquela época? O que ele ficava fazendo?*

*P8: E ficava meio apreensivo, ficava fazendo pergunta...e o tempo todo ele ficava fazendo pergunta se ia subir a água, se tinha gente andando de barco na rua e ficava fazendo pergunta boba de criança. Sabe, né? Criança é curiosa! [...]”(P8, 30 anos de idade, mãe de P8).*

*M: “E você acha que hoje em dia há coisas que o fazem se lembrar da enchente?”*

*P21: É, mais ou menos....Lembra, lembra...ele ficou meio assustado. Ele não gosta é de ficar sem comidas dentro de casa, e ele vê falar em enchente e ele já quer ir ao mercado comprar um monte de comida. [...]” (P21, 43 anos de idade, mãe de P21).*

Conforme os relatos, observou-se certa apreensão por parte das crianças ao questionarem os familiares e na tentativa de estocar o maior número de alimentos em casa frente aos tempos incertos. Tendo em vista o elemento de análise “2.1.3 Ansiedade”, tem-se a pesquisa de Felix et al (2009), a qual investigou a persistência de transtornos em crianças e adolescentes, durante o primeiro e o terceiro ano após um terremoto em Porto Rico; depois de um ano decorrido do evento, as crianças apresentaram ansiedade de separação. McFarlane e Hooff (2009) verificaram a prevalência de TEPT e demais transtornos psicológicos em adultos, mas que necessariamente na infância foram expostos a queimadas ocorridas na Austrália em 1983; quadros de ansiedade continuavam perceptíveis na amostra investigada.

A partir das falas dos participantes, observa-se que a prevenção demonstra uma tentativa de reorganizar a vida, sobretudo, quando há a presença de eventos estressores. Logo, indagar e se abastecer de comida foram os recursos utilizados pelas crianças.

Ainda para os adultos, o elemento “2.3.1 Pesadelos” ficou registrado por P21:

*M: “Em algum momento, o P21 comentou que teve algum pesadelo? Ou algum sonho em relação à enchente?”*

*P21: Sim, chegou a dizer. A última mesmo agora no outro dia. Ele acordou assustado e sonhou que*

*a rua estava cheia de água e quis dormir comigo porque estava com medo de dar enchente e que eu não visse ele. [...]” (P21, 43 anos de idade, mãe de P21).*

Supõe-se, a partir do relato de P21, que a criança estava com receio da enchente retornar e expressa o medo de não ser visto, como se pudesse ser esquecido pela família no momento das cheias. O elemento de análise “2.3.1 Pesadelo” faz parte do quadro de sintomas de TEPT ao compor um dos critérios de intrusão, dentre eles: lembranças intrusivas e angustiantes, sonhos angustiantes, reações dissociativas, sofrimento psicológico e reações fisiológicas intensas (APA, 2014, p. 271). Contudo, Wamser-Nanney e Chesher (2018) discutiram sobre a pouca produção científica referente às dificuldades no sono em crianças após situações traumáticas. Sendo assim, esses autores, mesmo tendo investigado crianças que passaram por eventos traumáticos – abuso físico ou sexual, negligência, comunidades violentas, a morte de um ente querido, graves problemas de saúde, desastres naturais, terrorismo, escolas violentas e sequestro – constaram que os tipos de eventos não se relacionaram a problemas de sono. Os autores apontaram a dificuldade em obter instrumentos de medidas sensíveis a esse tema, assim como a utilização de vários eventos traumáticos nas análises.

Com intuito de fazer um fechamento da presente categoria, tem-se a Figura 11 com o objetivo específico representado pela categoria “A enchente e suas repercussões” e seus respectivos elementos de análise retomados e apontamentos sobre a referida categoria:

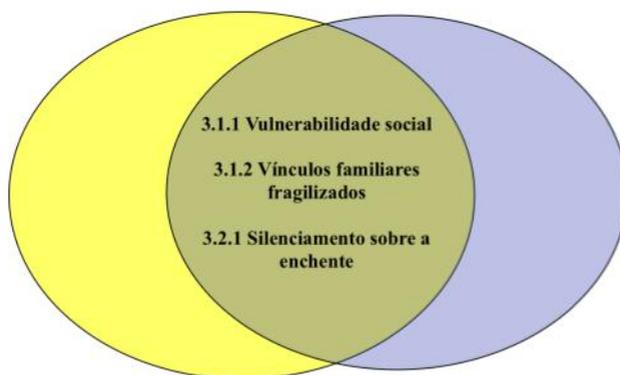


**Figura 11.** Sistematização do objetivo específico com a categoria “A enchente e suas repercussões”, elaborada pela autora desta tese.

Já com o segundo objetivo verificou-se a tristeza e a ansiedade – emoções básicas dos quadros de ansiedade e depressivos - retratadas pela impotência frente às águas, durante a enchente. O medo surge atrelado pela possibilidade de um retorno das águas e suas

consequências; a hipervigilância – decorrente da tensão pré, durante e após a enchente é o que faz com as crianças estivessem, constantemente, em contato com o acontecido. Em contrapartida, têm-se a alegria com o término da enchente ao ilustrarem os familiares reunidos. Já o elemento “esquecimento” esteve relacionado ao excesso que invadiu o psíquico ao passo que impossibilitou o registro na memória. Percebe-se aqui a presença de sintomas clássicos decorrentes das situações traumáticas.

No que concerne a categoria intitulada “Fatores de risco”, observa-se que todos os elementos de análise estão situados no espaço da intersecção da figura; isto é, são elementos de análise compartilhados pelas crianças e pelos cuidadores. São eles: “3.1.1 Vulnerabilidade social”, “3.1.2 Vínculos familiares fragilizados”, “3.2.1 Silenciamento sobre a enchente”. Sendo assim, os elementos serão apresentados partindo-se sempre do relato das crianças e, em seguida, dos adultos:



**Figura 12.** Categoria 3 - Fatores de risco

O relato de P7 permite ilustrar o elemento de análise “3.1.1 Vulnerabilidade social”, como um dos fatores de risco anteriores à enchente:

*M: “E depois da enchente você teve alguma doença?”*

*P7: Doença? Eu, a avó que contou aqui que eu peguei uma agulha contaminada, só isso, mas eu não peguei nada. (P7, 11 anos de idade).*

Cabe esclarecer que P7 foi para abrigos durante as duas ocasiões – enchente de 2008 e 2011 – e ao encontrar uma agulha utilizada resolveu brincar, expondo-se a riscos. Ao longo do percurso da coleta de dados, ao andar pelos bairros, ao ir às casas ou ao aguardar os participantes na Instituição, a pesquisadora fez uso de um diário de campo e, para elucidar o referido elemento de análise, têm-se as seguintes reflexões: [...] “Será que a enchente, nesse contexto, não passou de um grãozinho de areia em uma caixa já cheia?”; “Percebeu-se as meninas de doze anos do bairro Murta diferentes das meninas de outros bairros, teve-se a impressão que foram expostas ao que ainda não estavam preparadas [...]”; “Ao pensar sobre as histórias ouvidas, percebeu-se que o vocabulário era muito empobrecido, mas talvez isso não se trate apenas de uma questão de escolarização; pareceu que faltaram palavras para nomearem tantas dificuldades que enfrentaram [...]”.

A fala de P7 e os apontamentos da pesquisadora elucidaram sobre a vulnerabilidade social, principalmente econômica, que os assola e os coloca em situações difíceis de moradia, de entrada e permanência na escola. Ao abordar questões sobre a escola, em geral, as respostas discorriam sobre “não gostar da escola” e eram os laços de amizade que os mantinham naquele espaço.

Para aclarar os efeitos de um desastre natural pode-se utilizar a imagem de uma pedra que foi jogada em um lago e nele haverá a formação de círculos concêntricos ligados uns aos outros. Por conseguinte, Cohen (2002) destaca que em uma situação de desastre natural há pelo menos cinco grandes envolvidos, a saber: 1) as pessoas diretamente atingidas, 2) pessoas próximas dos atingidos, 3) equipes de regaste, 4) pessoas envolvidas com a comunidade, tais como: autoridades e jornalistas e, por fim, 5) pessoas que ouvem ou vêem sobre o evento e tendem a experienciar graus variados de sofrimento. Sendo assim, coerente aos dados apresentados e somados aos autores Fairbank e Fairbank (2009), Franks (2011), Kar (2009), Lowe, Godoy, Rhodes e Carter (2013), Tufnell (2009), pode-se dizer que a infância é caracterizada por um período da vida permeado de fragilidades e com

efeitos cumulativos de eventos traumáticos. Desse modo, quando a comunidade passa por situações traumáticas tanto as crianças, quanto os familiares que podem garantir segurança às crianças, devem ser apoiados de maneira rápida, com o objetivo de evitar que a situação traumática se fixe em um quadro clínico traumático.

Na mesma vertente, encontram-se os adultos – P3 e P7 – os quais abordam o mesmo elemento de análise:

*“[...] Aqui não dá, é muita gente no mesmo terreno e daí dá atrito. De vez em quando dá um arranca rabo, dá polícia e daí a gente fica pensando... Meu Deus, o que a gente fez, né? Não sei né, a gente não tá na nossa casa e toda vez é isso, trabalha, trabalha, às vezes eu trabalho de noite, de manhã, domingo, não rende o dinheiro e aqui a gente não paga aluguel.[...]” (P3, 34 anos de idade, mãe de P 3).*

*P7: “[...] E é assim não tinha uma banheira pra dar um banho no bebê. Esse aqui (referindo ao P7) que é muito agitado, foi e pegou uma agulha lá onde nós estávamos. Uma agulha cheia de sangue, pensa!*

*M: Um agulha já usada?*

*P7: Uma agulha já usada. Daí, tu pensa, Maiara, aonde que nós fomos parar? Fomos parar lá no pronto socorro, no hospital e fazer um monte de exame, mais um monte de exame...*

*M: Sim, para ver se não tinha sido contaminado com nada.*

*P7: É que lá onde nós estávamos tinha muita droga. [...]”*

*M: E como foi? Vocês foram fazer todos os exames de novo? E essa agulha estava no lixo?*

*P7: Não, depois que a gente saiu do abrigo tive que levar o P7 duas vezes lá, um acompanhamento e fazer os exames, mas deu tudo certo!”(P7, 54 anos de idade, mãe de P7).*

Com os excertos, abordou-se sobre a quantidade de pessoas que residem no mesmo terreno, a falta de recursos financeiros e a exposição às drogas. O abrigo, por ser um espaço público e utilizado em momentos

de vulnerabilidade, parece não trazer a segurança esperada (Torlai, 2010; Valêncio, Siena, Marchezini & Lopes, 2007).

Quanto ao elemento de análise “3.1.2 Vínculos familiares fragilizados”, os relatos de P18 e P22 apontam:

*M: “[...] Ah, entendi. Sua mãe comentou comigo que agora ela mora com outro companheiro e que desde então ele também vem ajudando na sua criação.*

*P18: Uhum.*

*M: Não é? E como é isso tudo para você?*

*P18: Isso é bom. Bom porque eu tenho um padrasto e ruim porque eu não, não tenho pai agora. Eu tenho um pai só que ele não cuida de mim, entende?”(P18, 11 anos de idade).*

*M: “Ah é? E o que fez vocês irem morar em um apartamento e não mais em uma casa?”*

*P22: Porque minha mãe queria se livrar logo do meu pai.*

*M: Uhum.*

*P22: Porque minha mãe e meu pai é que nem cão e gato.*

*M: Ah, os dois brigam bastante?*

*P22: Brigam.*

*M: Uhum. (breve silêncio). Entendi.” (P22, 12 anos de idade).*

Referente às falas mencionadas, destaca-se o pai biológico que cede lugar ao padrasto e os conflitos entre os pais. Com base na entrevista de P22, as brigas eram recorrentes e presenciadas pelas meninas – P22 e sua irmã – e a saída usada para essa situação foi justamente a separação e elas se mudarem. As brigas cessaram, mas se antes havia duas pessoas lutando pelo sustento da casa, posteriormente, passou-se a contar apenas com a mãe da criança. Desse modo, P22 quando realizou o desenho sobre o que ou quem deu forças para enfrentar a situação da enchente, eis que a criança desenhou e deu o nome da história “a irmã” (sic). Após a pesquisadora indagar “são somente vocês duas ou tem mais alguém na família?”, P22 respondeu: “não, só nós duas” (sic). As histórias de P18 e P22 foram representantes de outras tantas, em que os vínculos afetivos não passaram

necessariamente pelas funções maternas e paternas, mas se constituíram por meio de outros representantes.

Ainda com o elemento de análise supracitado os adultos P7 e P20 abordaram:

*M: “[...] A senhora me desculpe, mas quem está de fora da história demora até entender...*

*P7: É, daí resumo... a mãe do J. engravidou do P7 (criança que fez parte da pesquisa) e daí ela não, ela já não estava mais com o meu filho. E o P7 que eu soube na época ele caiu no Conselho Tutelar. Também não sei toda a história. Eu sei que o Juiz também tirou o P7 da mãe também. E daí me chamaram no fórum, cheguei lá eu encontrei o P7 ele tava sendo, tava bem pequenininho..*

*M: Ele tinha meses?*

*P7: Dois anos e quatro meses, ele tava com a avó dele.*

*M: A avó materna?*

*P7: Avó por parte de pai, na época. No fórum, uma senhora assim bem de idade, bem de idade e doente e daí entramos na audiência e juiz queria saber do J., como que tinha acontecido, quando estava comigo, essa coisas assim. E nisso entrou o P7 com a avozinha, uma senhora de idade*

*M: E ela estava esse tempo todo com a criança? Ficou esses dois anos e quatro meses com a criança?*

*P7: Isso, já tava a tempo. Até então eu não sabia que eles iam tirar da vózinha o P7. Não por nada, ela tinha amor e gostava e era muito carinhosa com o netinho. Mas, ela não tinha renda, não tinha mais saúde pra cuidar...E ainda mais que na época ele usava fraldas, né? Daí ele perguntou pra mim se eu aceitava ficar com ele.*

*M: Isso tudo em uma audiência?*

*P7 : É...*

*M: A senhora saiu de casa para registrar um, para ficar tudo certo com esse um...*

*P7: Embalei e saí com mais um...*

*M: E em casa como foi contar para todo mundo?*

*P7: Deu, deu como que é que se diz? Uma reviravolta... ”(P7, 54 anos de idade, mãe de P7).*

*P20: “[...] Meu...o que eu falei pra você, desde quando ela nasceu foi tão corrido que eu não percebi muita coisa*

*M: Uhum...*

*P20: Sabe, às vezes eu acho que ela cuidava mais de nós, porque também tem outro detalhe, a minha esposa sabia que não ia ficar muito tempo. Então ela não se apegava muito com a menina, assim ela deixava mais pra mim cuidar, pra P20 se apegar mais comigo. Coitada! Ela era meio doida também! Não sei o porquê.” (P20, 45 anos de idade, pai de P20).*

A partir dos trechos das entrevistas, infere-se que os “3.1.2 Vínculos fragilizados” também podem ser compreendidos nos relatos dos familiares. P7 mostrou-se surpresa ao indicar “não saber de toda a história”, pois há indícios que “caiu” (sic) no Conselho Tutelar – Órgão autônomo e responsável por cuidar dos direitos das crianças e dos adolescentes (Conselho Nacional de Justiça, 2016) –. Posteriormente, relatam a presença da avó paterna, idosa e com condições ínfimas de sobrevivência. Desse modo, a avó da criança aceitou assumir os cuidados dela e mencionou “embalei e saí com mais um...” (sic). O “embalar” aqui possibilita pelo menos duas interpretações: ninar, proteger, mas também embalar e levar algo – no caso uma criança – consigo. Ao abordar a chegada à casa, P7 demonstrou dificuldades em nomear a situação, mas assim o fez e disse: “uma reviravolta”, ou seja, uma transformação instantânea, sem as etapas de preparação para a chegada de uma criança .

No que tange a história de P20, ao longo da entrevista ele abordou sobre a cardiopatia da esposa que se agravou quando a filha nasceu. A companheira de P 20 se submeteu a duas cirurgias: uma no primeiro ano de vida da filha e a outra quando a criança tinha seis anos de idade. No entanto, após a última, ela teve complicações e veio a falecer – na época, a criança estava com oito anos –. Logo, as circunstâncias de ser tudo tão corrido, atrelados ao desaparego da esposa para com a menina, parecem esclarecer a “loucura” da companheira e justificar que a pequena cuidava dos pais, ao invés do contrário. Desse modo, observa-se uma inversão de papéis: crianças cuidando de adultos.

Os relatos apresentados fazem alusão a fatores de risco acumulados e sobrepostos, pois há a presença de separações precoces e vulnerabilidade social. Ademais, o cuidado de uma criança deveria –

idealmente – ficar sob a responsabilidade dos adultos, entretanto, as figuras parentais em questão, demonstram fragilidades narcísicas ao invertermem o direcionamento da lógica do cuidado (Figueiras & Halpern, 2004; Marcelli & Cohen, 2010; Mello, Féres-Carneiro & Magalhães, 2015; Sapienza & Pedromônico, 2005).

No que tange ao elemento “3.2.1 Silenciamento sobre a enchente” as crianças P4 e P16 sinalizaram em suas entrevistas:

*P4: “[...] Todo mundo na sala de aula faz lembrar todo mundo na sacada. Muita gente na sala, na classe de aula.*

*M: E o que as crianças comentam? O que as crianças falam?*

*P4: Falar? Elas não falam sobre a enchente, não lembro de ter falado com os meus amigos.*

*M: Eles falaram para você como foi?*

*P4: Não, não lembro.*

*M: E você tem o hábito de conversar com os seus colegas, de compartilhar coisas da sua vida com eles ou você fica na sua?*

*P4: Compartilho um monte de coisa.” (P4, 11 anos de idade).*

*P 16: “[...] Falei errado (risos), tinha bastante água.*

*M: E o que você desenhou? Desenhou uma casa...*

*P16: Era pra ser meio que a minha casa, esse risco é a laje, a porta e o murinho. Esse murinho a água tava quase encobrindo ele.*

*M: E esse murinho dava para ver o quê?*

*P 16: É que daquele murinho dava pra ver mais ou menos a altura da água.*

*M: E se nós déssemos um título para essa sua história, para esse seu desenho qual seria? Um título, um nome?*

*P 16: Não sei como dar um nome, mas não sei como explicar o título.*

*M: Então me explica, vamos lá!*

*P 16: Como se fosse o fato da minha vida em 2011 com a enchente.*

*M: Joia. O fato da sua vida com a enchente em 2011? Sim, está certo!*

*P 16: Mais ou menos assim...*

*M: Está joia!” (P 16, 11 anos de idade).*

Com o relato acima tem-se que P4 compartilhava várias informações com seus colegas. Contudo, falar sobre a enchente não era possível, pois na escola era momento para brincar, divertir-se na Educação Física ou ainda, deliberadamente, falar sobre outros assuntos. Já com a consigna “desenhe-me o que você recorda de 2011”, P16 demonstrou dificuldade em colocar em palavras o título da história. Mercuri e Angélique (2004), Mitsopoulou e Derivois (2014) reforçam sobre a importância de as crianças verbalizarem suas experiências; em contrapartida, é fundamental que haja alguém disposto a escutá-las.

Com relação ao elemento “3.2.1 Silenciamento sobre a enchente”, os cuidadores P16 e P20 o evidenciam por meio da fala a seguir:

*M: “[...] E ele comenta sobre a enchente? Você acha que ele lembra de alguma coisa sobre a enchente?*

*P16: Lembrar ele lembra, mas comentar em casa a gente não comenta. (P16, 48 anos de idade, mãe de P16).*

*M: “[...] Uhum, joia. E a P20 lembra de alguma coisa, o senhor acha que ela lembra-se de alguma coisa?*

*P20: Acho que ela lembra de várias coisas.*

*M: Referente à questão da enchente...*

*P20: Depende da questão da enchente, que questão eu acredito sim, mas eu não converso sobre isso com ela...*

*M: Aham*

*P20: A gente conversa um monte de coisa menos sobre o que aconteceu lá atrás.*

*M: Então, vocês conversam sobre as coisas do presente e do futuro?*

*P20: Do presente e do futuro e nada pra trás.*

*M: E as coisas do passado que se foi...*

*P20: Que foi...eu acho que já tem que ir, sabe? Eu acredito que ela vá me questionar, mas não agora! Mais pra frente, mas não muita coisa! Uhum..alguma coisa, lógico, é norma.l” (P20, 45 anos de idade, pai de P 20).*

Tendo em vista os discursos dos familiares, ficou notório que não havia espaço e formas de falar sobre a enchente. Ao longo da coleta a pesquisadora escutou reiteradamente das participantes que “as crianças não tinham ficado com sequela” (sic), “não ficaram com trauma”, “ele (a) não viram nada” (sic), “tudo normal” (sic). No transcorrer das entrevistas, percebia-se uma tentativa de no dia-a-dia não falarem sobre as águas passadas. Em geral, as pessoas evitavam nomear as situações tristes e evitam falar do passado; restava, então o silenciamento e direcionar o pensamento para o presente e futuro.

Para Kegler e Macedo (2016), Silveira e Barros (2018), tal silenciamento pode ser explicado pelo excesso que acometeu o psiquismo e o que estava em demasia, muitas vezes, não encontrou escoamento pela via da palavra. Costa, Pacheco e Perrone (2016) apresentaram apontamentos em consonância com o estudo em questão, ao discorrerem sobre a experiência de psicólogos de orientação psicanalítica, diante do incêndio em 2013, na Boate Kiss, em Santa Maria - Rio Grande do Sul. De acordo com os autores, não é o evento em si que é traumático, mas a forma como ele será vivenciado pelos sujeitos. Desse modo, reiterou-se a importância de espaços em que houvesse a escuta, os diálogos, uma postura ativa do terapeuta ao estar com os sujeitos para viabilizar, dentro do possível, a fala e o resgate das atividades cotidianas.

Nesse sentido, participantes nomearam o lado positivo de ter podido falar sobre as enchentes de 2008 – (in)evitável – e 2011. A grande maioria dos familiares respondeu que tinha sido “bom falar” (sic), alguns demonstraram satisfação em terem acolhido os vizinhos e outros se sentiram fortalecidos por terem passado por tudo o que ocorreu.

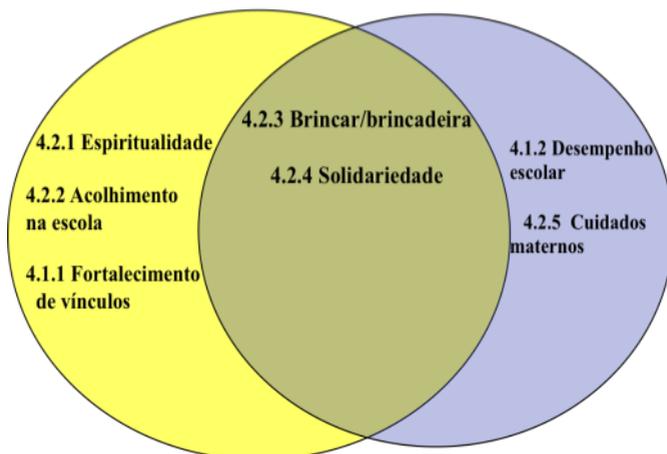
Na continuidade da tentativa de responder aos objetivos específicos, com a Figura 13 a seguir, têm-se a categoria “Fatores de risco” e os elementos de análise que permitiram identificar fatores de risco pré e pós a enchente:



**Figura 13.** Sistematização do objetivo específico com a categoria “Fatores de risco”, elaborado pela autora desta tese.

Tendo em vista o terceiro objetivo, a vulnerabilidade social, os vínculos familiares fragilizados e o silenciamento sobre a enchente foram os fatores de risco apontados pelos participantes. Destaca-se que esses residiam em áreas ladeadas pelo rio em decorrência de dificuldades sociais e econômicas, por isso, seria ingênuo pensar que se trata apenas de um desastre de ordem natural. Por sua vez, os vínculos familiares apresentaram-se de modo instáveis ou ainda o cuidado, a proteção e a continência não necessariamente eram exercidas por figuras parentais. Os participantes demonstraram dificuldades em falar sobre a enchente e, sendo assim, infere-se que não havia espaços e nem formas de colocar em palavras o que vivenciaram.

Por fim, aborda-se a categoria “fatores de proteção”, sendo que os elementos de análise apresentados pelas crianças e pelos familiares foram: “4.2.3 Brincar/brincadeiras” e “4.2.4 Solidariedade”.



**Figura 14.** Categoria 4 - Fatores de proteção

Por meio do elemento “4.2.3 Brincar/brincadeiras” as crianças P6 e P8 esclareceram:

*M: Pegou água nos brinquedos?*

*P6: Não, é que alguns brinquedos ficaram lá embaixo que não subiu, e a água levou porque ficou boiando e daí foi embora.*

*M: Tinha algum daqueles que você mais gostava? Aquele que você sentiu falta?*

*P6: Os que eu mais gostava eu tirei e trouxe aqui pra cima.” (P6, 11 anos de idade).*

*M: “[...] E nos outros dias que só chovia o que vocês faziam?*

*P8: Nós ficamos dentro do caminhão de dia e daí brincávamos de esconder as coisas e daí eles tinham que achar.*

*M: Isso. Seus pais também brincaram ou as só as crianças?*

*P8: Eles ficavam conversando, tomando mate!*

*M: E qual que seria o título dessa sua história?*

*P8: Brincadeira” (P 8, 11 anos de idade).*

Para Cordero et al. (2013), Franks, (2011), Poletto e Koller, (2008), Sapienza e Pedromônico, (2005), Vijayakumar, Kannan e Daniel (2016) os fatores de proteção são caracterizados por recursos do indivíduo para se proteger de situações de risco. Desse modo, os relatos de P6 e P8 retomam a enchente, mas também fazem jus à infância, seja pelo fato de poder resgatar o brinquedo que mais gosta, seja por poder brincar com os irmãos. De acordo com Becker (2007), brincar durante e no pós-enchente pode ser compreendido enquanto um indicativo de saúde.

Para Freud (1920 [2010], p. 200) no jogo infantil “[...] a criança repete a vivência desprazerosa porque sua atividade lhe permite lidar com a forte impressão de maneira mais completa do que se apenas sofresse passivamente. Cada nova repetição parece melhorar o controle que ela busca ter sobre a impressão [...]”. Infere-se que brincar durante o período da enchente, sobretudo de “esconder as coisas” (sic), ilustra o supracitado. Ou seja, por meio da brincadeira e no mundo da fantasia tem-se a possibilidade de esconder os aspectos ligados às enchentes, de mantê-los sob controle.

Os adultos por sua vez, retrataram pelo excerto de P4 e P9 o elemento “4.2.3 Brincar/brincadeiras”.

*P4: “[...] Jogo da velha, forca e daí já pegava algum brinquedo que eles tinham lá e já brincavam...” (P4, 40 anos de idade, mãe de P 4).*

*P9: “[...] Ela brincava com as irmãs e também tinha a filha da vizinha lá. Não tinha muito o quê... sentava, deitava” ( P9, 31 anos de idade, mãe de P 9).*

Os familiares relembram os brinquedos utilizados pelas crianças, as companhias que os filhos possuíam. Nessa situação destacam-se a importância dos laços fraternos e os de amizades em situações com potencial traumático. Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) apontaram que as relações com os irmãos possibilitam a experiência de pertencimento, identificação e rede de apoio, complementados pelos vínculos de amizade. Logo, as crianças da presente pesquisa encontravam-se na fase da latência, ou seja, período marcado por um distanciamento progressivo dos familiares e uma intensificação junto aos laços de amizade aclarado por P4 e P9 (Ferreira e Araújo, 2013).

Por meio das falas que ilustram o elemento de análise “4.2.4 Solidariedade” destacam-se as de P16 e P17:

*M: “[...] Bem, pelo que eu sei o seu vizinho foi lá ficar com vocês?*

*P16: Não, o vizinho estava ficando lá por causa da casa dele, né?*

*M: E o que aconteceu com a casa dele?*

*P16: É que a casa dele era bem no solo e a água entrava dentro, não ficava só fora. Daí a mãe deixou ele ficar lá por um tempo até baixar a água.” (P16, 11 anos de idade).*

*P17: “[...] (breve silêncio) Hm... A gente... Daí o filho do meu padrasto, ele tava começando a dar... a ficar com medo. Daí a gente ficava para... calma B. daqui a pouco já vai passar. Daí a gente ficava falando com ele.*

*M: Uhum.*

*P17: Ele começava chorar. Daí a gente tinha que ir lá e falar ‘calma B. daqui a pouco já passa’.*

*M: Uhum. Então vocês estavam dando força para o B. E o B tem quantos anos hoje?*

*P 17: Agora, ainda tem nove.*

*M: Ah! Então na época o B. era o menorzinho de todos?*

*P17: É.*

*M: E ele chorava? E aí vocês ajudavam davam força para o B.*

*P17: Uhum.M: E de onde vinha a força de vocês para falar, para acalmar o B.? Para deixá-lo tranquilo?*

*P17: Não sei. É porque a gente não estava mais com medo, só ele.” (P17, 11 anos de idade).*

Nos casos elucidados têm-se situações em que a mãe da criança foi solidária ao deixar o vizinho e seus pertences na casa dela ou ao acolher o filho do padrasto, que estava com medo.

Por meio do elemento “4.2.4 Solidariedade” P7 abordou:

*M: “[...] Agora só vou perguntar sobre a enchente de 2011. O que vocês perderam na enchente de 201, que foi a última, que foi a mais recente?*

*P7: O que nós perdemos? Eu deixei ... não tudo. Eu deixei um pouco de roupa ali naquele meu vizinho da frente ali e deixamos umas duas televisões, não podia deixar muita coisa ali também. Ele tem inquilino embaixo! Eu deixei a minha sala ali. Daí ele levou. [...]” (P7, 54 anos de idade e mãe de P7).*

*P10:[...] a gente conseguiu um container e saímos e ficamos na casa da minha mãe. [...]*

*M: E colocaram todas as coisas dentro do container?*

*P10: Os pertences mais importantes, geladeira, televisão, microondas... até porque a gente ajudou a socorrer uma vizinha que não tinha. E, daí, fomos uns para a casa da minha mãe e eu com o meu esposo na época, as minhas cinco crianças mais cinco do meu irmão, dois, três irmãos, duas cunhadas e mais outra sobrinha e a minha mãe.*

*M: Ficou bastante gente! E como vocês se organizavam lá?*

*P10: Nós de noite dormíamos no container. (P10, 39 anos de idade, mãe de P10)*

Na situação supracitada, os vizinhos ajudaram-se mutuamente. Coerente ao apresentado se encontra o estudo de Gomes (2011), que por meio de uma pesquisa etnográfica, realizada em 2008 com os moradores

da cidade de Itajaí, observou uma rede de solidariedade entre eles, sendo que ao invés de buscarem os abrigos, tendiam a se proteger nas residências uns dos outros.

Consoante, Silva (2014) ao estudar o trauma e a solidariedade abordou que a ajuda ao outro – entendida como solidariedade – necessariamente passa por ajudar a si mesmo. Em linhas gerais, tanto as pessoas que recebem os auxílios quanto àqueles que os disponibilizam tentam elaborar psiquicamente a situação da enchente como aludido por P10 e P17. Oliveira (2014) aponta que a solidariedade entre vizinhos e moradores do entorno foram incansáveis na busca de pessoas e animais desaparecidos no desastre na Região Serrana do Rio de Janeiro. Sendo assim, Silveira e Barros (2018, p.06) complementam que “[...] a solidariedade entre as pessoas faz emergir que a reconstrução não inicia na solidão e que a vida aponta para o laço [...]”.

A seguir serão descritos os elementos de análise compatíveis ao círculo da esquerda, que diz respeito aos conteúdos oriundos das falas das crianças. Desse modo, serão abordados, respectivamente, os elementos: “4.1.1 Fortalecimento de vínculos”, “4.2.1 Espiritualidade” e “4.2.2 Acolhimento na escola”.

Com o elemento de análise “4.1.1 Fortalecimento de vínculos”, as crianças P9 e P10 mencionaram:

*M: Olhando para esse desenho, quem ajudou você a passar pelo momento da enchente?*

*P9: Minha mãe.*

*M: E o que será que sua mãe fez que deu forças para você encarar o momento da enchente?*

*P9: Conversou com a gente, contou história...deixou a gente mexer no celular, deu carinho pra gente, pois era o que a gente mais precisava naquela hora.*

*M: E como é o carinho que a mãe fez?*

*P9: Um beijo, um abraço...*

*M: E como você se sentiu?*

*P9: Eu me senti feliz!*

*M: E como seria o nome dessa história?*

*P9: Mãe...*

*M: Você percebeu alguma mudança na sua relação com a sua mãe logo depois da enchente ou durante a enchente?*

*P10: Ficamos mais perto uma da outra.*

*M: Mais próximas durante ou após?*

*P10: Depois.*

*M: O que você acha que aconteceu que ela deu uma “grudada” em vocês?*

*P10: Não sei, nós mal nos falávamos e eu gostava de ficar mais no meu canto e daí começamos a nos falar...*

Com base nos relatos acima, é possível identificar fatores de proteção, os quais são representados pelo fortalecimento de vínculos e foram (re)ativados no despertar de uma situação difícil, quando foi possível contar com alguns familiares. Em consonância a essas informações encontra-se Romano (2013) que discorreu sobre a qualidade dos vínculos anteriores ao evento e após esse, sendo ambos fundamentais para mediar situações difíceis.

Com o elemento “4.2.1 Espiritualidade” têm-se os relatos de P4 e P21:

*M: “[...] E sobre que coisas você ficava pensando?*

*P4: Eu pensava na enchente, como que tava a água e rezava para que no outro dia estivesse menor, tivesse menos água.” (P4, 11 anos de idade).*

*M: “[...] E como era a rotina desde a hora que vocês acordavam até a hora que vocês iam dormir? O que vocês faziam? Como era?*

*P21: Bom, eu orava.*

*M: Você orava já de manhã cedo? À tarde? À noite? Como é que era?*

*P21: Bom, era sempre quando eu vou dormir ou quando eu saio de casa ou quando vou dormir ou quando acordo eu oro. Mas, daí, quando eu vou sair eu também oro.*

*M: E no período da enchente em que você não saía de casa, qual era o momento que você orava?*

*P21: De noite, de manhã e à tarde.” (P21, 11 anos de idade).*

As crianças demonstraram, em seus recortes de falas, o quanto a espiritualidade os acompanhou e os fortaleceu durante as cheias. Logo, rezar para que água baixasse e orar com frequência – mesmo não tendo

sido atingido diretamente –, possibilitou que as crianças se reconfortassem e acreditassem em dias em que a enchente tivesse cessado. Em concordância ao presente estudo têm-se Vijayakumar et al (2006), os quais descreveram que as formas de enfrentar o Tsunami na Ásia transcorreram pelo diálogo, meditação e oração. Os aspectos ligados à espiritualidade são fundamentais e Cénat, Derivois, Hébert, Clorméus (2015) e Cohen (2002) relembram a importância de conhecer a cultura local em situações emergenciais. Além disso, apontam para a importância de solicitar ajuda aos representantes espirituais para lidarem com os casos de mortes com ou sem o corpo e no cuidado dos ritos fúnebres. Assim sendo, reitera-se a importância da espiritualidade para mediar situações difíceis.

Com relação ao elemento de análise “4.2.2 Acolhimento na escola” P13 e P19 esclareceram como se deu o mesmo:

*M: “[...] Joia. E a professora chegou a perguntar alguma coisa para vocês, logo depois que passou a enchente? Como vocês estavam ou ninguém perguntou nada? Como foi?*

*P13: Perguntaram pra gente se alguém ficou muito cheio de água, aí falaram. [...] E tem pessoa que mora perto do rio, que... [...] Ai ela... falaram. Perguntaram, a professora também perguntou se alguém perdeu alguma coisa. [...] Aí falaram que algumas pessoas perderam o... sofá, geladeira...*

*[...]*

*M: E como é que foi chegar ali depois do período da enchente? Como foi entrar na escola? Como é que ela estava?*

*P13: Tava limpo. Porque a zeladora que limpam, limpam tudo antes de chegarmos.*

*M: Já tinha. Ah, já estava tudo limpinho, tudo sequinho. Uhum. A sala estava igualzinha como você a tinha deixado?*

*P13: Uhum.*

*M: Uhum.*

*P13: Só que arrastaram as carteiras porque teve gente que ficou lá na escola. [...]” (P13, 12 anos de idade).*

*M: “[...] Uhum. Então me deixe ver se eu entendi. A tua professora fez um trabalho sobre a enchente, um trabalho de conscientização dos alunos e vocês conversaram entre vocês sobre quem teve a casa atingida também? Como foi?*

*P19: Sim.*

*M: Sobre o que as crianças conversavam?*

*P19: (risos). Não. Logo depois acho que... Da enchente. Ali né... A escola o foco era a enchente, quem que tinha acontecido a enchente.*

*M: Uhum.*

*P19: Ali né. Todo, todo mundo perguntava. ‘Ah e a enchente? Pego água na tua casa? Não pego?’ Assim, sabe?Aí aquela menina... tem aquela menina que nunca pegou na água na enchente, daí ela: ‘tu é sortuda’ (risos)”.*

Com a fala de P13 constatou-se que escola se preparou para acolher os alunos, ao organizá-la para retornar as aulas e dar prosseguimento ao curso do ano letivo; elementos norteadores da retomada do curso normal da vida, interrompido pela enchente. Nos relatos de P19, observou-se a preocupação da professora em aproveitar o momento em que as lembranças ainda eram recentes, em acolher os alunos ao ouvi-los e propiciar um momento de conscientização as crianças. Com base em Conte (2014), a professora buscou possibilitar uma elaboração da experiência, por meio de uma memória reparadora.

Garfin et al (2014), Heath, Nickerson, Annandale, Kemple, Dean (2009), Romano, Marichez e Baubet (2012) enfatizaram a importância de se pensar em planos de prevenção nas escolas e posteriormente na comunidade em geral, que sejam culturalmente sensíveis. Ribeiro, Viera e Tômio (2017), apontam para a importância da interface entre Defesa Civil e escolas públicas e particulares da cidade Blumenau<sup>10</sup> – Santa Catarina. Um exemplo dessa interação encontra-se no artigo dos autores supracitados, pois realizam intervenções junto aos discentes do Ensino Fundamental, temas condizentes com a educação ambiental e com as

---

<sup>10</sup> A cidade de Blumenau fica aproximadamente a 60 km de distância da cidade de Itajaí – local em que ocorreu a presente pesquisa –. A cidade de Blumenau localiza-se na bacia hidrográfica do Rio Itajaí e possui histórico recorrente de “desastres naturais” (Comitê do Itajaí, 2010).

medidas de prevenção em situações de “desastres naturais”. As crianças tendem a ser multiplicadores do que aprendem e vivenciam no âmbito escolar, sobretudo, junto aos seus familiares e podem, inclusive, tornar facilitadoras desse processo. Por conseguinte, a escola torna-se um local estratégico para realizarem intervenções de prevenção e de intervenções pós-desastre. Logo, mesmo que não devidamente sistematizado, a professora em questão o fez como pode.

No círculo da direita, em azul, estão os elementos de análise oriundos das entrevistas com os familiares. São eles: “4.1.2 Desempenho escolar” e “4.2.5 Cuidados maternos”. Com o primeiro elemento tem-se:

*M: “[...] E se nós pensássemos assim no futuro de P4. Que coisas você sonharia para ele?*

*P4: Ele é um menino muito bom, muito inteligente, não porque é meu filho, mas ele é muito inteligente e na escola eu só ouço elogios*

*P4: Ele sempre foi bem na escola?*

*P4: Eu sempre converso que primeiro são os estudos, ele chega em casa toma o café, toma banho e a primeira coisa que vai fazer são as atividades e depois o computador. Primeiro os estudos para depois o lazer [...]” (P4, 40 anos de idade, mãe de P4).*

*P11: [...] Ela responde tudo que o professor pergunta, daí as crianças acham que ela é CDF e não gostam disso.*

*M: Ahh, então ela se destaca também na turma com a aprendizagem...*

*P11: E ela não tem vergonha de falar. Mesmo certo ou errado ela dá a opinião dela, aí isso também incomoda os outros [...]*

*M:[...] É uma criança que tem facilidade de aprendizagem ou tem alguma dificuldade?*

*P11: Ela é inteligente, né. Olha, a única dificuldade dela é Educação Física, que ela não gosta de fazer exercício físico, mas no resto...ela pega férias por conta própria e... ela é inteligente!*

Com as falas de P4 e P11 observou-se indícios de que as crianças vão bem na escola, que são consideradas inteligentes por seus familiares

e por terceiros. Bassols et al (2013) reafirmam que o desempenho escolar pode ser tido como um indicador de proteção ao desenvolvimento infantil.

Com o elemento de análise “4.1.2 Cuidados maternos”, P10 e P21 evidenciaram em suas falas:

*M: “[...] E quando ele ficava assim mais agitado, o que você fazia para acalmá-lo?*

*P 10: Olha, eu nem sei te explicar...ne? Só na hora mesmo pra gente. Ele disse: ‘Mãe, será que se enchente vier, nós vamos morrer?’ Que daí as pessoas falam outras coisas, que nem agora quando começou a encher de novo e daí já falavam um monte de novo... E aí eles ficam com medo porque são tudo crianças, né? Eu conversava, ‘meu filho a água não vai vir aqui em casa, e agora a gente mora aqui no alto e não vai acontecer nada!’(P10, 39 anos de idade, mãe de P 10).*

*M: “[...] Você comentou comigo que ele ficou com medo e então o que você fazia quando ele chegava com medo em você? Quando ele vinha com certas preocupações?*

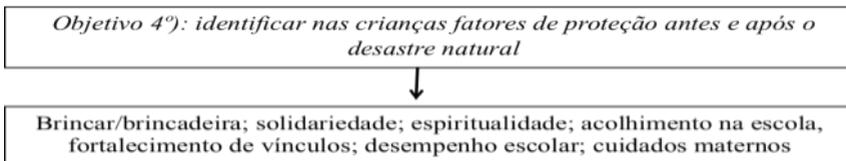
*P21: Eu tento passar segurança, a gente senta e conversa. Eu digo pra não se preocupar que Deus tá protegendo a gente, não vai acontecer nada, né? Pode ficar sossegado que está tudo sobre controle, nós moramos em lugar alto e aqui não vai dar enchente...Ai ele sempre confia, né. [...]” (P21, 43 anos de idade, mãe de P 21).*

A partir das falas expostas observou-se uma preocupação por parte das crianças sobre o que ia acontecer. Infere-se, portanto, que as mães, também seres humanos, frente aos questionamentos das crianças se investiram e tentaram, por meio do diálogo, mediar à situação. Há uma tentativa de transmitir segurança ao mostrar a concretude dos fatos – “a gente mora aqui no alto” (sic) – ou ainda por meio da fé – “Deus tá protegendo a gente” (sic) –. Vinculadas a essas falas têm-se os desenhos-estórias com tema (tabela X), em que as crianças mencionaram os elementos de análise: “Palavras de conforto” e

“Alimentação”, ou seja, supõe-se que por tais vias os cuidados maternos também se fizeram presentes.

Ao longo da coleta, a pesquisadora ao ouvir uma mãe que repetidamente mencionava o quanto tinha feito para transmitir segurança às filhas, questionou-a de onde vinha tal segurança. Eis a resposta de P14: “A gente que, que, já vem de uma terra tão sofrida assim, a gente já é mais forte, né” (sic). A terra sofrida que ela menciona é Pernambuco, deixado há dez anos. E reitera: “eu falo que elas – as filhas – têm que se forte igual eu, encarar as coisas assim, não desistir” (sic). Nessas falas fica implícito que passar por situações difíceis pode habilitar a pessoa a lidar com outros momentos instáveis. Proctor (2007), Xinhua Li et al (2010) ponderam que a forma como os familiares lidam com o evento estressor tende a influenciar a maneira como as crianças os percebem. Por conseguinte, a forma como P14 e as demais mães lidaram estão coerentes ao exposto pelos autores anteriormente abordados.

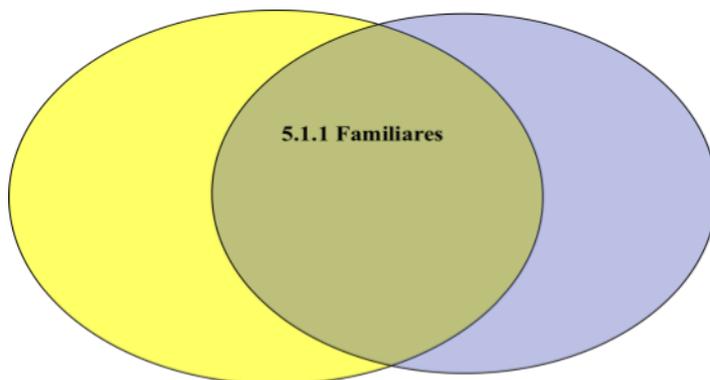
Com a intenção de retomar os objetivos específicos e seus achados referentes à categoria “Fatores de proteção”, a seguir se tem a Figura 16. Posteriormente, encontra-se a Figura 15 com intuito de retomar os demais objetivos da presente tese.



**Figura 15.** Sistematização do objetivo específico com a categoria “Fatores de proteção”, elaborado pela autora desta tese.

Por meio do quarto objetivo destacou-se como fator de proteção comum, na percepção das crianças e dos familiares, o “Brincar/brincadeira e a Solidariedade”. Com o brincar, as crianças tiveram a possibilidade de garantir o espaço singular da infância ao transformarem a realidade agindo sobre ela. Com o elemento de análise “Solidariedade”, depreende-se que ao ajudar e ao recebê-la as pessoas elas elaboraram o que vivenciaram e fortaleceram os laços entre a comunidade. A escola, por meio do acolhimento e como espaço de desempenho, o fortalecimentos dos vínculos já existentes, acompanhados da espiritualidade tendem a ser condições que permitem o enfrentamento de situações difíceis e a proteção do mundo psíquico.

Por fim, com intuito de elucidar a categoria sobre as redes de apoio, tem-se o elemento de análise “5.1.1 familiares” que, como demonstrado na Figura 16, foi o elemento apontado tanto pelos cuidadores quanto pelas crianças:



**Figura 16.** Categoria 5 - Redes de apoio

Por meio do elemento “5.1.1 familiares” P3 e P7 mencionaram respectivamente:

*P3: “Quando acabou a enchente, quando tava dando enchente várias pessoas ajudaram com o que tinham. O meu pai me ajudou com que ele tinha, a minha vó ajudou bastante coisa, a minha mãe, a minha tia. Eu fiquei muito feliz porque várias coisas, várias pessoas contribuíram com o que tinham!” (P3, 11 anos de idade).*

*M: Quem te deu forças durante o período da enchente?*

*P11: Meu pai e minha mãe*

*M: E de que maneira deram força?*

*P11: Me tiraram de casa e me levaram para a minha avó [...]*”

Com as falas das crianças percebe-se o papel preponderante dos familiares enquanto fonte de apoio durante e após o período das cheias.

De acordo Xinhua Li et al (2010), a forma como os pais lidam com o evento tende a influenciar como as crianças o experienciam. Neste ínterim, Kar (2009) enfatiza a importância de os familiares tentarem estabelecer uma rotina, haja vista que essa possibilita que os envolvidos, de forma gradual, se adaptem a nova condição de vida.

Atrelados ao elemento de análise “5.1.1 Familiares”, tem-se o relato P3:

*“[...] P3: A minha casa não nessa época, graças a Deus. Aí veio muita gente. Porque agora quando chove, tudo mundo liga de Balneário. “Como que esta aí? Tá chovendo muito?”*

*M: O pessoal já tem a rede articulada.*

*P3: É. [...] Chove dois dias aqui e já começa a ligação. “Como que está? Como que esta aí? Tem água perto?” é assim. O tempo inteiro “[...] (P10, 39 anos de idade, mãe de P 10).*

Por meio da fala de P3 evidencia-se o cuidado dos familiares ao telefonarem com frequência, se mostrando disponíveis para dar suporte caso as chuvas se intensificassem. Sendo assim, evidenciou-se que em situações de “desastres naturais”, mesmo que temporariamente, há mudanças na dinâmica das cidades, como o ilustrado pela urgência dos familiares que residem em Balneário –16 km de distância da cidade de Itajaí – e o desejo de cuidar e ter notícias dos demais familiares (Cohen, 2002). Além disso, ao longo da coleta, a pesquisadora constatou a presença, em 2008, de uma rede de apoio estendida. Havia, naquele momento, um grupo importante de pessoas envolvidas, dentre as quais: o Exército, a Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros e muitos voluntários. No entanto, em 2011, a partir da maioria dos relatos, a rede de apoio mostrou-se restrita aos cuidados dos familiares. Contudo, a pesquisadora também evidenciou que a Defesa Civil desenvolveu suas ações junto a população. Entretanto, em 2011, alguns familiares não ficaram satisfeitos com o papel desempenhado pelos órgãos competentes e mencionaram: “simplesmente largaram nós a mercê” (P 22). A partir dessa fala, infere-se que P 22 não esteja apenas fazendo alusão ao evento de 2011, mas ao contexto sucessivo de “desastres naturais” que invadiram a cidade de Itajaí e, o quanto os familiares em situação de vulnerabilidade foram duramente atingidos.

Em 2008, vários abrigos foram abertos e as doações aos atingidos vieram de muitas partes do Brasil, a Defesa Civil entregou kits de

limpeza aos familiares e os voluntários fizeram sopas, doaram pão, água e leite a quem precisasse. Destaca-se, assim, que em 2008 e 2011 as enchentes tiveram repercussões distintas, desde o número de atingidos até as modalidades de apoio.

A fim de descrever os recursos utilizados pelas crianças – muitos deles proporcionados pelos familiares – para enfrentar a situação de desastre, a seguir, serão apresentados trechos oriundos do desenho estória com tema. Sendo assim, tem-se o excerto de P12 e P13:

*“M: Conte-me que ou quem te ajudou durante a enchente?”*

*P12: A minha irmã. Quando olhava a janela, ela ficava me dizendo que logo ia abaixar a água. Que ia abaixar.*

*M: Quantos anos tem a sua irmã hoje?”*

*P12: Hoje ela tem 16.*

*M: Um...*

*P12: Ela vai fazer 17.*

*M: Então, ela ficava te dizendo.....?”*

*P12: Cada vez que ela via, me chamava para brincar e que já ia abaixar a água. Que daqui a pouco a gente ia pra casa.*

*M: E essa casa é de quem?”*

*P12: Essa casa é da minha tia, tem esses tijolos grandão, não pegava água. Então, era uma escadinha [...]” (P12, ).*

*“M: Quem deu força no período da enchente?”*

*P13: Meus pais*

*M: E o que eles fizeram para te dar forças?”*

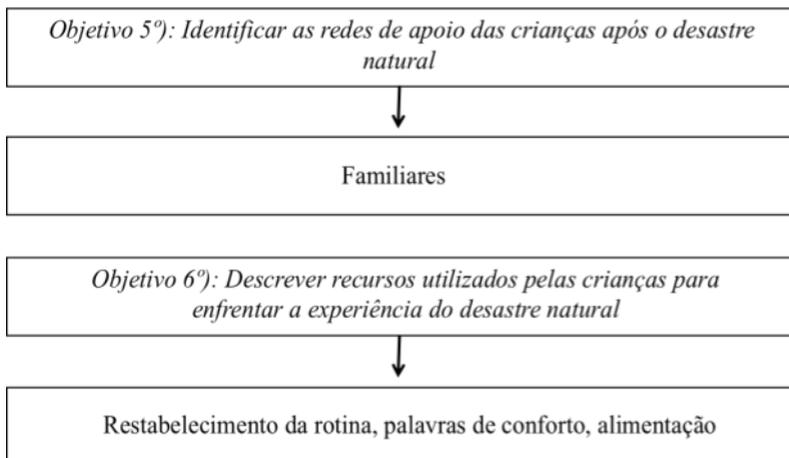
*P13: Eles ficaram o tempo todo do meu lado.*

*M: Uhum. E o que mais você lembra?”*

*P13: Me ajudaram a sir daquilo, do meu daquela água...[...]” (P12, ).*

Observa-se que as crianças sentiram-se seguras pela via da palavra e da presença constante dos familiares. Sendo assim Romano, Marichez e Baubet (2012) reiteram que o trabalho com crianças traumatizadas deve ser conduzido a partir de uma escuta não imposta, através do apoio e orientações aos familiares sobre o pós-desastre. Portanto, infere-se que no contato com a criança, alguns familiares tornaram-se fonte de apoio e alívio diante da situação de desastre. Na

seqüência, os dois últimos objetivos foram sistematizados por meio da Figura 17:



**Figura 17.** Sistematização dos objetivos relacionados a rede de apoio: laborado pela autora desta tese.

Os objetivos quinto e sexto podem ser compreendidos de maneira integrada, pois as formas de enfrentamento utilizadas pelas crianças transcorreram pelo estabelecimento da rotina, por palavras de conforto e via alimentação. Tais recursos foram possíveis pela presença de pessoas significativas, como as mães, os pais, avós, tias e as irmãs. Infere-se que as expressões gráficas acompanharam tais objetivos ao também retomarem o curso normal – ou ao menos previsto – da infância, quando as crianças retratam seu mundo interno com desenhos de sorrisos, bolas, pipas e casinhas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que a ideia inicial desta pesquisa surgiu em 2013, momento em que a pesquisadora finalizava a dissertação de mestrado. Naquele período, o estudo tinha como intuito verificar a presença ou ausência de TEPT em crianças que passaram por situações de violência. Na pesquisa de mestrado utilizou-se uma entrevista clínica a qual, entre outros elementos, indagava as crianças sobre situações por elas consideradas traumáticas. E os desastres naturais surgiram como situações dominantes no discurso das crianças. A partir das falas delas, bem como de suas expressões faciais, que em geral remetiam ao medo, foi despertado o desejo de dar prosseguimento à carreira acadêmica, com o tema: TEPT, infância e desastres naturais. Somados a esses intentos, em 2008, na cidade de Itajaí, a pesquisadora, que se encontrava no quarto período de Psicologia, foi voluntária junto às pessoas atingidas pelas cheias e, não por acaso, ficou responsável pela parte da recreação junto às crianças.

Após a qualificação do projeto de tese, com o transcorrer dos anos do doutorado e atrelados ao interesse em estudar psicanálise e infância, buscou-se por meio dessa pesquisa compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural. Portanto, para responder ao supracitado objetivo foi necessário se pensar em objetivos específicos que pudessem dar subsídios e permitissem chegar ao objetivo geral. Para tanto, buscou-se: 1º) caracterizar a enchente ocorrida em 2011; 2º) identificar em crianças sintomas decorrentes do desastre natural; 3º) identificar fatores de risco pré e pós o desastre natural; 4º) identificar fatores de proteção antes e após o desastre; 5º) identificar as redes de apoio delas após o desastre e, finalmente, 6º) descrever os recursos utilizados pelas crianças para enfrentar tal experiência.

Destaca-se que o interesse sempre foi o de escutar as crianças, os quais foram corroborados pela escassez de publicações nacionais sobre o presente tema. Por isso, utilizou-se de estratégias metodológicas que possibilitassem acessá-las de diferentes formas, seja pela via da palavra, seja através da produção gráfica. Tendo em vista que os familiares são – em geral – fundamentais na vida das crianças, sobretudo em momentos difíceis, o interesse também se estendeu ao que eles tinham a dizer a respeito da relação entre as crianças e a enchente.

De maneira geral, a enchente de 2011 ficou caracterizada por certo conhecimento prévio, devido à experiência de 2008; as orientações

realizadas à comunidade sobre a enchente de 2011 também contribuíram aos registros simbólicos. O evento de 2008 ficou marcado como algo inesperado e a comunidade tendeu a recorrer a explicações espirituais – como o Divino – para entender o porquê da sua chegada. Destacou-se a importância do restabelecimento da rotina durante e após o desastre. Além disso, durante o período da enchente em 2011, a população ficou envolta a um período de espera, isto é, eles ficaram aguardando as águas baixarem para finalmente poderem retornar o curso de suas vidas. As perdas materiais ocorreram, mas em menor proporção do que em 2008. Foi assim que a enchente de 2011 ficou registrada, em termos descritivos, para as crianças.

Por meio do segundo objetivo, buscou-se entender se as enchentes haviam deixado marcas, em forma de sintomas, de sentimentos. O medo, a alegria, a ansiedade, hipervigilância, os pesadelos e o esquecimento se mostraram presentes. O medo está relacionado ao desconhecimento frente às águas; o segundo, ao prazer e a um retorno “a vida normal”. A ansiedade, a hipervigilância e os pesadelos estiveram diretamente ligados ao estado de alerta nos momentos que antecederam, ao longo e após a enchente; anunciando, talvez, a organização de um quadro traumático. Por fim, o esquecimento remete ao traumático ao impossibilitar que registros mnêmicos, apesar de inscritos, pudessem ser nomeados.

Com o terceiro objetivo, destacaram-se fatores de risco representados pela vulnerabilidade social, pelos vínculos familiares fragilizados e pelo silenciamento sobre a enchente. Tais elementos expuseram as crianças e seus respectivos familiares em situações de difícil elaboração e reparação do evento ocorrido em 2011. Pelas falas dos familiares – a negação –, como mecanismo de defesa, fez-se presente ao afirmarem com veemência que as crianças não haviam sofrido nada. Percebe-se aqui o sentimento de impotência dos cuidadores – confrontados igualmente ao sofrimento traumático –, o qual pode ter dificultado o processo de elaboração e reparação por parte das crianças.

Com o quarto objetivo se evidenciaram fatores de proteção como o brincar e a solidariedade. Depreende-se que as crianças puderam, apesar do evento, estar em consonância com a o período do desenvolvimento em que se encontravam: o brincar surge como fator protetivo e de reparação. O fortalecimento dos vínculos já existentes, os cuidados maternos, a espiritualidade e a retomada do contato com a escola também apareceram como estratégias de enfrentamento e protetivos. Já por meio da solidariedade os membros da comunidade

ajudaram a si mesmos e ao entorno, o que foi nomeado com satisfação pelas crianças.

E, enfim, os dois últimos objetivos apontaram para aqueles que diretamente serviam de apoio às crianças. Apontavam, igualmente, às ações e ao como esse apoio era efetivamente estabelecido. Assim, as crianças puderam contar com os familiares – as mães, os pais, as avós, as tias e as irmãs –, em sua maioria figuras femininas. Elas possibilitaram o (re) estabelecimento da rotina, por meio de palavras de conforto e pela alimentação.

Fazer pesquisa no contexto brasileiro atual, trabalhar com populações vulneráveis, tentar ter acesso aos participantes são desafios que trouxeram, para a pesquisadora, momentos de desencorajamento. O contato com as crianças foi dificultado por entraves já expostos no método. As diferentes saídas utilizadas foram mediadas pelas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), facilitadas pela técnica snowball e, posteriormente, com o auxílio da coordenadora de uma instituição direcionada a projetos sociais com crianças e adolescentes.

Durante a coleta de dados, percebeu-se que a aplicação de cinco desenhos e posterior entrevista junto às crianças, tornava-se um tanto cansativo para os envolvidos – pesquisadora e crianças –; no entanto, de modo geral, isso não foi um dificultador. Com o transcorrer da coleta houve momentos de prazer e outros tantos de dor. Foi extremamente prazeroso andar pelos bairros, conhecer os participantes e ouvi-los. Contudo, houve momentos em que a escuta do relato dos familiares e das crianças foram mobilizadores, pois a pesquisadora sentiu-se depositária dos conteúdos cuja intensidade provocou tristeza e indignação. Essa sensação reforça a responsabilidade inerente ao papel do pesquisador, o qual se torna um mediador dos sujeitos representados em sua pesquisa e as das mais diversas instâncias da sociedade.

Areladas a esses sentimentos, entende-se que é imprescindível pensar em futuras pesquisas e estratégias com o intuito de evitar a repetição de tais situações: as enchentes e a forma como as pessoas são atingidas por elas. Que as novas gerações não sejam acometidas com a mesma intensidade e, no caso das crianças atingidas, que elas possam expressar tais vivências e para, talvez, protegerem-se.

Como o tema desastre natural perpassa diferentes disciplinas – Geografia, Sociologia, Antropologia, Serviço Social e Psicologia – entende-se a importância de fomentar encontros regionais e nacionais. Nesses, os pesquisadores das áreas citadas, poderiam empreender agendas de pesquisas por meio de linhas de investigação e projetos transversais com participação da comunidade. Não se trata de um

processo simples, pois requer construção coletiva, acordos, engajamento do poder público, financiamentos e renúncias.

Há uma carência de projetos na cidade de Itajaí com enfoque na prevenção das enchentes junto às crianças, embora haja materiais elaborados pela Defesa Civil<sup>11</sup>. Nesse caso, o tema educação ambiental poderia ser trabalhado nos Centro de Educação Infantil e nas Escolas da rede de maneira contínua e articulada. A Defesa Civil e os profissionais da Atenção Básica, por meio do Programa Saúde do Escolar<sup>12</sup>, poderiam trabalhar a temática das enchentes, das águas e suas vicissitudes. Além disso, tais intervenções deveriam ser direcionadas para toda a comunidade, tornando-a também protagonista dos cuidados com o seu bairro. Sabe-se que intervenções rápidas potencializam o cuidado e minimizam os efeitos do desastre no psiquismo dos envolvidos; elas tendem a prevenir tanto o aparecimento de um quadro traumático quanto à reativação de situações anteriores.

Com relação ao Plano Municipal de Contingência, apesar de não se ter localizado o documento no site da Defesa Civil de Itajaí, os dados que deveriam conter no plano estavam disponíveis na página online. Contudo, é importante reiterar, reforçar e lembrar que tais informações são vitais ao se estruturar uma rede de apoio, uma logística e atendimentos aos moradores de maneira integrada. Mais do que isso, sugere-se que o plano contenha apontamentos que contemplem orientações sobre saúde mental. Afinal, elas as crianças precisam ser olhadas e escutadas. Ser criança parece preservar o brincar, mas não as imuniza dos medos, dos pesadelos e dos registros deixados pela força das águas.

---

<sup>11</sup>Cartilha: Enchentes a importância da prevenção. Recuperado em <file:///C:/Users/User/Downloads/Enchentes%20%20A%20import%C3%A2ncia%20da%20Preven%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

<sup>12</sup>Programa Saúde do Escolar: Política intersetorial da Saúde e da Educação, foi instituído em 2007. As políticas de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira se unem para promover saúde e educação integral. Informações retiradas na íntegra do site do Ministério da Saúde: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/pse.php>.

## REFERÊNCIAS

Agência Brasil (2011, 08 fevereiro). Prejuízo de empresários da Região Serrana é de meio bilhão de reais. *Jornal do Brasil Digital*. Recuperado em <http://www.jb.com.br/tragedia-na-serra/noticias/2011/02/08/prejuizo-de-empresarios-da-regiao-serrana-edo-meio-bilhao-de-reais/>.

Agência Brasil. (2015, 27 de abril). Vulcão calbuco – Chile. Diário Catarinense. Recuperado em <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2015/04/chile-mantem-alerta-para-nova-erupcao-do-vulcao-calbuco-4748356.html>>.

Alves, R. B. Lacerda, M. C. & Legal, E. J. (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em Estudo*,17(2). <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000200014>.

Anderson, M. B. (1994). ¿Qué cuesta más, la prevención o la recuperación? In Lavell, A. *Ciencias sociales, desastres: una perspectiva norteamericana* (pp. 7-25). Red de estudios sociales en prevención de desastres en América Latina. Recuperado em [http://www.desenredando.org/public/libros/1994/anrg/anrg\\_cap01-QCM\\_oct-8-2002.pdf](http://www.desenredando.org/public/libros/1994/anrg/anrg_cap01-QCM_oct-8-2002.pdf).

Anjos, F. A., Barros, R. B. (s/d). A recente produção social do bairro cidade nova em Itajaí, Santa Catarina – Brasil. Recuperado em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/09.pdf>.

Associação Americana de Psicologia. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V- 5.ed. Porto Alegre, RS: Artmed.

Aumond, J. J. et al. (2009). Condições naturais que tornam o vale do Itajaí sujeito aos desastres. *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política* (pp. 140-147). Blumenau: Agência de Águas do Vale do Itajaí.

Baleeiro, M. C. (2009). Brincando com as palavras: o reencontro da alegria infantil. *Cógito*, 10, 46-50.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (70. ed., Tradução: Reto, L. A.). Lisboa: Portugal.

Bbc. (2016, 8 de outubro). Hurricane Matthew: Haiti south '90% destroyed'. Recuperado em <http://www.bbc.com/news/world-latin-america-37596222>.

Bassols, A. M. S., Dieder, A. L., Czekster, M. V. & Pereira, M. P. (2013). A criança pré-escolar. In Eizirik, C. L. & Bassols, A. M. S. *O ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 127-142). Porto Alegre: Artmed.

Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. (2017). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: RJ, Vozes.

Becker, S. M. (2007). Psychosocial care for adult and child survivors of the tsunami disaster in India. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 18(3), 275-279. doi: 10.1080/09540260600658262.

Betts, J. (2013). Diferença cultural, sofrimentos da identidade e a clínica psicanalítica hoje. *SIG revista de psicanálise*.

Bokszczanin, A. (2007). PTSD Symptoms in children and adolescents 28 months after a flood: age and gender differences. *Journal of Traumatic Stress*, 20(3), 347-351. doi: 10.1002/jts.20220.

Borges, G. M. (2012). Fundamentos da neurose traumática. In G. M. Borges. *Neurose traumática: fundamentos e destinos* (pp. 17-35). Curitiba: Juruá.

Borghelotti, E. (2012, 11 de outubro). Defesas Civis municipais apresentam ações para minimizar danos em casos de desastres naturais. Defesa Civil de Joinville. Recuperado em <http://defesacivil.joinville.sc.gov.br/noticia/103+Defesas+Civis+municipais+apresentam+a%C3%A7%C3%B5es+para+minimizar+danos+em+casos+de+desastres+naturais.html>.

Brandão, C., Ribeiro, J. & Costa, A. P. (2018). Investigação qualitativa: em que ponto estamos? *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(1). 10.1590/1413-81232018231.27992017

Brasil. Regulamenta a Medida Provisória nº 494 de 2 de julho de 2010, para dispor sobre o Sistema Nacional de Defesa Civil. Decreto nº 7.257, de agosto de 2010. Recuperado em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/Decreto/D7257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7257.htm).

Canavêz, F. (2015). O trauma em tempos de vítimas. *Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(1), 39-50. <https://dx.doi.org/10.1590/S151614982015000100004>

Carballo, M., Heal, B. & Horbaty, G. (2006). Impact of the tsunami on psychosocial health and well-being. *International Review of Psychiatry*, 18(3), 217-223.

Cardoso, M. R. (2011). Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Rev.Latinoam. Psicopat. Funda*, 14(1), 70-82. <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142011000100005>.

Carmo, R. L. & Anazawa, T. M. (2014). Mortalidade por desastres no Brasil: o que mostram os dados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(9), 3669-3681. doi: 10.1590/1413-81232014199.07432014.

Castillo, E. (2017, 9 de setembro). Furacão Irma: a trajetória da maior tempestade do Atlântico: Ciclone se dirige para a costa norte de Cuba e para a Flórida. Recuperado em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/08/internacional/1504859766\\_354022.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/08/internacional/1504859766_354022.html).

Cénat, J. M. & Derivois, D. (2015). Long-term outcomes among child and adolescent survivors of the 2010 haitian earthquake. *Depress Anxiety*, 32, 57-63. doi:10.1002/da.22275.

Cénat, J. M., Eid, P., Derivois, D., Hébert, M. & Clorméus, L. A. A pedra que chora suas vítimas: o Haiti ainda se recupera de seus ferimentos e traumas 5 anos após o terremoto de 2010.

Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. (2012). Atlas Brasileiro de Desastres Naturais 1991 a 2010: volume Brasil. Florianópolis: CEPED, UFSC.

Cogo, A. S. et al. (2015). A psicologia diante de emergências e desastres. In Franco, M. H. P. A psicologia diante de emergências e desastres (pp. 17-60). São Paulo: Summus.

Cohen, R. E. (2002). Mental health services for victims of disasters. *World Psychiatry* 1(3), 149-152.

Conselho Nacional de Justiça. (2016). O que faz um conselho tutelar? Recuperado em [http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/83767-cnj-servico-o-que-faz-um-conselho\\_tutelar](http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/83767-cnj-servico-o-que-faz-um-conselho_tutelar).

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (2005, 08 de fevereiro). Indonésia a resposta humanitária desde o tsunami: Relatório de operações. Recuperado em <<http://www.icrc.org/por/resources/documents/update/6e8gfv.htm>>.

Comitê do Itajaí (2010). Diagnóstico da dinâmica social da bacia. Recuperado em [http://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib\\_top/DHRI/Planos%20de%20Bacias/Plano%20da%20Bacia%20Hidrografica%20do%20Rio%20Itajai/cap-A4.pdf](http://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib_top/DHRI/Planos%20de%20Bacias/Plano%20da%20Bacia%20Hidrografica%20do%20Rio%20Itajai/cap-A4.pdf).

Commers, M. J., Morival, M. & Devries, M. W. (2012). Toward best-practice post-disaster mental health promotion for children: Sri Lanka. *Health Promotion International*, 29(1). doi:10.1093/heapro/das047.

Conte, B. de S. (2014). Testemunho: reparação do trauma é possível? In Sigmund Freud Associação Psicanalítica. *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias* (pp.83-94). Porto Alegre: Criação Humana.

Cordero, V. M. A., Repetto, P. B. & Arbour, M. C. (2013). Lo que nos enseña el 27F en Chile sobre el impacto de un desastre natural en la salud infantil. *Rev Chil Pediatr*, 84 (1),10-19.

Costa, A. M. da, Pacheco, M. L. L. & Perrone, C. M. (2016). Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre na boate Kiss. *Revista Subjetividades*, 16(1), 155-165.

Cunha, M., & Borges, L. (2016). The Trauma from the perspective of mothers of juvenile victims of family violence. *Journal of Human Growth and Development*, 26(1), 101-111.  
doi:<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.113786>

Creswell, J. (2007). *Procedimentos qualitativos. Projetos de pesquisa – métodos qualitativo, quantitativo e misto* (pp.184-209). Porto Alegre: Artmed.

D'Ávila, E. (1982). *Pequena história de Itajaí*. Prefeitura Municipal de Itajaí: Itajaí.

Dass-Brailsford, P., Thomley, R. S. H., Talisman, N. W., & Unverferth, K. (2015). Psychological effects of the 2010 Haitian earthquake on children: An exploratory study. *Traumatology*, 21(1), 14-21.  
<http://dx.doi.org/10.1037/trm0000015>.

Defesa Civil de Itajaí. (s/d). Mapa com o levantamento da enchente de 2011. Recuperado em <http://defesacivil.itajai.sc.gov.br/c/mapas>.

Defesa Civil de Itajaí. (s/d). Histórico da Defesa Civil de Itajaí. Recuperado em <https://defesacivil.itajai.sc.gov.br/c/historico>.

Defesa Civil de Itajaí. (s/d). Mapa com os bairros de Itajaí. Recuperado em <http://defesacivil.itajai.sc.gov.br/c/abrigos-inundacao>.

Demir, T. et al. (2010). Some clinical characteristics of children who survived the Marmara earthquakes. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 19, 125-133.

Derbli, M. (2010). Quando a terra treme. *ComCiência*, 117.

Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos*. Monografia apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Recuperado em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>.

Diário. (2013, 8 de julho). Radialista apresenta o bairro cidade nova aos moradores de Itajaí. Recuperado em <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/07/radialista-apresenta-o-bairro-cidade-nova-aos-moradores-de-itajai-4192576.html>.

Estadão. (2011, setembro 09). Enchentes em Santa Catarina podem ser piores que as de 2008. Estadão. Recuperado em [noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/09/08/enchentes-em-sc-podem-ser-piores-que-as-de-2008.jhtm](http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/09/08/enchentes-em-sc-podem-ser-piores-que-as-de-2008.jhtm).

Fairbank, J. A. & Fairbank, D. W. (2009). Epidemiology of Child Traumatic Stress. *Anxiety Disorders*, 11, 289-295.

Fávero, M. H. & Salim, C. M. R. (1995). A relação entre os conceitos de saúde, doença e morte: utilização do desenho na coleta de dados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(3), 181-191.

Fávero, E. & Sarriera, J. C. (2014). Impactos da seca no bem-estar psicológico de agricultores familiares do Sul do Brasil. *Temas em Psicologia*, 22(4), 809-822. doi: 10.9788/TP2014.4-11.

Favero, E., Sarriera, J. C. & Trindade, M. C. (2014). O desastre na perspectiva sociológica e psicológica. *Psicologia em estudos*, 19(2), 201-209. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-737221560003>.

Felix, E., et al. (2011). Natural Disaster and Risk of Psychiatric Disorders in Puerto Rican Children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(4), 589-600. <http://doi.org/10.1007/s10802-010-9483-1>.

Fenichel, O. (2005). O desenvolvimento psíquico inicial: desenvolvimento dos instintos, sexualidade infantil. In Fenichel, O. *Teoria psicanalítica das neuroses* (pp.49-89). São Paulo: Editora Atheneu.

Fernandes, G. C. M. & Boehs, A. E. (2013). Mudanças das rotinas familiares na transição inesperada por desastre natural. *Esc Anna Nery*,

17(1), 160-167. . <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000100022>.

Ferreira, M. H. M. & Araújo, M. S. (2013). Idade escola: latência (6 a 12 anos). In Eizirik, C. L. & Bassols, A. M. S. O ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica (pp. 143-153). Porto Alegre, Artmed.

FG. (2006, 27 de dezembro). As maiores catástrofes naturais de 2016. Recuperado em <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/sismo/as-maiores-catastrofes-naturais-de-2016>.

Fontanella, B. J. B. et al. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, 22(7), 389-394. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

Franks, B. A. (2011). Moving targets: A developmental framework for understanding children's changes following disasters. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32, 58-69. 10.1016/j.appdev.2010.12.004.

Freitas, C. M. de, Carvalho, M. L., Ximenes, E. F., Arraes, E. F. & Gomes, J. O. (2013). Vulnerabilidade socioambiental, redução de riscos de desastres e construção da resiliência – lições do terremoto no Haiti e das chuvas fortes na Região Serrana, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(6), 1577-1586. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000600021>.

Freud, A. (1987). A avaliação de normalidade na infância. In A. F. Infância normal e patológica (pp. 52-97). Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnicas e outros textos (pp. 108-121). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1915). Considerações atuais sobre a guerra e o morrer. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. Introdução ao narcisismo: ensaios e metapsicologia e outros textos (pp. 209-229). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1915-1916). Fixação em traumas – o inconsciente. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. Conferências introdutórias sobre psicanálise (pp.25-32). Rio de Janeiro: Imago, volume XVI, 2010.

Freud, S. (1915-1917). Luto e melancolia. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. Introdução ao narcisismo: ensaios e metapsicologia e outros textos (pp. 170-194). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1919). Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (pp. 382-388). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (pp. 161-239). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1932). Por que a guerra? Carta a Einstein (Souza, P. C. de Trad.). In S. Freud. O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (pp. 417-435). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1951). Inhibition, symptôme et angoisse. Paris: PUF.

Friese, S. (2013). Atlas. ti 7.1 user guide and reference. Berlin.

Recuperado em

<[http://atlasti.com/wpcontent/uploads/2014/05/atlasti\\_v7\\_manual\\_201312.pdf?q=/uploads/media/atlasti\\_v7\\_manual\\_201312.pdf](http://atlasti.com/wpcontent/uploads/2014/05/atlasti_v7_manual_201312.pdf?q=/uploads/media/atlasti_v7_manual_201312.pdf)>.

Garcia-Roza, L. A. (2009a). O discurso da pulsão: Os três ensaios sobre a sexualidade. In Garcia-Roza, L. A. Freud e inconsciente (pp. 93-108). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Garcia-Roza, L. A. (2009b). A pré história da psicanálise – O projeto de 1895. In Garcia-Roza, L. A. Freud e inconsciente (pp. 42-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garfin, D. R. et al. (2014). Children's reactions to the 2010 Chilean earthquake: the role of trauma exposure, family context, and school-based mental health programming. *Professional Psychology: Research and Practice*, 6(5), 563-573. <http://dx.doi.org/10.1037/a0036584>.

Garland, C. (2015). Abordagem psicodinâmica do paciente traumatizado. In Eizirik, C. L.; Aguiar, R. W. & Schestatsky. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos clínicos* (pp.704-722). Porto Alegre: Artmed.

Garrett, A. L. et al. (2007). Children and Megadisasters: Lessons Learned in the New Millennium. *Advances in Pediatrics*, 54. <https://doi.org/10.7916/D8NC69XT>.

G1. (2015, 27 de abril). Terremoto no Nepal. Recuperado em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/04/terremoto-afeta-8-milhoes-de-pessoas-no-nepal.html>.

Gil, A. C. (2002). Como classificar as pesquisas. In Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa* (pp. 41-55). São Paulo: Atlas

Gil, A. C. (2008). Pesquisa social. In Gil, A. C *Métodos e técnicas de pesquisa social* (pp. 26-31). São Paulo: Atlas.

Goldsmid, R., Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-787.

Gomes, D. B. “No tempo da enchente de 2008”: redes de emergência e de solidariedade em face da catástrofe em Itajai, SC. Recuperado em <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/21089/pdf>.

Gomes, E. R. B. & Cavalcante, A. C. S. (2012). Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchentes em Teresinha-PI. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 720-728. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000300025>.

González-Rey, F. L. (2005). O compromisso ontológico na pesquisa qualitativa. In González-Rey, F. L. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação (pp.1-28). São Paulo: Cengage Learning.

González-Rey, F. L. (2011). Os processos de generalização do conhecimento e a definição dos campos do conhecimento produzido. In González-Rey, F. L. Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios (pp. 161-181). São Paulo: Cengage Learning.

Guha-Sapir D., Hoyois Ph. & Below, R. (2013). Annual Disaster Statistical Review 2013: The Numbers and Trends. Brussels: CRED.

Guha-Sapir D, Hoyois Ph. & Below. R. (2016). Annual Disaster Statistical Review 2015: The Numbers and Trends. Brussels: CRED.

Guha-Sapir D., Vos F., Below R. & Ponserre, S. (2012). Annual Disaster Statistical Review 2011: The Numbers and Trends. Brussels: CRED.

Gray, D. E. (2012). Desenhos de pesquisa: métodos qualitativos. In Gray, D. E. Pesquisa no mundo real (pp. 134-161). Porto Alegre: Penso.

Greig, P. (2004). A passagem ao ato de rabiscar. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita (Trad. Murad, F., pp. 21-29). Porto Alegre: Artmed.

Gregio, C. et al. (2015). O luto desencadeado por desastres. In Franco, M. H. P. A psicologia diante de emergências e desastres (189-228). São Paulo: Summus.

Halpern, R. & Figueiras, A. C. M. (2004). Influências ambientais na saúde mental da criança. *Pediatr*, 80(2), 104-110. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S002175572004000300013>.

Heath, M. A., Nickerson, A. B., Annandale, N., Kemple, A. & Dean B. (2009). Strengthening Cultural Sensitivity in Children's Disaster Mental Health Services. *School Psychology International*, 30(4), 347-373. <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0143034309106944>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2014). Informações sobre a cidade de Itajaí. Recuperado em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420820&search=santa-catarina|itajai>>.

Jaques, A. A. B. (2012). As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. *Trivium*, 4(1), 10-24.

Jaycox, L. H et al. (2007). Schools' mental health responses after hurricanes Katrina and Rita. *Psychiatric Services*, 58(10), 1339-1343. 10.1176/appi.ps.58.10.1339.

Kar, N. (2009). Psychological impact of disasters on children: review of assessment and interventions. *World J Pediatr*, 5(1), 5-11.

Kegler, P. & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 48(1), 171-190.

Kobiyama, M. et al. (2006). Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos. Curitiba: Ed. Organic Trading.

Kuhnen, A. (2009). Meio Ambiente e vulnerabilidade. A percepção ambiental de risco e o comportamento humano. *Geografia*, 18(2), 37-52.

Kusnetzoff, J. C. (1982). Etapas da evolução psicosssexual – características da sexualidade infantil. In Kusnetzoff, J. C. *Introdução à psicopatologia psicanalítica* (pp. 30-84). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Leoni, B., Radford, T. & Schulman, M. (2012). Lições de RRD a partir de quatro desastres. In Leoni, B., Radford, T. & Schulman, M. *O desastre sob o enfoque de novas lentes: para cada efeito, uma causa* (Trad. Cartagena, S. M.), (pp. 96-108). São Paulo: Care Brasil.

Lima, C. de C. (2005, Janeiro 01). A fúria de vulcano em Pompéia. Aventuras na história. Recuperado em <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/furia-vulcano-pompeia-433930.shtml>.

Lowe, S. R., Godoy, L., Rhodes, J. E., & Carter, A. (2013). Predicting Mothers' Reports of Children's Mental Health Three Years after Hurricane Katrina. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34(1), 17-27.

Maldonado, G. & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psic. Clíni*, 21(1), 45-57.

Masten, A. S. & Osofsky, J. D. (2010). Disasters and their impact on child development: Introduction to the special section. *Child Dev.*, 81(4), 1029-39. 20636680.

Marcelli, D. & Cohen, D. (2010). O estresse e o traumatismo. Fatores de risco e transtornos reacionais ou da adaptação. In Marcelli, D. & Cohen, D. *Infância e psicopatologia*. (pp. 398-406). Porto Alegre: Artmed.

Marchezini, V. (2009). Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In Valencio, N., Siena, M., Marchezini, V. & Gonçalves, J. C. *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. (pp. 48-57). São Carlos: RiMa Editora.

Mattedi, M. A. (2008). A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a Psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(1), 162-173.

Mattedi, M. A., Frank, B., Sevegnani, L. & Bohn, N. (2009). O desastre se tornou rotina. In Frank, B. & Sevegnani, L. *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política* (pp. 14-21). Blumenau: Agência de Águas do Vale do Itajaí.

McFarlane, A. C. & Van Hooff, M. Learning for the future: The challenge of disaster research. *Centre for Traumatic Stress Studies*, 48(7), 600-602. <https://doi.org/10.1177/0004867414539236>.

Mello, R., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2015). Das demandas ao dom: as crianças pais de seus pais. *Revista Subjetividades*, 15(2), 214-221.

- Menezes, M., Moré, C. L. O. & Cruz, R. M. (2008). O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. *Avaliação psicológica*, 7(2), 189-198.
- Mercuri, A. M. A. & Angelique, H. L. (2004). Children's responses to natural, technological, and na-tech disasters. *Community Mental Health Journal*, 40(2), 167-175. 10.1023/B:COMH.0000022735.38750.f2.
- Minayo, M. C. de S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciências & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.
- Minayo, M. C. de S (2017a). Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(1), 16-17. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017221.30302016>.
- Minayo, M. C. de S (2017b). Amostragem e saturação em pesquisas qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-12.
- Minervino, A. C., & Duarte, E. C. (2016). Danos materiais causados à Saúde Pública e à sociedade decorrentes de inundações e enxurradas no Brasil, 2010-2014: dados originados dos sistemas de informação global e nacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 685-694. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.19922015>
- Ministério da Integração Nacional. (2007). Brasil. Secretaria de Defesa Civil. Política Nacional de Defesa Civil. Brasília.
- Ministério da Integração Nacional. (2010). Brasil. Secretaria Nacional da Defesa Civil. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Gestão de Riscos e de Desastres: Contribuições da Psicologia. Florianópolis: Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres.
- Ministério da Integração Nacional. (2011). Anuário brasileiro de desastres naturais. Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres. Brasília: CENAD. Recuperado em [http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=e3cab906-c3fb-49fa-945d-649626acf790&groupId=185960](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e3cab906-c3fb-49fa-945d-649626acf790&groupId=185960).

Mitsopoulou, L. & Derivois, D. (2014). Les effets thérapeutiques des groupes de parole auprès d'enfants victimes de catastrophes naturelles en Haïti. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 62, 342-348. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neurenf.2014.04.002>.

Molinari, J. S. de O., Silva, M. de F. M. C. & Crepaldi, M. A. (2005). Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as ações na atenção básica. *Psicologia Argumento*, 23(43), 17-26.

Moresi, E. (2003). Metodologia da pesquisa. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Brasília, DF.

Nikapota, A. (2006). After the tsunami: A story from Sri Lanka. *International Review of Psychiatry*, 18(3), 275-279. 10.1080/09540260600658262.

Oliveira, S. R. (2014). É possível dizer adeus? Repercussões de múltiplas perdas e desaparecimento de pessoas em contexto de desastre. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.

Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. (2014). Desastres naturais e saúde no Brasil. Brasília, DF: OPAS.

O Sol Diário (2013, 22 de setembro). Itajaí abre o primeiro abrigo para receber famílias que podem ficar desabrigadas. Recuperado em <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/2013/09/itajai-abre-oprimeiro-abrigo-para-receber-familias-que-podem-ficar-desabrigadas-4277549.html>.

Pan American Health Organization. (2011). The earthquake: 12 January 2010. In Goyet, C. de V.de, Sarmiento, J. P. & Grünewald, F. Health response to the earthquake in Haiti January 2010: lessons to be learned for the next massive sudden-onset disaster (pp. 11-19). Washington, D.C: PAHO.

Pereira, M. E. C. (2008). A noção de “desamparo” no pensamento freudiano. In Pereira, M. E. C. Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico (pp.124-133). São Paulo: Editora Escuta.

- Perrone, G. & Moraes, E. G. de. (2014). Do trauma ao testemunho: caminho possível de subjetivação. In Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias (pp.1-31). Porto Alegre: Criação Humana.
- Perry, R. W. (2007). What is a disaster? In Rodriguez, H.; Quarantelli, E. L. & Dynes, R. R. Handbook of disaster research. (pp. 1-15). Springer Science: New York.
- Piyavhatkul, N., Pairojkul, S. & Suphakunpinyo, C. (2008). Psychiatric disorders in tsunami-affected children in ranong province, Thailand. *Med Princ Pract*, 17, 290-295.10.1159/000129608.
- Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Itajaí. (2010). Fundação Agência de Água do Vale do Itajaí. Recuperado em [http://srv2.lemig.umontreal.ca/donnees/Projet%20Bresil/dados/3%20vale/plano%20bacia%20itajai%20doc\\_sintese%202010.pdf](http://srv2.lemig.umontreal.ca/donnees/Projet%20Bresil/dados/3%20vale/plano%20bacia%20itajai%20doc_sintese%202010.pdf).
- Poletto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.
- Proctor, L. J. et al. (2007). Family context and young children's responses to earthquake. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(9), 941-949. 10.1111/j.1469-7610.2007.01771.x.
- Quezadas-Barahona, A. L. & Pérez-Castro, J. (2012). Análisis exploratorio de un modelo para el manejo de desastres en niños tabasqueños. *Psicología Iberoamericana*, 20(2), 66-73.
- Raccanello, D., Burro, R. & Hall, R. (2017). Children's emotional experience two years after an earthquake: An exploration of knowledge of earthquakes and associated emotions. *PLoS ONE*, 12(12). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189633>.
- Reis, A. M., & Carvalho, L. de F. (2016). Produção científica sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático no contexto de desastres. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 237-247.

Resolução nº 466 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> >.

Ribeiro, J., Vieira, R. & Tômio, D. (2017). Análise da percepção do risco de desastres naturais por meio da expressão gráfica de estudantes do Projeto Defesa Civil na Escola. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 42, 202-223. 10.5380/dma.v42i0.46271.

Rodrigues, S. da S. (2009). A atualidade do projeto freudiano de 1895. *Transformações em Psicologia*, 2(2), 100-113.

Romano, H., Marichez, H. & Baubet, T. (2012) *Prise en charge groupale d'enfants et d'adolescents xposés à un événement traumatique. Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 60, 383-389.

Romano, H. (2013). Quelles sont les réactions possibles en difféé? In Romano, H. *L'enfant face au traumatisme* (pp.36-83). Dunod, Paris.

Roldán, B. E. E. & Farbiarz, J. F. (2005). El terremoto y posterior tsunami del 26 de diciembre de 2004 en indonesia. *Dyna*, 72(145), 85-90.

Samagaia, J. & Angioni, M. (2009). Situação dos desabrigados/atingidos pelo desastre e assistência (des) organizada. In Frank, B. & Sevegnani, L. *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política* (pp. 140-147). Blumenau: Agência de Águas do Vale do Itajaí.

Santos, C. F. dos. (2010). *A enchente em Itajaí (SC): relatos, percepções e memórias. Dissertação do Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis, SC.*

Santos, C. F. dos, Tornquist, C. S., Marimon, M. P. C. (2014). Indústria das enchentes: impasses e desafios dos desastres socioambientais no Vale do Itajaí. *Geosul*, 29(57),197-216.

Sartori, J. & Valêncio, N. (2016). O desastre vivenciado: a importância da Memória social de idosos através da análise do caso de São Luiz do Paraitinga. *Repocs*, 13(26), 182-214.

Sapienza, G. & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em estudos*, 10(2), 209-216. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>.

Sarnoff, C. A. (1995). *Estratégias psicoterapêuticas nos anos de latência*. Porto Alegre: Artmed.

Scheeringa, M. S. & Zeanah, C. H. (2008). Reconsideration of harm's way: onsets and comorbidity patterns of disorders in preschool children and their caregivers following Hurricane Katrina. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(3), 508-518. 10.1080/15374410802148178.

Schettini, C. A. F. (2002). Caracterização física do estuário do Rio Itajaí-açu, SC. *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, 7(1), 123-142.

Schiestl, S. (2013, Julho 08). Enchente de 1983: Itajaí também sofreu com as cheias. Notícias do dia. Recuperado em <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/84678-enchente-de-1983-itajai-tambem-sofre-com-as-cheias.html>.

Secretaria da Defesa Civil. (1999). *Manual de planejamento em defesa civil*. Brasília, DF: imprensa nacional.

Silva, M. M. (2014). *Trauma e solidariedade: um estudo psicanalítico*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.

Silva, J., & Menezes, J. (2016). O risco de desastre e as cidades: uma análise discursiva sobre práticas em Defesa Civil. *Revista de Ciências Humanas*, 50(2), 528-547. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2016v50n2p528>.

Silveira, M. D., & Barros, A. F. O. (2018). A escuta do traumático: sobre reconstruções impossíveis na solidão (pp.). In Clínica do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA.

Sistema de Informações sobre Recursos Hídricos do Estado de Santa Catarina. (s/d). Recuperado em [http://www.sirhesc.sds.sc.gov.br/sirhsc/conteudo\\_visualizar\\_dinamico.jsp?idMenu=459&idEmpresa=38](http://www.sirhesc.sds.sc.gov.br/sirhsc/conteudo_visualizar_dinamico.jsp?idMenu=459&idEmpresa=38)

Spignesi, S. J. (2002). As 100 maiores catástrofes da história. Grupo Editorial Record: Difel.

Torlai, V. C. (2010). A vivência do luto em situações de desastres naturais. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

Trinca, W. (2013). Formas tradicionais de aplicação. In Trinca, W. (Eds.). Procedimento de desenho-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões (pp.13-26). São Paulo: Vetor.

Trinca, W. & Martão, M. I. S. (2013). Um modelo de pesquisa qualitativa com a utilização do procedimento de desenhos-estórias. In Trinca, W. (Eds.). Procedimento de desenho-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões (pp. 303-338). São Paulo: Vetor.

Trinca, W. & Tardivo, L. S. L. P. (2000). Desenvolvimentos do procedimento de desenhos-estórias (D-E). In Cunha, J. A. (Eds.). Psicodiagnóstico – V. Porto Alegre: Artmed.

Tufnell, G. (2009). Working with children who have trauma-related disorders. *Psychiatry*, 319-321.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-14. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>.

Valêncio, N. F. L. S, Siena, M., Marchezini, V. & Lopes, D. C. (2007). O desastre como desafio para a construção de uma hermenêutica diatópica entre o estado e os afetados. *Cronos*, 8(1), 81-100.

- Vasconcelos, D. C. de., & Coêlho, A. E. L. (2013). Vivendo o risco de enchentes: relatos de moradores de Campo Grande/MS. *Psico-USF*, 18(2), 299-308. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000200013>.
- Vijayakumar, L., Kannan, G. K. & Daniel, S. J. (2006). Mental health status in children exposed to tsunami. *International Review of Psychiatry*, 18(6), 507-513. 10.1080/09540260601037581.
- Vijayakumar, L., Kannan, G. K., Kumar, B. G. & Devarajan, P. (2006). Do all children need intervention after exposure to tsunami? *International Review of Psychiatry*, 18(6), 515-522.
- Wagner, A. G. (2009). Custos da recuperação, contabilização dos prejuízos e impactos na economia regional. In Frank, B. & Sevegnani, L. *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política* (pp. 130-137). Blumenau: Agência de Águas do Vale do Itajaí.
- Wamser-Nanney, R. & Chesher, R. E. (2018). Trauma characteristics and sleep impairment among trauma-exposed children. *Child Abuse Neglect*, 76, 469-479. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.11.020.
- Wolmer, L., et al. (2005). Teacher-Mediated Intervention after Disaster: A Controlled Three-Year Follow-Up of Children's Functioning. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, (46)11, 1161-1168.
- Xinhua Li, M. P. H, et al. (2010). A study on the relationship between posttraumatic stress disorder in flood victim parents and children in Hunan, China. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 44(6), 543-550.
- Zhang, Y. et al. (2010). Mental health and coping styles of children and adolescent survivors one year after the 2008 Chinese earthquake. *Children and Youth Services Review*, 32, 1403-1409. 10.1016/j.childyouth.2010.06.009.



## APÊNDICES

### APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, *Maiara Pereira Cunha*, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados de minha Tese de doutorado, sob orientação do Prof. Dra. Lucienne Martins Borges. Esta pesquisa se intitula como: “Repercussões psicológicas do desastre natural: o que dizem as crianças do Vale do Itajaí/SC” e tem como objetivo principal compreender as repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastres naturais. Você é convidado a dialogar sobre o referido tema, por meio de uma entrevista semiestruturada. A criança pela qual você é responsável, também será convidada a participar com a realização de desenhos e na sequência, será convidada para uma entrevista semiestruturada. Cabe destacar, que as entrevistas e aplicação da técnica do desenho serão gravados em áudio para facilitar a análise dos dados, desde que seja consentido por você - participante -. Após o uso das gravações para a presente pesquisa a pesquisadora destruíra o material.

Esta pesquisa pode sensibilizar os participantes, por isso vocês poderão solicitar atendimento psicológico a pesquisadora, a qual os encaminhará aos serviços da rede de saúde ou à clínica escola da região. Dentre os benefícios de se participar da presente pesquisa, espera-se que você e a criança possam ter um espaço de escuta qualificada. A sua participação é absolutamente voluntária, portanto não será remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer

esclarecimento, no entanto em nenhum momento poderá ser fornecido qualquer tipo de ajuda financeira e ou ressarcimento da pesquisa, a não ser, que haja algum risco ou dano verificado no processo de coleta de dados, sendo assim, você poderá ser ressarcido.

Você é livre para recusar a dar resposta a qualquer questão durante a entrevista, ou ainda no caso da criança, na realização do desenho. Além disso, vocês podem parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem serem penalizados ou terem algum prejuízo. O seu nome e da criança que você é responsável, ou quaisquer dados que possam identificá-los, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos, os quais mostrarão os principais resultados desta pesquisa sem fazer alusão a identificação dos participantes. Portanto, em nenhum momento o seu nome ou da criança que você é responsável será utilizado, a pesquisadora garante o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados.

Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à Defesa Civil após a defesa da Tese, em data a ser agendada. Com os participantes, serão agendados horários para devolutiva dos resultados.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder, pois é um documento que comprova o nosso contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Uma das pesquisadoras responsáveis também assinará as duas vias, e rubricará todas as páginas. Desta forma, uma das vias permanecerá em seu poder e a outra com as pesquisadoras responsáveis. Sua assinatura neste termo de consentimento pressupõe sua compreensão do objetivo e dos procedimentos do estudo e significa sua aceitação em participar do mesmo.

Qualquer informação a mais, me coloco a sua disposição no seguinte telefone: (47) 9616 47 03, e-mail: [maiara\\_pereira@yahoo.com.br](mailto:maiara_pereira@yahoo.com.br), endereço residencial: Rua Maria da Glória, nº37, Centro, Camboriú, SC. A pesquisadora responsável, professora e Dra. Lucienne Martins Borges também estará a sua disposição no telefone (48) 3721 2799, e-mail: [lucienne.borges@ufsc.br](mailto:lucienne.borges@ufsc.br), endereço profissional: Endereço UFSC: Departamento de Psicologia Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Santa Catarina Campus Universitário – Trindade CEP 88.040-970 – Florianópolis, Santa Catarina - Brasil

Além disso, a pesquisadora responsável que também assina esse documento compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes. A presente pesquisa possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Você também poderá entrar em contato o referido CEPSH pelo telefone: (48) 3721-6094, e-mail:cep.propesq@contato.ufsc.br, ou pessoalmente na Rua: Des. Vitor Lima 222, sala 401. Prédio Reitoria II.

Eu.....  
 ..... responsável ..... pela  
 criança.....  
 ....., RG: \_\_\_\_\_, declaro através deste documento o meu consentimento e da criança que sou responsável, em participar da pesquisa intitulada “Repercussões psicológicas em crianças atingidas por desastre natural na região Sul do Brasil”. Declaro ainda, que estou informado dos objetivos da pesquisa, do método, dos direitos de desistir de realizá-la a qualquer momento e também do anonimato.

Assinatura do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_



## **APÊNDICE II - Roteiro de entrevista com o responsável**

### Dados de identificação do responsável:

Iniciais do nome:

Idade:

Grau de parentesco com a criança:

Estado civil:

Grau de escolaridade:

Ocupação atual:

Religião:

Telefone para contato (contato para posteriormente realizar a devolutiva):

### 1) Identificação dos familiares:

- Composição familiar
- Como se dão as relações entre os familiares e em quais contextos
- Aspectos da religião

### 2) Caracterização do desastre natural:

- Abordar aspectos da enchente de 2011 (investigar como foi para o responsável e para a criança)
- De que maneira foram atingidos? (investigar as perdas materiais, pessoais)
- Houve exposição da criança a alguma situação de perigo durante a enchente?
- Qual(is) local(is) a família foi durante a enchente?
- Investigar se houve algum diálogo de esclarecimento para a criança sobre a enchente antes e após o evento
- Onde o responsável e a criança ficaram (caso seja necessário diferenciar esta informação)
- Investigar se a família foi para algum abrigo (questionar: quanto tempo ficaram; se havia alguma rotina e como era? O que a criança fazia no abrigo? Questionar se havia brinquedo ou algum momento de recreação. O que as crianças faziam a maior parte do tempo).
- Caso não tenham ido ao abrigo, investigar em que local a família ficou. Investigar como foi para o responsável e para a criança ter ficado neste local (questionar: se havia alguma rotina, como era e o que a criança fazia a maior parte do tempo).
- Questionar se a família passou por outras situações de desastre natural, por exemplo, em 2008 (investigar quando, indagar como a criança ficou

e como o responsável a percebeu nos mais variados contextos – casa, escola, comunidade –)

- Indagar o que foi parecido com a enchente de 2008 e quais aspectos mudaram quando se compara a enchente de 2011.

### 3) Identificação de fatores de risco e proteção pré e pós desastre:

- Como o responsável acha que foi aquele período para a criança. O que ele acha que passava na cabeça da criança.

- A criança demonstra lembrar-se da enchente? (investigar de que forma e se tem coisas que acontecem que fazem lembrá-la. A criança já comentou algum sonho/pesadelo relacionado às questões da enchente?)

- Como a criança se sentiu durante e logo após a enchente? Com o passar do tempo o responsável percebeu alguma mudança na criança? (investigar mudanças comportamentais, apetite, sono, relacionamentos, aprendizagem na escola)

- Investigar se a criança possui alguma preocupação relativa à enchente. Investigar que sentimentos parecer surgir quando a criança fala sobre a enchente (caso apareçam).

- Como o responsável reage frente a esses sentimentos.

- Questionar se o responsável percebeu alguma mudança na criança, algo diferente de como ela era antes da enchente.

- Investigar como era a alimentação da criança antes da enchente e como ficou durante e após a mesma (fazer a mesma pergunta, mas atentando-se para: os comportamentos em casa, na escola, a relação com os familiares e com os colegas da escola, aspectos ligados a aprendizagem, sono – duração, qualidade e hábitos –).

### 4) Redes de apoio:

- Investigar se procuraram algum tipo de ajuda para a criança (a quem recorreram? O que estava acontecendo? Se isso já havia acontecido antes da enchente?)

- A criança durante ou após a enchente chegou a ter alguma doença?

- Questionar a rede de apoio durante e após a enchente (investigar se tiveram ajuda dos profissionais da saúde, assistência social, igreja, comunidade ou defesa civil).

5) Verificar se todos os apontamentos foram perguntados, se ficou alguma dúvida dirimi-la. Fazer o fechamento e agradecer o responsável, bem como, questioná-lo sobre o futuro da criança.

**APÊNDICE III** - Roteiro de aplicação desenho estória com tema

- A. Apresentação mútua – pesquisadora e criança –;
- B. Esclarecimentos a respeito da pesquisa e questionamento verbal se a criança gostaria de participar do estudo;
- C. Em caso de aceite, seguiu-se a aplicação respeitando a seguinte ordem:
  - 1. Aplicação do desenho livre:  *você tem essa folha em branco e pode fazer o desenho que quiser. Você olhando para o desenho, pode inventar uma estória dizendo o que acontece. Você pode começar falando a respeito do desenho que fez.*
  - 2. Agora, por favor, *faça um desenho sobre o que você lembra da enchente de 2011. Você olhando para o desenho, pode inventar uma estória dizendo o que acontece. Você pode começar falando a respeito do desenho que fez.*
  - 3. Vamos lá, temos mais alguns desenhos:  *agora eu gostaria de saber o que você sentiu durante a enchente e o que você fez com esses sentimentos. Você olhando para o desenho, pode inventar uma estória dizendo o que acontece. Você pode começar falando a respeito do desenho que fez.*
  - 4. Vamos lá, por favor,  *eu gostaria que você fizesse um desenho sobre o que você sentiu após a enchente e o que você fez com esses sentimentos. Você olhando para o desenho, pode inventar uma estória dizendo o que acontece. Você pode começar falando a respeito do desenho que fez.*
  - 5. Estamos no último desenho, vamos lá,  *eu gostaria que você desenhasse o que ou quem te ajudou – deu forças – durante a enchente. Você olhando para o desenho, pode inventar uma estória dizendo o que acontece. Você pode começar falando a respeito do desenho que fez.*



## **APÊNDICE IV - Roteiro de entrevista com a criança**

### Dados de identificação da criança:

Iniciais do nome:

Idade:

Grau de escolaridade:

Religião:

### 1) Caracterização do desastre natural:

- Abordar aspectos da enchente de 2011 (investigar como foi para a criança ter passado pela enchente)
- De que maneira foram atingidos? (investigar as perdas materiais, pessoais)
- Investigar se a criança teve medo de algo durante a enchente
- Investigar para onde a criança foi e com quem
- Investigar se houve algum diálogo de esclarecimento para a criança sobre a enchente (se sim, como a mesma ficou após a explicação)
- Investigar se a criança foi em algum abrigo (questionar: quanto tempo ficou; se havia alguma rotina e como era? O que a criança fazia no abrigo? Questionar se havia brinquedo ou algum momento de recreação. O que as crianças faziam a maior parte do tempo).
- Caso não tenham ido ao abrigo, investigar em que local a criança ficou. Investigar como foi para a criança ter ficado neste local (questionar: o que a criança lembra desses dias; o que ficava pensando e sobre o que eram essas pensamentos).
- Questionar se a criança lembra de ter passado por outras situações de desastre natural, por exemplo, em 2008 (investigar quando, indagar como a criança ficou nos mais variados contextos – casa, escola, comunidade –)
- Indagar o que foi parecido com a enchente de 2008 e quais aspectos mudaram quando se compara a enchente de 2011 (apenas se a criança lembrar).

### 2) Identificação de fatores de risco e proteção pré e pós desastre:

- Indagar se tem coisas que acontecem que fazem a criança se lembrar da enchente de 2011. Investigar sentimentos e pensamentos.
- Questionar se a criança perdeu algo (ou alguém) nesse evento (investigar jogos, brinquedos ou pessoas que a criança gostava).
- Como a criança se sentiu durante e logo após a enchente? Com o passar do tempo se a criança percebeu alguma mudança em si?

(investigar mudanças comportamentais, apetite, sono, relacionamentos, aprendizagem na escola, brincadeiras)

- Investigar como era a alimentação da criança antes da enchente e como ficou durante e após a mesma (fazer a mesma pergunta, mas atentando-se para: os comportamentos em casa, na escola, a relação com os familiares e com os colegas da escola, aspectos ligados a aprendizagem, sono – duração, qualidade e hábitos –)

### 3) Redes de apoio:

- Investigar se a criança lembra ter recebido algum tipo de ajuda durante ou depois do período da enchente (investigar lembranças do que estava acontecendo, quem o ajudou e de forma foi essa ajuda)

- Questionar se após a enchente a criança chegou a ir ao médico ou foi a outros profissionais (a quem recorreu? O que estava acontecendo? Se isso já havia se repetido antes da enchente. Questionar se a criança já teve outras doenças antes da enchente)

5) Verificar se todos os apontamentos foram perguntados, se ficou alguma dúvida dirimi-la. Fazer o fechamento e agradecer a criança, bem como, questioná-la sobre o que gostaria de fazer daqui alguns anos (onde gostaria de estar e fazendo o que?).

**APÊNDICE V** - Apresentação das categorias referente às entrevistas com os familiares

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE
1. A ENCHENTE	1.1 O período que antecedeu a enchente	1.1.1 O inesperado: enchente de 2008 1.1.2 O esperado: enchente de 2011
	1.2 O período durante a enchente	1.2.1 Mudança na rotina familiar
	1.3 O período pós-enchente	1.3.1 Perdas materiais 1.3.2 Reconstrução
2. A ENCHENTE E SUAS REPERCUSSÕES	2.1 Sintomas durante a enchente	2.1.1 Ansiedade 2.1.2 Medo
	2.2 Sintomas após a enchente	2.2.1 Alegria
	2.3 Sintomas psíquicos decorrentes da enchente	2.3.1 Pesadelo 2.3.2 Hipervigilância 2.3.3 Esquecimento
3. FATORES DE RISCO	3.1 Fatores de risco pré-enchente	3.1.1 Vulnerabilidade social 3.1.2 Vínculos familiares fragilizados
	3.2 Fatores de risco pós-enchente	3.2.1 Silenciamento sobre a enchente
4. FATORES DE PROTEÇÃO	4.1 Fatores de proteção pré-enchente	4.1.1 Desempenho escolar
	4.2 Fatores de proteção pós-enchente	4.2.1 Brincadeira 4.2.2 Cuidados maternos 4.2.3 Solidariedade 4.2.4 Acolhimento na escola
5. REDES DE APOIO	5.1 Durante e após o período da enchente	5.1.1 Familiares

Nota: Elaborado pela autora desta tese.



**APÊNDICE VI - Apresentação das categorias referente às entrevistas das crianças**

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	UNID.DE ANÁLISE
1. A ENCHENTE	1.1 O período que antecedeu a enchente	1.1.1 Lembranças de 2008 1.1.2 A preparação em 2011
	1.2 O período durante a enchente	1.2.1 Mudança na rotina familiar
	1.3 O período pós-enchente	1.3.1 Perdas materiais 1.3.2 Reconstrução
2. A ENCHENTE E SUAS REPERCUSSÕES	2.1 Sentimentos durante a enchente	2.1.1 Ambivalência 2.1.2 Tristeza
	2.2 Sentimentos após a enchente	2.2.1 Medo 2.2.2 Alegria
	2.3 Sintomas psíquicos decorrentes da enchente	2.3.1 Hipervigilância 2.3.2 Esquecimento
3. FATORES DE RISCO	3.1 Fatores de risco pré-enchente	3.1.1 Vulnerabilidade social 3.1.2 Vínculos familiares fragilizados
	3.2 Fatores de risco pós-enchente	3.2.1 Silenciamento sobre a enchente
4. FATORES DE PROTEÇÃO	4.1 Fatores de proteção pré-enchente	4.1.1 Fortalecimento de vínculos
	4.2 Fatores de proteção pós-enchente	4.2.1 Brincar 4.2.2 Espiritualidade 4.2.3 Solidariedade 4.2.4 Acolhimento na escola
5. REDES DE APOIO	5.1 Durante e após o período da enchente	5.1.1 Familiares

Nota: Elaborado pela autora desta tese.